



A adolescência e a relação entre pais e filhos no século XXI: um estudo qualitativo de visões sobre visões

Sandra Rafaela Ribeiro dos Santos

Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientação: Professora Doutora Maria Xavier Araújo

Co-orientação: Professora Doutora Ana Conde

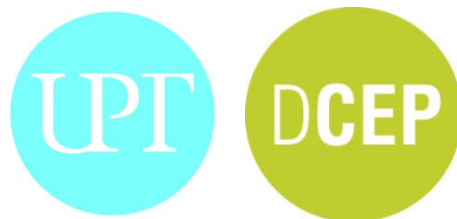
Novembro, 2013



Sandra Rafaela Ribeiro dos Santos

**A adolescência e a relação entre pais e filhos no
século XXI: um estudo qualitativo de visões
sobre visões**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde realizada sob a
orientação da Professora Doutora Maria Xavier Araújo e coorientação da
Professora Doutora Ana Conde



Departamento de Ciências da Educação e do Património

Novembro, 2013



DECLARAÇÃO

Nome: _____

Nº. do BI/CC: _____ Tel/Telem.: _____ e-mail: _____

Curso de Doutoramento/Mestrado em _____

Ano de conclusão: ____/____/____

Título da tese / dissertação

Orientador (es):

Declaro, para os devidos efeitos, que concedo, gratuitamente, à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para além da livre utilização do título e do resumo por mim disponibilizados, autorização, para esta arquivar nos respetivos ficheiros e tornar acessível aos interessados, nomeadamente através do seu repositório institucional, o trabalho supra-identificado, nas condições abaixo indicadas:

[Assinalar as opções aplicáveis em 1 e 2]

1. Tipo de Divulgação:

- Total.
 Parcial.

2. Âmbito de Divulgação:

- Mundial (Internet aberta)
 Intranet da Universidade Portucalense.
 Internet, apenas a partir de 1 ano 2 anos 3 anos – até lá, apenas Intranet da UPT

Advertência: O direito de autor da obra pertence ao criador intelectual, pelo que a subscrição desta declaração não implica a renúncia de propriedade dos respetivos direitos de autor ou o direito de a usar em trabalhos futuros, os quais são pertença do subscritor desta declaração.

Assinatura: _____

Porto, ____/____/____

Agradecimentos

Na conclusão de mais uma etapa académica, não poderia deixar de agradecer aos que me acompanharam, aturaram, ajudaram e motivaram.

Em primeiro lugar agradeço ao meu namorado Nuno, toda a sua disponibilidade, conhecimento e apoio. Agradeço todas as discussões académicas e a possibilidade de ouvir um diferente ponto de vista.

Agradeço também aos meus pais Arménio e Isilda por todo o apoio, esforço e paciência que permitiram este percurso de 5 anos que agora termina. Agradeço pelos conselhos, pela atenção e por todo o esforço para que este caminho pudesse por mim ser percorrido.

Agradeço à minha colega de investigação Elisabete, pela possibilidade de realização de um projeto com inúmeras potencialidades e pela motivação e força que me ajudaram a nunca desistir.

Não posso também deixar de agradecer às orientadoras que me acompanharam, a Doutora Maria Araújo e Doutora Ana Conde, pela sua colaboração, pragmatismo, organização, incentivo, pelos desafios lançados, pelas suas orientações, correções e por todas debates que me fizeram reformular ideias e evoluir como investigadora. Agradeço todos os ensinamentos, que me permitiram ser melhor no futuro.

A todos o meu mais sincero Obrigado, por tudo que me proporcionaram!

A adolescência e a relação entre pais e filhos no século XXI: um estudo qualitativo de visões sobre visões

Resumo

Segundo os pressupostos teóricos do Construcionismo Social e da Abordagem Sistêmica, este estudo pretendeu compreender a adolescência e relação entre pais e filhos neste período, a partir da visão dos próprios pais e filhos e do cruzamento de ambas as visões. Com todas as alterações sociais do século XX, a própria família e a adolescência foram também alvo de profundas mudanças. Para além disso, a adolescência é um período da vida que acarreta profundas alterações não só para o jovem, como também para toda a família. Num mundo de incertezas, orientado para o hedonismo, onde novos perigos parecem estar mais acessíveis aos jovens, urge compreender de que forma adolescentes e pais vivem este período da adolescência no século XXI, os desafios e dificuldades que vivenciam, bem como as estratégias que dizem utilizar para lidarem com os mesmos.

Neste sentido, este estudo, adotando uma metodologia qualitativa, e partindo da realização de *focus groups* em que participaram 13 famílias (15 pais e 13 filhos), procurou aceder e compreender as visões, os significados e a co-construção dos discursos de pais e filhos sobre esta temática. Foram inicialmente levados a cabo *focus group* com pais e adolescentes separadamente. Num segundo momento, através de uma nova metodologia designada por *focus group* circulares, pais e filhos foram solicitados a refletir sobre os pontos de vista uns dos outros. No final foi realizado um *focus group* conjunto.

Os resultados encontrados permitiram verificar a existência de uma conceção da adolescência tardia e como um período não conflituoso. Relativamente aos desafios e dificuldades, pais e filhos destacam, ainda que sob pontos de vista diferentes, a iniciação sexual, a influência do grupo de pares e os perigos da internet. A negociação das saídas não parece constituir uma dificuldade, ao contrário da preparação para a vida adulta. No que diz respeito às estratégias, o conflito parece ter sido substituído pelo diálogo, as relações tornaram-se cada vez mais horizontais, em que pais e filhos se protegem e se controlam mutuamente. Ao invés de os filhos lutarem pela sua autonomia, são os pais que parecem querer incentivá-la, apesar da recusa dos filhos. Ao invés de um

afastamento entre pais e filhos nesta fase, estes referem um movimento de aproximação relacional. No que toca às visões sobre visões, apesar de não se ter verificado grande discordância geracional, os filhos referem sentir-se surpresos com a compreensão que os pais revelam sobre a adolescência, e a nova metodologia utilizada permitiu a pais e filhos a alteração de algumas opiniões sobre determinadas práticas parentais.

No final, são discutidos estes resultados à luz da literatura e apontadas as limitações e potencialidades desta investigação.

Palavras-Chave: adolescência, parentalidade, família, relação pais-filhos, alterações sociais, século XXI, *focus group*, *focus group* circular, conceção da adolescência, desafios e dificuldades, estratégias e comportamentos adotados, visões sobre visões, estudo qualitativo.

The adolescence and the relation between parents and children on the 21th century: a qualitative study about views of views

Abstract

According to the assumptions of social constructionism and systemic approach, this study intended to understand the adolescence and the relation between parents and children in this particular development stage, using the analysis of the views of both, as well the analysis of the their crossing views. With all the social changes of the twentieth century, the family itself and adolescence were subject of profound changes. In addition, the adolescence is a period of life, which profound changes happen, not only for the young adolescent but for the whole family as well. In an uncertain world, oriented to hedonism, where new dangers seem more accessible to the young, it urges to understand how teenagers and parents live this period in this current century, what kind of challenges and difficulties they experience, as well as the strategies they use to live with those challenges and difficulties.

Therefore, this study used a qualitative methodology and using focus groups sessions with 13 families (15 parents and 13 children), it sought to access and understands the views, the meanings and the co-construction of discourses of parents and children on this theme. Initially focus groups were conducted with parents and adolescents separately. Secondly, through a new methodology called “focus groups circular”, the parents and adolescents were asked to reflect on the views of each other. In the final step, took place a session of focus groups with both groups reunited.

The findings revealed the existence of a conception of adolescence as a period that happens increasingly later and as a non-confrontational period. On the challenges and difficulties, parents and their children highlighted, with distinct views, the sexual initiation, the peers influence and the dangers of internet. It seems that the negotiation of the outs do not represent a difficulty, as oppose to the preparation for adulthood. With regard to the strategies, the conflict seems to be replaced by dialogue, the relationships become increasingly more horizontal, wherein parents and adolescents protect and control each other. Instead of the adolescents fight for their autonomy, the parents are the ones who seem to encourage it, despite the refusal of their children. Instead of a gap

between parents and children at this stage, these refer an increase of the relational proximity. With regard to the views, despite the absence of a large generational disagreement, the children refer to feel surprised with the understanding showed by their parents about adolescence. The new methodology allowed as well parents and children to change some opinions on specific parenting practices.

In the end, these results were discussed, in the light of the literature and identified the limitations and potential of this research.

Keywords: adolescence, parenting, family, parent-child relation, social changes, twentieth century, focus group, circular focus group, Conception of adolescence, challenges and difficulties, adopted strategies and behaviors, views of views, qualitative study.

Lista de Abreviaturas e Siglas

APA – *American Psychological Association*

CEAPA - *Confederación Española de Asociaciones de Padres y Madres de Alumnos*

FG – *Focus Group*

GT – *Grounded Theory*

UNICEF – *United Nations Children's Found*

Índices de Tabelas e Figuras

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes.....	54
Tabela 2. Sistema categorial sobre a concepção de adolescência recolhida nos focus groups com Pais e Filhos	68
Tabela 3. Sistema categorial sobre as dificuldades e desafios da adolescência de Pais e Filhos	77
Tabela 4. Sistema categorial das estratégias e comportamentos adotados por Pais e Filhos	87

Índice

Introdução: Um olhar sobre a família do Séc. XXI.....	12
Capítulo 1: Adolescência como construção social - Da antiguidade à Atualidade	15
1.1 Da Roma Antiga ao Séc. XIX.....	15
1.2. Das abordagens intrapsíquicas da adolescência às abordagens sistémicas .	17
1.3. A adolescência na atualidade.....	22
1.3.1. Adolescência como processo de mudança desenvolvimental	23
– O desenvolvimento corporal.....	23
– O desenvolvimento psicossocial.....	25
– O desenvolvimento cognitivo.....	26
– O desenvolvimento psicossocial e moral	27
Capítulo 2: A família com adolescentes: desafios e dificuldades	31
2.1. A autonomização	32
2.2. O afeto, o controlo e os estilos parentais	35
2.3. O conflito	39
2.4. Os irmãos	41
2.5. O grupo de pares	41
2.6. As relações amorosas.....	43
2.7. As escolhas vocacionais	45
Capítulo 3: A visão atual de pais e filhos sobre a adolescência, a parentalidade e as relações familiares	49
3.1. Visões de pais e filhos	49
3.2. Visões sobre a parentalidade e as relações familiares	50
Método.....	52
1. Concetualização do estudo	52
2. Objetivos e questões de estudo	52
3. Participantes.....	53
4. Procedimentos de recolha de dados.....	55
4.1. Questionário sociodemográfico	55
4.2. <i>Focus group</i>	55
4.3. <i>Focus group</i> circular	56

5.	Procedimentos de análise de dados.....	61
	– Grounded Theory.....	61
6.	Questões de rigor e de validade	66
	Resultados.....	67
1.	Visão de pais e de adolescentes	67
	1.1. Conceção sobre a adolescência	67
	1.2. Desafios e dificuldades da adolescência	76
	1.3. Estratégias e comportamentos adotados.....	87
2.	Visões sobre visões.....	95
	2.1. Novos conteúdos emergentes	96
	2.2. Discordância ou descontinuidade entre conteúdos discutidos	98
	2.3. Conteúdos que provocaram surpresa	101
	2.4. Alterações de opinião	101
	Discussão dos resultados	105
	1. Visão de pais e filhos sobre a adolescência.....	105
	2. Visões sobre visões.....	111
	3. Limitações e sugestões para estudos futuros	113
	Conclusão	114
	Referências Bibliográficas.....	117
	Anexos.....	130
	1. Anexo I – Consentimento Informado	130
	2. Anexo II – Questionário Sociodemográfico	132
	3. Anexo III – Tarefas da 3ª sessão.....	134
	3.1. Instruções da 1ª tarefa:	134
	3.2. Folha para a 2ª tarefa:.....	135
	4. Anexo IV – Grelha de excertos selecionados	136
	4.1. <i>Focus Group</i> dos filhos	136
	4.2. <i>Focus Group</i> dos pais.....	140

Introdução: Um olhar sobre a família do Séc. XXI

Segundo o Construcionismo Social, a leitura dos fenómenos assenta na compreensão dos discursos sociais dominantes, segundo o tempo e o lugar em que os mesmos ocorrem, estando portanto em constante mudança. Assim os fenómenos familiares devem ser vistos em função do contexto histórico, social e cultural onde ocorrem. Para o Construcionismo Social o indivíduo elabora significados, a partir tanto da sua própria perceção como das experiências sociais em que se envolve. Estas experiências tornam-se intersubjetivas e devem apenas ser narradas e interpretadas no seu contexto de ocorrência. Desta forma a construção familiar não deve ser separada do contexto em que esta mesma se desenvolve (Costa, 2010).

Tal como a própria sociedade, também a família está em constante evolução. Se anteriormente a família servia o propósito de suprimir as necessidades básicas dos seus elementos, atualmente novas funções são atribuídas à família, nomeadamente em atividades de lazer, como por exemplo o envolvimento dos pais nas brincadeiras dos filhos. Atualmente os pais encontram cada vez mais responsabilidades na tarefa da parentalidade, que originam novas dificuldades à medida que os filhos crescem (Marques & Torres, 2009). Nestes processos relacionais da família, transformam-se os pais e transformam-se os filhos. Se outrora a autoridade dos pais era soberana, assiste-se hoje a relações mais horizontais, numa ânsia de liderança onde os filhos colocam “*os pais em causa e exigem sem medo*” (Sampaio, 2002, p.33). Hoje as famílias apresentam-se também de diversas formas (monoparentais, divorciadas, reconstituídas e homossexuais), numa grande diversidade decorrente das transformações sociais dos últimos anos (Relvas & Alarcão, 2002).

Para além disso, assistimos hoje à mudança dos papéis do homem e da mulher e à emergência de novos papéis dos filhos e da família alargada. A partir de meados dos anos 80 os papéis modificaram-se depois de uma série de alterações sociais como a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a sua contribuição para o orçamento familiar, a ocorrência de divórcios e separações, a diminuição do número de filhos que se deu devido a questões socioeconómicas, o aumento do nível de vida, entre outros. Atualmente as tarefas da parentalidade são cada vez mais divididas, bem como as tarefas domésticas. Se anteriormente se assistia a uma divisão funcional dos pais, sendo

o homem o responsável por sustentar financeiramente a casa, e a mulher a pessoa que cuidava da casa, da educação dos filhos, e do marido, dedicando-se inteiramente à vida familiar, hoje em dia os papéis alteraram-se. O pai é uma figura mais próxima dos filhos, tendo aumentado o envolvimento emocional entre ambos, que parece contribuir significativamente para o desenvolvimento dos filhos. Tendo a figura do pai se tornado mais próxima dos filhos, a mãe passa atualmente a contemplar também o sucesso pessoal e profissional como nunca antes (Pratta & Santos, 2007; Wagner, Pedebon, Mossman & Verza, 2005). As relações pais-filhos até aos anos 80 eram baseadas nas diferenças entre as gerações, através das noções de respeito e autoridade, e se no passado era comum o poder concentrar-se nas figuras paterna e materna sendo que os filhos apenas obedeciam, hoje os filhos têm cada vez mais poder e a comunicação entre ambos tornou-se mais livre, menos restrita e com cada vez menos temas tabu (Sampaio, 2002). Também se assiste hoje à transformação dos papéis da família alargada. Os avós que vivem até mais tarde por vezes são preciosos recursos, partilhando papéis e responsabilidades parentais (Pratta & Santos, 2007).

Também hoje a família como a própria sociedade rege-se pelo princípio do hedonismo numa busca pelo prazer imediato. Novos valores familiares emergem, os limites hierárquicos anteriormente bem definidos foram agora substituídos por uma educação baseada no diálogo e na proximidade, e a família tornou-se “*igualitária*” (Pratta & Santos, 2007 p.249) através do desempenho de papéis cada vez mais semelhantes tanto no contexto familiar como em outros contextos como o profissional (*Idem*).

A família atual lida também com preocupações distintas das de outrora. Numa época de incerteza e de constante mudança social, onde o futuro profissional é incerto, os adolescentes encontram a confusão e a dificuldade de estabelecer opções profissionais (Oliveira, Pinto & Souza, 2003). Assiste-se hoje à emergência das novas tecnologias de informação e comunicação que invadem os espaços das relações, impondo novos estilos de vida, novas preocupações como a alienação, a obtenção de má informação e o aumento de casos de aliciamento e *cyberbullying* (Ponte & Vieira, 2008). Num mundo de possibilidades, os adolescentes confrontam-se também com o livre acesso e disponibilidade a substâncias psicoativas, nocivas à sua saúde, seja em estabelecimentos comerciais legalizados, como também através dos pares. A aceitação

social do consumo de substâncias e a facilidade na sua obtenção constituem também uma das grandes preocupações do século XXI (Cavalcante, Alves & Barroso, 2008).

Paralelamente a todas estas transformações familiares assiste-se ainda a mudanças nas práticas discursivas, nomeadamente no que diz respeito às noções de infância e adolescência. Assim os adolescentes ocupam atualmente um lugar central no seio da família e da sociedade, sendo que esta importância assumida pela adolescência e pela cultura juvenil nos meios de comunicação social, levou ao surgimento da designada cultura adolescêntrica. Esta cultura alicia desde cedo as crianças a que se tornem adolescentes precocemente e atrai os adultos a reproduzirem narrativas dos seus próprios tempos de adolescentes. Este fenómeno leva à promoção de um alargamento da fase da adolescência, iniciando-se cada vez mais cedo e terminando cada vez mais tarde. Assim assiste-se a uma infância cada vez mais reduzida que dá lugar a uma adolescência cada vez mais longa (Lírio, 2012; Marchi, 2007).

Todas estas transformações e paradoxos descritos lançam novos desafios à relação pais e filhos. Na era do diálogo, parece no entanto ainda haver diálogos por resgatar. Se pais e filhos dialogam entre si, falta saber se os pais refletem sobre os diálogos dos filhos e se os filhos refletem sobre os diálogos dos pais. Com efeito, este estudo pretende colocar pais e filhos no centro, proporcionando uma troca de ideias, inversões de papéis, de forma a perceber que lugares é que ocupam e que gostariam de ocupar, que desafios e dificuldades sentem, que estratégias usam para lidar com estes desafios e, acima de tudo, o que pensam uns sobre o que os outros pensam, que visões têm sobre outras visões.

Ao longo desta dissertação será em primeiro lugar realizado um enquadramento teórico do estudo levado a cabo, o qual incide numa revisão sobre as construções sociais em torno da adolescência, através de um percurso socio-histórico em redor do conceito, como também sobre as tarefas desenvolvimentais próprias desta fase, os desafios e dificuldades encontrados por pais e filhos e as visões atuais sobre a relação pais-filhos e sobre a adolescência. Num segundo momento será apresentado o estudo empírico, onde se descrevem os objetivos e questões de estudo, bem como os métodos de recolha e análise de dados. Consequentemente são apresentados os resultados obtidos e a sua discussão, fazendo a ligação com as limitações da investigação e propondo sugestões de melhoria, encerrando com a conclusão de todo este projeto de investigação.

Capítulo 1: Adolescência como construção social - Da antiguidade à Atualidade

A adolescência enquanto conceito tem uma origem bastante recente, que remota ao final do século XIX (Ariés, 1973 como citado por Coutinho, 2005) tendo sido apenas definido concretamente no século XX (em 1904), por Stanley Hall.

1.1 Da Roma Antiga ao Séc. XIX

Contudo, o período que corresponde à etapa da adolescência é descrito desde a Antiguidade. Na época da Roma Antiga a atribuição do estatuto de adulto era dado aos rapazes pelo seu progenitor ou pelo tutor aquando do aparecimento dos primeiros sinais de alteração corporal, que era marcado principalmente pela primeira vez que necessitavam de cortar o bigode ou vestir roupas de homem. A partir desse momento, os jovens passavam a aprender a prática da vida e a descobrir a retórica de uma forma ativa. As atividades masculinas da prática da vida eram essencialmente realizadas em grupo como caçar, cuidar do corpo e o desporto. Por outro lado, nesta época as raparigas tornavam-se, naquilo que hoje designamos por adolescentes aos 12 anos consumando-se o casamento aos 14 anos, idade em que eram consideradas adultas. As raparigas eram ainda confinadas a práticas passivas como a preparação para a maternidade. No campo sexual havia também diferenças entre rapazes e raparigas, sendo que, mais uma vez, enquanto os rapazes eram ativos no campo sexual, podendo iniciar a conquista e a atividade sexual, as raparigas eram passivas, submetendo-se aos caprichos masculinos (Grossman, 1998; Pinto, 2003; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silves, 2010).

No século II o protagonismo dado ao rapaz alterou-se, sendo que os rapazes ficariam dependentes do pai até que este falecesse. Qualquer atividade que o rapaz pretendesse desenvolver, como por exemplo um negócio ou uma carreira, devia ter o consentimento do progenitor. Apenas após o falecimento do progenitor os rapazes tornavam-se pais de família. No campo da sexualidade neste século também os rapazes deviam manter-se puros até ao casamento, o que significava que teriam de se manter virgens, tal como as raparigas (Grossman, 1998; Pinto, 2003; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silves, 2010).

Após o segundo século da época Romana, o Cristianismo postulava o seguimento das regras do puritanismo, através da crença de que a sexualidade estaria ligada à escuridão e à da interdição da nudez. Sob o pretexto da higienização, o sexo passou a ser visto como um perigo, tal como o álcool, o que permitia o seguimento das regras do puritanismo. Nesta altura, a família tomava as rédeas da vida do jovem impondo-lhe um futuro, uma noiva e um casamento. O adolescente era nesta altura autónomo apenas na vivência com o grupo de pares/iguais (Grossman, 1998; Pinto, 2003; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2010).

Posteriormente, na *Idade Média*, o jovem passa a estar inserido em associações e grupos comunitários. Estes grupos tinham um objetivo limitativo e eram constituídos por familiares, para que pudesse haver o controlo e a vigilância por parte de todos os participantes, uns sobre os outros. Nesta altura, dá-se ainda a definição, sob a influência de Aristóteles, das “*idades da vida*”, que eram períodos de sete anos. Uma destas idades definidas por Aristóteles correspondia à adolescência (Grossman, 1998).

Durante os séculos intermédios e até ao século XIX, o período da adolescência foi pouco documentado. Já no século XIX após a revolução industrial volta a surgir a imagem do adolescente sendo neste momento definida mais concretamente. Nos rapazes este período corresponderia entre a primeira comunhão e o bacharelato (final da formação académica), ao passo que nas raparigas seria o período compreendido entre a primeira comunhão e o casamento. Nesta altura, cria-se a ideia de idade crítica na qual o indivíduo passaria a apresentar mais perigos para si e para a sociedade. Assim, a adolescência passa a ser alvo de estudos por parte das Ciências Médicas e das Ciências da Educação, no sentido de compreender as modificações biológicas, comportamentais e sexuais (Grossman, 1998; Pinto, 2003; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2010).

Também no século XIX com a modificação do papel feminino, as raparigas entre os 15 e os 18 anos foram permitidas a frequentar escolas ou colégios internos, quando anteriormente toda a formação que recebiam era dada em aulas em casa ou em conventos. Na escola, as raparigas aprendiam a preparar-se para o casamento, aprendendo a moral e artes recreativas. Mas deste regime de internato surgiram alguns problemas identificados pelas famílias da época como a aquisição de maus hábitos, a prática da masturbação e a homossexualidade. A partir daqui, considerou-se a hipótese

do regime de externato para a supressão destes comportamentos considerados problemáticos (*Idem*).

Com a prática do distanciamento familiar mas também da vigilância permanente, os adolescentes do século XIX sentiram a necessidade da privacidade e daí emergiram várias práticas que existem até hoje, como a elaboração de diários íntimos e o estabelecimento de amizades com os pares do mesmo sexo, que constituíram um marco importante na vida dos adolescentes desse século onde a família tinha uma constituição muito definida (Grossman, 1998).

1.2. Das abordagens intrapsíquicas da adolescência às abordagens sistêmicas

Com a viragem do século, novos desenvolvimentos vieram e com estas, uma nova alteração na concepção de adolescência. Em 1904, por Stanley Hall, surge o primeiro livro sobre a adolescência e o estabelecimento da adolescência como um estágio desenvolvimental e como um campo de estudo. A adolescência foi considerada por Hall como um segundo nascimento onde o adolescente experienciava todos os estádios anteriores novamente e de onde surgiam novos desenvolvimentos. Hall, como pioneiro de um novo campo de estudo, desenvolveu os seus conceitos tornando-se o mais importante estudioso da adolescência. É inegável a sua importância e a partir dos seus estudos e escritos foi possível definir a adolescência como um estágio único de desenvolvimento onde ocorrem as principais mudanças fisiológicas e psicológicas que alteram qualitativamente a cognição e a emoção do indivíduo, sendo ainda uma fase de alguma tensão e agitação (Sprinthall & Collins, 1999).

Também Freud (1935, 1960 como citado em Sprinthall & Collins, 1999) deu o seu contributo para a compreensão da adolescência. Tal como Hall, também Freud considerava a adolescência como uma altura turbulenta e de alguma dificuldade devido às alterações de padrões psicológicos, ao aumento do desejo devido às mudanças físicas e ao investimento da sexualidade em objetos específicos. Com a teoria psicosexual, a adolescência situa-se na fase genital do desenvolvimento, fase em que o indivíduo direciona a sua pulsão sexual para objetos apropriados (Sprinthall & Collins, 1999). Durante esta fase, Freud acreditava que os indivíduos satisfaziam a sua necessidade de

reprodução para a preservação da espécie. Esta ideia transmite um dos postulados base da teoria Freudiana, do “*sexo como sendo o principal motivo para todo o comportamento humano*”, que na fase genital se expressa através da sexualidade como comportamento fundamental (Cole & Cole, 2003, p.624).

Outro autor importante no campo da Psicanálise que dá relevância à etapa da adolescência foi Peter Blos (1998), que conceitualiza a adolescência como um processo de separação-individualização das figuras parentais. Este processo de individualização estrutura toda a adolescência e é composto por dois aspectos fundamentais: a perda das dependências emocionais e afetivas familiares e a alteração das relações objetivas face aos progenitores. A tarefa fundamental desta segunda individualização seria, para Blos, o indivíduo adquirir o sentimento de um *self* autónomo, com a definição clara de limites. Ainda na adolescência, dá-se a desidealização ou luto dos pais da infância, considerada a tarefa mais árdua do processo de separação-individualização. No final da adolescência, este processo de individualização dá origem ao surgimento de qualidades integrativas associadas ao *self* que permitem o processo adaptativo. Este processo é caracterizado pela retificação do adolescente face às identificações que rejeitou, às que são provisórias e ainda aquelas que aceitou de forma a atingir o “*ego ideal*” (Ferreira & Nelas, 2006, p.149). Este “*ego ideal*” surge apenas no final da adolescência e serve o propósito de controlar a função de regulação do super-ego (Fleming, 1997; Blos, 1998; Ferreira & Nelas, 2006).

Em 1968, Erikson através da apresentação da sua teoria psicossocial, revela que a formação da identidade do indivíduo não é uma tarefa exclusiva da etapa da adolescência mas sim uma consequência das várias experiências passadas e presentes que se organizam agora de forma coerente. Assim a personalidade de cada indivíduo passaria pelo desenvolvimento num conjunto de estádios, os quais se caracterizam por um conflito ou crise. O indivíduo apenas avançaria para o estágio seguinte após resolver o conflito do estágio anterior. Na adolescência o conflito dominante definido por Erikson é a formação da identidade versus difusão. Neste estágio, seria tarefa do adolescente integrar de forma coerente o resultado das crises anteriores para que o adolescente se torne diferenciado dos pais. Desta forma o adolescente deve integrar as identificações infantis precoces com outros e novos aspectos psicológicos e psicossociais. A procura de identidade pelo adolescente é assim um propulsor da

rejeição e revolta contra os pais. A rejeição e revolta desempenham aqui a função de soltar o adolescente das identificações infantis precoces dos pais, como também do controlo e autoridade exercida pelos mesmos. Nesta tarefa de libertação, Erikson dá relevância ainda aos contextos psicossociais envolventes ao adolescente como a escola, os pares e outras instituições (Erikson, 1968; Fleming, 1997; Ferreira & Nelas, 2006).

Apesar de a teoria da vinculação se centrar maioritariamente nos primeiros anos de vida, Bowlby (1969; Fleming, 1997; Ferreira & Nelas, 2006) conceitualizou também algumas ideias sobre a adolescência. Numa fase onde se procura a autonomia, a vinculação assume um importante papel. Segundo Bowlby (1969) a adolescência é um período no qual outros adultos além dos pais podem ser tão ou igualmente importantes para o adolescente. Também a atração sexual pelos pares se desperta neste período. Surgem aqui dois extremos, um no qual os adolescentes quebram as ligações com os pais, enquanto outros adolescentes permanecem com um vínculo extremo recusando-se ou sentindo-se incapazes de dirigir o comportamento vincutivo para outros indivíduos. A maioria dos adolescentes é encontrada num meio-termo entre estes dois extremos, permanecendo ligados aos seus pais de forma poderosa, mas ao mesmo tempo, estabelecendo relações de grande importância com outros indivíduos. Dá-se assim na adolescência um aumento da vinculação aos pais, embora menos do que na infância, dando-se também um alargamento da vinculação a outras figuras significativas, nomeadamente os pares e os pares amorosos. Nesta perspetiva formulada por Bowlby as figuras de vinculação servem de base segura para o comportamento de exploração do adolescente, o qual realiza um equilíbrio maturativo entre a qualidade dos vínculos atuais e primitivos e a proximidade e o afastamento aos pais. Deste equilíbrio dependerá a maior ou menor capacidade do adolescente em autonomizar-se (Bowlby, 1969; Fleming, 1997; Ferreira & Nelas, 2006).

Em contraponto com as teorias intrapsíquicas Margaret Mead (1951) trouxe novos contributos da Antropologia Cultural para a compreensão da adolescência. Segundo os estudos do desenvolvimento dos adolescentes da ilha de Samoa, Mead constatou que a adolescência é um fenómeno cultural existente, dependendo das práticas sociais em determinado momento histórico, o que faz com que em alguns lugares a adolescência não exista (Coimbra, Bocco & Nascimento, 2005). Nos anos que esteve em Samoa, Margaret descreve a adolescência como uma etapa calma onde reinavam

estratégias eficazes para lidar com alguma oposição interpessoal entre pais e adolescentes, o que dava uma visão de etapa agradável do desenvolvimento ao contrário do descrito por outros autores (Sprinthall & Collins, 1999).

Após o surgimento das teorias que dão especial importância aos aspectos intra-individuais, surgiram as teorias sistêmicas que deslocam o seu foco para os aspectos relacionais, trazendo à luz a importância das interações. As teorias sistêmicas surgem na decorrência de uma nova compreensão científica e uma nova percepção da realidade, com uma visão holística decorrente dos avanços ao nível da cibernética, da robótica e da compreensão dos sistemas vivos como sistemas abertos. O objetivo das teorias sistêmicas é estudar a complexidade dos sistemas e a sua evolução, renovando a visão sobre a sociedade e as relações entre os seres humanos. Cada sistema é composto por um conjunto de elementos que interagem entre si e que não dependem da sua combinação individual nem da adição dos mesmos, mas sim da interação dos elementos nas suas relações. Assim nenhum sistema se encontra isolado nem é isolável da totalidade na qual se organiza (Richard, 1998). Sob esta perspectiva interaccional, Stierlin (1974) conceptualiza a separação adolescente-progenitores enquanto uma etapa que implica uma individualização mútua. Nesta perspectiva, as percepções e expectativas parentais em relação à separação dos filhos tornam-se fundamentais, pois determinam a indução ou inibição da separação do adolescente aos pais. Assim as percepções de confiança nas capacidades do adolescente crescer e tornar-se autónomo fomentam a separação deste, ao passo que a ausência da percepção de confiança nestas capacidades do adolescente inibem a sua separação. Quanto mais elevado o grau de diferenciação e maturidade do adolescente, menor será a influência destas percepções. Stierlin construiu ainda um modelo concetual sobre a separação do adolescente aos progenitores no qual sumariza as sequências envolvidas no processo e os padrões de interação recíproca. Neste modelo a separação é observada como uma espiral em gradual expansão, que permite a mútua diferenciação e individualização aos níveis cognitivos, emocionais e morais. Esta diferenciação permite a existência de uma independência relativa tanto para o adolescente como para os seus pais. A partir deste modelo de separação, surgem dois modelos que assentam nas forças que atuam no sistema familiar, constituindo o modelo centrípeto e o modelo centrífugo. Estes dois modelos correspondem às variações externas do processo de individualização, sendo que o modelo centrípeto

“seria altamente captativo, gratificante dos comportamentos regressivos, indiferenciador, provocando no adolescente sentimento de culpa face à separação, incapacidade e dependência” ao passo que o segundo seria *“rejeitante, mistificador da realidade exterior apresentada como fonte de gratificação e segurança, provocando no adolescente a tendência para estabelecer relações precoces com o exterior”* (Fleming, 1997, p.62; Ferreira & Nelas, p. 156). Estes dois modelos compreendem distintos modos transacionais de separação como o acorrentamento, a expulsão e a delegação. O primeiro modo surge em famílias do tipo centrípeto e corresponde a um formato de conexão afetiva, cognitiva e/ou moral entre pais e filhos adolescentes. A expulsão refere-se ao modo que surge em famílias de tipo centrífugo, correspondendo à rejeição contínua e/ou abandono do filho. Por fim a delegação é um equilíbrio entre as forças centrípetas e centrífugas, correspondendo a um modo no qual os pais confiam tarefas ao adolescente, as quais *“serviriam as instâncias psíquicas conscientes e inconscientes dos pais”* (Fleming, 1997, p.63), que permitem a promoção e o encorajamento da autonomia em função da tarefa a desenvolver pelo adolescente. Segundo Fleming (1997) estes modos requerem diversos potenciais de crescimento e, por conseguinte, diversas alterações no processo de autonomização dos adolescentes (Stierlin, 1974; Fleming, 1997; Ferreira & Nelas, 2006).

Ainda numa perspectiva sistémica, Minuchin (1971) refere que a entrada de um dos filhos – normalmente o filho mais velho - na adolescência provoca alterações desequilibrando a homeostase do sistema familiar. Numa fase que pretende a busca de autonomia e separação do filho adolescente, dá-se o estabelecimento de uma maior quantidade de relações com o sistema extrafamiliar e um aumento da qualidade dessas mesmas relações. É neste ponto que a família sofre uma transição que visa a mobilização das funções homeostáticas e de mudança do sistema familiar, de forma a restabelecer o equilíbrio anterior ou procurar um novo equilíbrio no sistema. Para atingir o equilíbrio colocam-se em prática negociações implícitas e explícitas entre pais e filhos. Quando o filho se encontra na adolescência, a família deve evoluir no sentido de não mais ser uma família com crianças, mas para se tornar uma família com adolescentes. Nesta fase do desenvolvimento do filho em que o grupo de pares com as suas regras e valores próprios acerca de diversos temas assume uma posição privilegiada na vida do adolescente, é tarefa da família renegociar a todos os níveis as

questões da autonomia e do controlo (Minuchin, 1971; Fleming, 1997; Fernández, 2005).

Após as duas grandes guerras do século e alguma turbulência histórica, eis que os adolescentes ganham uma nova força nos anos 60 com a desilusão com a civilização e a transformação do homem numa máquina consumista. A força dos jovens veiculou-se tanto ao uso da violência como ao uso da flor como símbolo (o conhecido termo *flower-power*), do qual o movimento daí criado, originou o conceito de contracultura devido a toda a contestação radical apoiada pelo grupo. A contracultura inicialmente definia a forma de vestir, os cabelos compridos, o gosto por um determinado tipo de música e o uso de drogas, mas mais tarde compreendeu-se que o movimento não se prendia apenas com o aspeto físico e os gostos pessoais mas também com uma forma diferente de pensarem e de se relacionarem com o mundo exterior. A partir deste momento, os jovens passaram a quebrar com os valores, as normas, os tabus, as instituições, e tudo que fosse anteriormente instituído e reconhecido. Aqui, surge um novo movimento o dos “*hippies*” com a sua ideologia ligada à socialização, ao misticismo e ao campo, e o dos jovens universitários, que não se conformando com as ideias anteriores enfrentavam desafios para que se instalassem novos valores (Grossman, 1998).

1.3. A adolescência na atualidade

Atualmente a adolescência caracteriza-se pela faixa etária entre os 10 e os 19 anos (APA, 2002; UNICEF, 2011), altura onde ocorrem alterações físicas, cognitivas, emocionais que permitem ao indivíduo a maturação. A maturação é frequentemente designada de puberdade, sendo que se refere às alterações morfológicas e fisiológicas (forma, tamanho e função), que resultam da reativação dos mecanismos neuro-hormonais do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenal-gonadal. Estas alterações corporais são conhecidas como os fenómenos da pubarca ou adrenarca e gonadarca, fenómenos que fazem parte de um processo contínuo e dinâmico que se inicia durante a vida fetal, terminando apenas com a finalização do crescimento. Este crescimento dá-se ao nível do desenvolvimento ósseo, do desenvolvimento das características sexuais secundárias e da total maturação masculina e feminina, da capacidade de fecundação de ambos, que permite a reprodução e continuação da espécie (Eisenstein, 2005). Os limites da faixa

etária da adolescência são coincidentes com a média de início e fim da maturação. Portanto a adolescência não apenas se refere aos indivíduos de uma determinada faixa etária, mas também às características dessa mesma faixa (Ferreira & Nelas, 2006).

Segundo Abramo e León (2005) o conceito de adolescência é uma construção social, cultural histórica e relacional que designa várias coisas como uma geração, uma faixa etária, um contingente populacional, uma categoria social ou um período de vida. Todas estas designações acabam por se referir ao ciclo vital entre a adolescência e a maturidade, o que permite dizer que corresponde portanto à faixa etária (Abramo & León, 2005; Ferreira & Nelas, 2006; Ozella & Aguiar, 2008).

Apesar de todas as concepções existentes podemos detetar alguns traços frequentes contemplados em todas elas, sendo os traços biológicos/físicos ou desenvolvimentais. É na adolescência que se atinge a etapa final do crescimento onde se dá o início à capacidade reprodutiva. Quando se atinge o desenvolvimento da capacidade de reprodução completa dá-se também o final da adolescência, pois esta só termina quando todas as capacidades necessárias à reprodução estão maduras. Estas capacidades reprodutivas são constituídas por estruturas e processos como a fertilização, concepção, gestação e lactação (Abramo & León, 2005).

1.3.1. Adolescência como processo de mudança desenvolvimental

A adolescência é concebida atualmente como um período de mudanças a vários níveis, nomeadamente o desenvolvimento corporal, como já foi mencionado, o desenvolvimento cognitivo, psicossocial, psicossocial e moral.

– *O desenvolvimento corporal*

A adolescência é uma das fases desenvolvimentais em que o corpo mais muda, o que impõe ao indivíduo uma constante reconceptualização da sua imagem e do conceito de si mesmo. As alterações corporais que ocorrem na adolescência compreendem desde o crescimento (altura e forma do corpo) ao aparecimento das características sexuais primárias e secundárias. Estas modificações corporais visam atingir a maturação sexual e a capacidade de reprodução (Sprinthall & Collins, 1999, p.44).

Após o desencadear do crescimento na altura, iniciam-se as alterações na forma do corpo. Estas alterações permitem adquirir as características que diferenciam ambos os sexos. Neste processo, dá-se o alargamento dos ombros e no tórax nos rapazes e das ancas nas raparigas, crescem os seios nas meninas e os meninos tornam-se mais musculados pois perdem mais gordura corporal. Nesta fase, também a força e a capacidade física sofrem algumas alterações. Os rapazes tornam-se mais fortes e com maior capacidade para o esforço físico do que as raparigas, embora não seja uma regra que se aplique a todos. Enquanto se processam as alterações físicas referidas anteriormente, processam-se também as alterações nas características sexuais que são definidas como sendo a *“única característica em que homens e mulheres são verdadeiramente distintos”* pois é referente aos seus *“papéis reprodutivos”* (Sprinthall & Collins, 1999, p. 52; Cole & Cole, 2003). As características sexuais primárias não são visíveis para os indivíduos. Estas iniciam-se com o crescimento dos órgãos sexuais e com a libertação das hormonas responsáveis pela reprodução, principalmente a testosterona nos rapazes e o estrogénio nas raparigas. Nos rapazes dá-se a produção do esperma nos testículos e do sémen na próstata. Nas raparigas dá-se a libertação dos óvulos pelos ovários, dando-se assim a primeira menstruação. Simultaneamente surgem as características sexuais secundárias, que são visíveis ao indivíduo e aos que o rodeiam. É o aparecimento destas características que provoca alguma preocupação nos adolescentes. Nos rapazes estas características emergem com o crescimento dos testículos, a mudança de cor na pele escrotal, e o aumento do pénis, bem como o aparecimento dos pelos púbicos, axilares e faciais. Nas raparigas os primeiros sinais são a alteração dos mamilos, o aumento dos seios e o aparecimento dos pelos púbicos e axilares. Embora o tempo de maturação sexual seja diferente de indivíduo para indivíduo, a sequência de aparecimento das características sexuais é igual para todos os indivíduos (Sprinthall & Collins, 1999; Cole & Cole, 2003; Ré, 2011).

Nesta fase de vida do indivíduo, as mudanças corporais assumem grande relevância pela necessidade de uma reorganização da imagem corporal. Com as alterações corporais da adolescência, os adolescentes de ambos os sexos preocupam-se com o seu peso, tamanho corporal e também com a aparência. Numa sociedade onde o padrão de beleza feminino e masculino é disseminado constantemente através dos meios de comunicação social, os adolescentes vêm-se confrontados com a insatisfação com a

sua própria imagem corporal. Quando esta preocupação e insatisfação com a imagem se torna desmedida pode desencadear hábitos alimentares desadequados, a prática excessiva de exercício físico e ainda a presença de perturbações de comportamento alimentar (Conti, Gambardella & Frutuoso, 2005; Damasceno, Vianna, Vianna, Lacio, Lima & Novaes, 2006).

– *O desenvolvimento psicosexual*

Paralelamente à maturação física e reprodutiva inicia-se o estágio genital, conforme estabelecido por Freud (2001), em que a pulsão sexual passa a dirigir-se para um objeto exterior. Estas duas etapas estão interligadas, pois ambas permitem a preparação para o ato sexual (Freud, 2001). A fase da adolescência para Freud é o reavivar da sexualidade existente em fases anteriores do desenvolvimento (a fase fálica), e o unificar e hierarquizar definitivo das pulsões sexuais. O indivíduo concentra novamente o desejo sexual à zona erógena levando o adolescente a construir novos laços identificando-se com outros, fora do quadro familiar (Braunstein & Pewzner, 2003).

Como desafio da adolescência, está ainda o “*encontro com o real do sexo e o desligamento dos pais da infância*” que permitem ao adolescente fazer novas escolhas profissionais e sexuais (Garritano, 2008, p.44). Uma vez que são referidos os pais, também nesta fase da adolescência se reaviva o complexo de Édipo dando-se a reformulação da pulsão e o estranhamento do próprio corpo. Para que o complexo de Édipo possa novamente ser resolvido, o adolescente terá de distanciar-se das figuras parentais (o que implica a desidealização dos pais, concetualizada por Blos), desligando-se da autoridade parental, de forma a tomar novas opções sexuais e profissionais. Este distanciamento às figuras de autoridade parental pode explicar alguns comportamentos de oposição, utilizados como forma de o adolescente fazer um apelo aos pais para a manifestação de autoridade (Garritano, 2008).

Na adolescência os adolescentes necessitam de lidar com a pulsão sexual, para isso os rapazes tornam-se predadores, tentando persuadir e conquistar as raparigas. As raparigas por sua vez mantêm-se mais pacíficas, adiando a primeira relação sexual para mais tarde. A preocupação inicial dos adolescentes com o surgimento das pulsões

sexuais centra-se na procura por um relacionamento com o mesmo sexo ou sexo oposto e com o sexo como forma de aceitação e de identificação sexual do indivíduo (Marques, Vieira & Barroso, 2003).

– *O desenvolvimento cognitivo*

O desenvolvimento cognitivo que se reflete em alterações na perceção, na atenção, na memória, na inteligência, no raciocínio e no pensamento operatório formal, constitui uma meta importante na adolescência.

Segundo Steinberg (2005), alguns estudos realizados provaram que durante a adolescência dão-se alterações cerebrais a nível estrutural e funcional. Estas alterações são relativas ao crescimento e alteração em algumas regiões do córtex pré-frontal, que apresenta um crescimento que é observado através do aumento da mielinização dos neurónios e da regulação da estrutura neuronal ou *synaptic pruning*. Estes fenómenos estruturais contribuem para o aumento da eficiência no processamento da informação contribuindo para a melhoria a nível das funções executivas (no planeamento a longo-prazo, na metacognição, na autoavaliação, na autorregulação e na coordenação da emoção e da cognição) (Steinberg, 2005). Quando comparado com o pensamento de crianças mais novas, o pensamento adolescente apresenta algumas características diferenciadoras. Estas características compreendem (Sprinthall & Collins, 1999; Cole & Cole, 2003; Lee & Freire, 2005):

1. A relevância do pensamento do mundo possível em contraste com o “*aqui e agora*” do pensamento infantil;
2. A capacidade de raciocínio científico e hipotético;
3. O pensamento sobre o futuro envolvendo o planeamento antecipado;
4. A capacidade de pensar sobre o próprio pensamento, a metacognição;
5. A abertura do pensamento aos temas morais, sociais e políticos e aos temas pessoais.

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo na adolescência há ainda alguns aspetos por descobrir, nomeadamente ao nível do *timing*, do padrão e também da componente neurobiológica. Este desenvolvimento inicia-se com o aumento exponencial de hormonas sexuais na corrente sanguínea e acredita-se que seja através da

grande quantidade de recetores destas hormonas distribuídos no cérebro, que se processa a neuromaturação (Bellis et al., 2001).

– *O desenvolvimento psicossocial e moral*

Com a ocorrência de alterações a nível cognitivo, físico e psicosexual ocorrem também as alterações sociais e morais. Estas alterações conduzem a uma nova forma do adolescente se relacionar com o mundo. O desenvolvimento psicossocial e moral está intimamente ligado ao desenvolvimento cognitivo. A capacidade de abstração e a complexidade do pensamento podem também ser aplicados a aspetos sociais, pois o adolescente considera agora mais aspetos para tomar decisões do que quando era criança. Um dos aspetos que se desenvolve na adolescência relativamente ao desenvolvimento psicossocial é a capacidade de perceção das discrepâncias entre o real e o possível que foi salientada por Elkind (1967, como citado em Sprinthall & Collins, 1999). Esta capacidade é o que permite ao adolescente a insatisfação com algumas situações da sua vida pela perceção de que poderiam ser diferentes (Sprinthall & Collins, 1999).

Na adolescência desenvolve-se também o conceito de carácter pessoal e do outro, em que o adolescente passa a descrever e a avaliar de acordo com os traços pessoais ao passo que as crianças descrevem com base em características externas observáveis. Nas inferências que fazem sobre si mesmos, os adolescentes são mais objetivos, descrevem características gerais e aspetos psicológicos e são mais auto-avaliativos embora mantenham a consciência da existência de diferentes perspetivas. Esta consciência das diferentes perspetivas permite ao adolescente a assunção de papéis. A assunção de papéis pauta-se portanto pela compreensão da perspetiva dos outros em relação a um qualquer tema ou situação, permitindo ao indivíduo ajustar a sua visão da situação à visão do outro (Sprinthall & Collins, 1999).

Não se pode falar de desenvolvimento psicossocial sem referir Erik Erikson (1968; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2003). Este autor já anteriormente referido concetualizou a adolescência como uma fase pautada pelo contraponto entre a identidade pessoal e a difusão, em que o indivíduo procura um equilíbrio, que quando não encontrado dá origem à crise de identidade (Sprinthall & Sprinthall, 1993;

Sprinthall & Collins, 1999; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvaes, 2003; Bergevin, Bukowski, & Miners, 2005; Feldman, 2007). Desta forma a identidade é, segundo Erickson (1968; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvaes, 2003), a definição pessoal dos valores e do caminho de vida que o sujeito pretende seguir. Para definir a identidade há um conjunto de três fatores fundamentais que a compõem: os intrapessoais, os interpessoais e os culturais. Os primeiros, dizem respeito às capacidades inatas do indivíduo e às características adquiridas da personalidade, ao passo que os fatores interpessoais dizem respeito à identificação que o sujeito faz de si com os outros, e por fim, os fatores culturais são as normas e valores sociais que envolvem o indivíduo. A identidade pessoal é a partir daqui, a personalidade desenvolvida em consequência de uma imagem que o indivíduo cria de si próprio, tanto através da imagem que tem de si mesmo, como daquilo que os outros vêm dele, com todos os seus valores, metas e crenças pessoais. Se o self tiver bons alicerces, e portanto o indivíduo desenvolver uma personalidade adulta, a sua identidade pessoal será sólida. Mas pelo contrário se não houver este equilíbrio, origina-se uma identidade difusa. A partir desta identidade difusa, gera-se a crise de identidade onde o indivíduo tenta consequentemente encontrar-se, pois sente-se perdido, estranho, sem história, conduzindo a uma personalidade instável. Como foi referido anteriormente a identidade é composta por fatores e portanto estes são decisivos na formação da mesma. Se estes fatores forem em sentidos diferentes e não tiverem consistência, provocarão no adolescente um problema de desequilíbrio (Sprinthall & Sprinthall, 1993; Sprinthall & Collins, 1999; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvaes, 2003).

Após a formação da identidade, o adolescente chega a outro estado de resolução, a fidelidade. A fidelidade é para Erickson uma capacidade de nível superior, na qual o adolescente confia tanto nos outros como em si próprio, dedicando-se a uma causa. Esta fidelidade implica um compromisso com os valores humanos universais, ou seja, a apreciação, valorização, cuidado e respeito pelos outros. Neste momento, dá-se o desvanecer do egocentrismo adolescente orientando-o para uma nova perspectiva voltada para os outros. Quando a fidelidade não é resolvida o adolescente tornar-se-á um jovem adulto tímido e obediente a uma ideologia “anti-democrática e oposta aos princípios éticos universais” (Sprinthall & Collins, 1999, p.202). Por outro lado, a correta resolução da fidelidade conduz ao final da adolescência e uma preparação eficiente das

tarefas psicossociais da fase de vida seguinte. Apesar de se poder considerar que existem diferenças entre rapazes e raparigas na formação da identidade não foram encontradas diferenças significativas entre ambos os sexos.

Tal como Freud e Erickson, também Kohlberg (1979, como citado por Sprinthall & Collins, 1999) formulou uma teoria desenvolvimental dividida em estádios que são transversais a todos os indivíduos, baseada no desenvolvimento do juízo moral. Este é constituído por elementos que envolvem tanto a ética como a justiça, implicando que se debatam temas que são nucleares para a vida humana sob a forma de um dilema moral. Os estádios de desenvolvimento moral têm uma evolução desde o mais primitivo ao mais complexo, em que cada indivíduo progride de estádio em estádio em diferentes idades, embora o último estádio seja atingido por uma pequena percentagem de pessoas (Sprinthall & Collins, 1999; Feldman, 2007). Sendo que a adolescência se estende desde os 10 aos 19 anos como referido inicialmente neste capítulo, é possível encontrarmos vários estádios do desenvolvimento moral durante este período de tempo. Por volta dos 10 anos, os estádios mais frequentes são o primeiro e o segundo, que fazem parte do nível pré-convencional, no qual as respostas aos dilemas morais são orientadas para obedecer às regras no estádio 1 e para a punição no estádio 2. Já por volta dos 13-14 anos, os estádios de desenvolvimento moral em que frequentemente os adolescentes se encontram são predominantemente os estádios do nível convencional, portanto os estádios 3 e 4. Nestes estádios as respostas são orientadas de forma a obter aprovação dos outros e escapar da censura (no estádio 3), bem como são definidas por leis e ordens específicas (no estádio 4). Mais tarde, aos 16-18 anos o estádio predominante em que os adolescentes se encontram é o terceiro, onde se orientam também pela aprovação dos outros e pelo escapar à/ao censura/castigo. Uma vez que na etapa da adolescência o grupo de pares tem uma influência significativa nos adolescentes, no estádio 3 do desenvolvimento moral, é o grupo de pares que orienta a escolha dos valores do adolescente. Estes valores morais constituem um conjunto instável e pouco racional de valores devido à instabilidade de obtenção dos mesmos pelo grupo (Sprinthall & Collins, 1999; Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2007; Feldman, 2007).

De acordo com esta influência dos outros no juízo moral do indivíduo, o estudo de Hardy, Padilla-Walker e Carlo (2008) veio demonstrar que além da influência dos valores do grupo de pares, os pais têm também um papel muito relevante na aquisição

de valores morais nos adolescentes. Este estudo realizado com uma amostra de 101 adolescentes com uma média de idades de 16,1 anos testou a influência de dimensões parentais (o envolvimento, o suporte da autonomia e a estrutura) na internalização de valores morais dos adolescentes, demonstrando que o envolvimento parental e o suporte da autonomia pelos pais influenciam a regulação da identificação e integração de valores do adolescente. Também o suporte da autonomia pelos pais mostrou uma correlação positiva com a autonomia relativa dos filhos, enquanto que a estrutura da autonomia correlacionou-se positivamente com a regulação dos valores externos e introjetados. Outros resultados encontrados foram também de correlação positiva entre a regulação dos valores identificados e integrados com a autonomia relativa (Hardy, Padilla-Walker, Carlo, 2008). Podemos daqui concluir, com a apresentação destes resultados, que os pais apresentam-se como um grupo influente na internalização de valores nos adolescentes. Sendo que em outros campos do desenvolvimento adolescente foram verificadas diferenças de género, também no desenvolvimento moral foi colocada essa hipótese. Alguns estudos foram realizados para que se tirassem algumas conclusões não revelando contudo a existência de diferenças de género (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2007).

Capítulo 2: A família com adolescentes: desafios e dificuldades

Para a compreensão da adolescência, e do ponto de vista sistêmico, é importante compreender a família em toda a sua complexidade. A família com filhos adolescentes assume-se como uma fase do ciclo vital da família. O ciclo vital da família compreende não apenas as alterações familiares, mas também as características de cada elemento singular do sistema e as relações estabelecidas com os contextos em que a própria família se insere. Assim Duvall (1971, como citado por Relvas, 2004) estabeleceu 8 estádios para este ciclo, no qual um desses estádios é o da família com adolescentes, definido como o período entre os 13 e os 18 anos do filho. Neste estádio torna-se central, para o sistema, a facilitação do equilíbrio entre a liberdade e a responsabilidade do filho adolescente, partilhando esta tarefa com o meio envolvente (com a escola e outras instituições envolvidas) e estabelecendo interesses e objetivos pós-parentais. Neste sentido a etapa da adolescência não é apenas uma fase desenvolvimental que diz respeito ao adolescente, mas que afeta toda a família (Relvas, 2004). É importante que da parte da família haja um entendimento e respeito pelos sentimentos, valores, atitudes e comportamentos do adolescente igual ao respeito que têm pelos mesmos aspetos nos adultos. Quando entram nesta fase desenvolvimental, os adolescentes requerem coerência e sinceridade, e a família passa a ter um papel decisivo na autonomia e na preparação para a assunção de papéis sociais, relacionais, afetivos e laborais distintos daqueles a que o adolescente estava habituado. Estas tarefas exigem da parte da família, uma permeabilidade à individualidade dos seus elementos, sem nunca colocar em causa a totalidade do sistema (Relvas, 2004; Alarcão, 2002).

Sendo uma nova etapa na vida do indivíduo, a adolescência é segundo Alarcão (2002, p.165) a “*etapa mais longa e mais difícil do ciclo vital*” pois comporta uma série de mudanças e problemáticas com as quais nunca se lidou antes (enquanto sistema) e que requerem um constante reequilíbrio entre o sistema e os elementos que o compõem. A adolescência é frequentemente descrita com adjetivos negativos, comportamentos problemáticos, mas é a estes mesmos adolescentes que se pede responsabilidade pelas escolhas de futuro. Sendo esta etapa constituída por grandes mudanças, não só para o

indivíduo que nela se encontra como para toda a família, as relações familiares sofrem alterações não só ao nível da comunicação, como por vezes, ao nível dos estilos parentais. Há pais que se tornam controladores, os que são mais condescendentes e há os que acreditam serem pais perfeitos sem assumirem as suas falhas. O grande problema em todos eles é muitas vezes a falta de reconhecimento das suas incapacidades e a não comunicação sincera com os próprios adolescentes (Alarcão, 2002).

Concomitantemente às mudanças que ocorrem na vida dos adolescentes, também há mudanças que ocorrem em geral na vida dos pais durante este período, com a preparação da saída dos filhos de casa, tornando-se necessário um retorno aos aspetos da vida conjugal e profissional. Esta é também uma etapa que para os pais comporta algumas alterações, nomeadamente ao nível do aumento da exigência profissional, a preocupação com as gerações mais velhas que se encontram numa fase de vida mais avançada e também pela preparação para a fase seguinte do ciclo familiar. Na fase seguinte dá-se a saída dos filhos ao que se denomina o síndrome de ninho vazio. Com todas as alterações sociais e económicas instaladas na sociedade atual, esta saída dos filhos dá-se cada vez mais tarde, o que não acontecia com a geração anterior (Fonseca, 2004).

Enquanto os pais tentam lidar com os desafios da sua fase de vida e desenvolvimento vêm-se a braços com a tarefa de lidar com a adolescência, “*uma fase intermédia entre a infância e a adultez*” (Santos, Neto e Souza, 2011, p.103), caracterizada, como vimos, por mudanças físicas (a maturação dos órgãos reprodutivos e as alterações na fisionomia) e transformações emocionais e intelectuais que implicam novos desafios e dificuldades para os pais (Abramo & León, 2005). Estas transformações que se dão no adolescente provocam invariavelmente uma transformação nos pais e, conseqüentemente, na interação familiar devido à necessidade de autonomia do adolescente e pela sua individuação que permitem a preparação para a vida adulta (Neves, 2001).

2.1. A autonomização

A conquista de autonomia e individuação realiza-se através de movimentos de afastamento dos filhos em relação ao núcleo familiar. De forma a poder dar-se a

evolução familiar, é necessário nesta fase definir-se um novo equilíbrio entre as necessidades individuais de cada elemento e as exigências familiares. Com o aumento da procura de autonomia e independência do adolescente, dá-se um incremento das suas exigências, que provocam mudanças nas relações entre as várias gerações da família (Neves, 2011). A autonomia é uma capacidade que não se desenvolve automaticamente nem em todos os indivíduos, manifestando-se apenas no final da adolescência. Leontiev e Kaliteyevskaya (2004, como citados por Kaliteyevskaya, Borodkina, Leontiev & Osin, 2006) formularam a teoria da autodeterminação que tem quatro pressupostos básicos sobre como a autodeterminação atual poderá ocorrer através da mediação do esforço consciente que altera a estrutura interna das atividades. Um desses pressupostos refere a autodeterminação como sendo uma capacidade que surge da integração do desenvolvimento da liberdade e da responsabilidade, tão marcantes e importantes na adolescência (*Idem*).

Nesta teoria a liberdade é definida como uma forma superior de atividade, nomeadamente a capacidade de iniciar, parar e mudar a direção de uma atividade em todos os seus aspetos. Sendo assim definida a liberdade, a responsabilidade define-se como uma forma superior de autorregulação, nomeadamente pela forma de o indivíduo encarar-se como causa de alterações em si ou no ambiente que o envolve, e pela gestão dessa capacidade pessoal de causalidade. As fontes da liberdade e da responsabilidade são distintas, mas os seus caminhos cruzam-se na adolescência. Este encontro dá origem à crise da adolescência que tem como essência e desafio psicológico o deslocamento das fontes internas de desenvolvimento da personalidade baseando-se na integração da responsabilidade e da liberdade desenvolvidas (Kaliteyevskaya, Borodkina, Leontiev & Osin, 2006)

Esta integração da liberdade e da responsabilidade fornece uma resolução saudável da crise da adolescência. Estes autores referem ainda que a integração desta crise é frequentemente falhada, o que origina um indivíduo adulto com a crise da adolescência por resolver e pouca capacidade de autodeterminação. Este fator é apresentado como a razão pela qual o desenvolvimento real frequentemente não corresponde ao vetor base indicado para a autonomia. Assim o desenvolvimento da personalidade, que é influenciado por um grande número de diversas forças, estagna, toma formas contraditórias e direções distintas. A resolução da crise da adolescência de

formas não saudáveis está associado com o subdesenvolvimento das capacidades de liberdade e/ou responsabilidade (Kaliteyevskaya, Borodkina, Leontiev & Osin, 2006).

Nos estudos dos mesmos autores estes puderam definir quatro tipos de padrões de desenvolvimento da personalidade, sendo: padrão autônomo (liberdade e responsabilidade integradas), padrão impulsivo (quase libertado), padrão simbiótico (quase responsável) e padrão conformista (falta de liberdade e responsabilidade). O primeiro padrão, o padrão autônomo, mais adaptativo é pautado por uma atitude estável e positiva de auto-atitude e auto-suporte, baseado em valores pessoais e no sentimento de causalidade pelas próprias ações. Os pais aceitam emocionalmente os adolescentes com um padrão autônomo sem violar a sua autonomia. A estrutura das atitudes parentais que favorecem o desenvolvimento do padrão autônomo inclui a aceitação, a imposição de limites e o respeito pela iniciativa (embora dentro dos limites estabelecidos). Quanto ao padrão simbiótico este é pautado pela instabilidade e geralmente pela negativa autoestima que depende da avaliação externa, em especial dos pais. Os adolescentes com um padrão simbiótico não se sentem livres mas sentem-se responsáveis pela aplicação de valores obtidos de fora, mais do que pelos escolhidos por si mesmo. Estes adolescentes sofrem de rejeição emocional e controlo por parte das suas mães e de uma atitude de infantilização por parte dos seus pais. Por seu lado o padrão impulsivo inclui uma auto-atitude difusa, instável e tendencialmente positiva, suporte interno nas decisões mas falta de responsabilidade. As mães de adolescentes com um padrão impulsivo são coniventes, ao passo que os pais exercem bastante pressão sobre o adolescente e apresentam falta de envolvimento pessoal na relação. Por fim o padrão conformista inclui um padrão externo de suporte para as decisões, locus de controlo externo, bem como uma rejeição paternal ocultada. Esta rejeição paternal é evidenciada pelo tipo formal de educação baseado em ser “como os outros”. É ainda inserido neste padrão uma auto-atitude condicionadamente positiva e instável que depende de avaliações externas. Todos estes padrões de desenvolvimento da personalidade tendem a ser auto-sustentados e estão intimamente relacionados a problemas psicológicos que surgem mais tarde durante a vida do indivíduo (Kaliteyevskaya, Borodkina, Leontiev & Osin, 2006).

2.2. O afeto, o controlo e os estilos parentais

Partindo do pressuposto que a família é um contexto privilegiado para desenvolvimento do indivíduo, assume-se que a qualidade dos vínculos familiares representa assim um papel preponderante. Neste sentido, e como referenciado anteriormente, Bowlby formulou a teoria da vinculação, que assenta fundamentalmente no vínculo estabelecido na relação pais-filhos. Na adolescência este vínculo sofre algumas alterações, abrangendo outros tipos de relação, como por exemplo, as relações com o grupo de pares e as relações afetivas (André & Silva, 2005). Neste sentido a vinculação é o estabelecimento de um vínculo físico e emocional entre dois sujeitos, com vista à satisfação de necessidades. Este vínculo relativamente estável e duradouro é também o primeiro vínculo estabelecido pelo indivíduo no seu processo de socialização, sendo que a qualidade deste vínculo será determinante para o desenvolvimento do indivíduo e de todos os vínculos seguintes (Cigarro, 2011). Na adolescência a vinculação sofre algumas alterações, sendo que se dá uma transferência gradual da vinculação parental para a vinculação aos pares, pois o adolescente procura a autonomia e independência familiar mas sem deixar de receber o apoio, investimento e disponibilidade por parte da família (Gomes, 2011). Este vínculo estabelecido é bidirecional e depende das características de ambos os elementos envolvidos na relação, afetando não só a relação como o desenvolvimento de ambos ao longo da vida (Cigarro, 2011). Neste sentido, Buist, Dekovic, Meeus e van Aken (2002, como citados por Cigarro, 2011) realizaram um estudo para verificar o efeito das diferenças de género na vinculação de jovens, no qual concluíram que as raparigas adolescentes apresentavam um *“declínio no desenvolvimento da vinculação (...) às suas mães”* ao passo que os rapazes apresentavam este mesmo declínio mas em relação aos pais (Cigarro, 2011, p.8).

É sabido que existe uma certa continuidade entre os aspetos positivos das relações na adolescência e as relações mais precoces do indivíduo, apensar da alteração de padrões interacionais, emocionais e cognitivos próprios da adolescência. Apesar disso, as continuidades na relação coexistem com 1) alterações significativas na quantidade, conteúdo e significado das interações, 2) a expressão de afeto positivo e negativo entre pais e filhos, e 3) com as suas perceções do outro e da relação (Collins &

Laursen, 2004). A proximidade relacional durante a adolescência manifesta-se de formas que são distintas da manifestação da mesma nos primórdios da relação pais-filhos. Se inicialmente a intimidade era expressada através de mimos e carinhos e extensas interações conjuntas, estas vão diminuindo com a maturação da criança, dando lugar ao aumento da conversação, da passagem de informação e da expressão de sentimentos. Estas alterações demonstram-se apropriadas ao nível de maturação do adolescente e à alteração das suas necessidades (Collins & Laursen, 2004).

Ainda que sofra alterações significativas, a relação pais-filhos permanece como a relação mais importante e influente nos adolescentes, moldando a maioria das decisões mais importantes com que se confrontam, havendo uma diminuição na autoridade parental em relação a aspetos mais banais como o vestuário e o penteado. Durante o curso da adolescência, a proximidade relacional sofre algumas alterações como uma diminuição nos níveis subjetivos de proximidade e nas medidas objetivas de interdependência, tal como se verifica uma diminuição no tempo que pais e filhos passam juntos. É ainda percebido menos companheirismo e intimidade com os pais à medida que se entra na adolescência, referindo-se menos sentimentos de aceitação pelos pais e menos satisfação com a vida familiar. Apesar disso os adolescentes percecionam a relação com os pais como calorosa e solidária, referindo ser menos frequente a expressão de emoções positivas mas mais frequente a expressão de emoções negativas. Ademais nem todos os aspetos são negativos pois a simpatia e o afeto aumentam na adolescência média para níveis iguais aos da pré-adolescência. À medida que o filho se aproxima da adolescência as suas interações com os pais baseiam-se mais na conversação, negociação, decisão conjunta mais do que no controlo unilateral do comportamento pelos pais (*Idem*).

Na adolescência, o indivíduo sofre uma grande influência do meio que o envolve, seja através do grupo de pares, dos meios de comunicação ou da família. A autonomia dos adolescentes pretende-se que seja um ganho progressivo em tomar de decisões próprias onde o adolescente deixa de depender psicologicamente dos pais (Cruz, 2007). E, se por um lado, a autonomia foi anteriormente vista como um processo de separação da família, por outro, ela atualmente constitui o processo pelo qual o adolescente se torna autónomo mas sem se desligar da família, agindo por sua conta e tendo comportamentos independentes, mas sem ter de afastar-se da sua família (Reichet

& Wagner, 2007). Com esta alteração, a relação familiar sofre conseqüentemente algumas alterações, nas quais os pais passam a necessitar de gerir de diferente modo as situações, necessitando de negociar, de responsabilizar o adolescente e de se questionarem. Frequentemente quando os pais reajustam as suas decisões e alteram o seu papel e tipo de autoridade, provocando mudanças no seu estilo educativo, os adolescentes enfrentam com isso um problema ao nível da autonomia (Reichet & Wagner, 2007). Nesta perspectiva Cruz (2007) diz-nos que o adolescente quando incentivado a participar na tomada de decisões familiares (embora sejam os pais a tomar a decisão final) tem mais tendência a procurar a sua autonomia na família. Pelo contrário os adolescentes cujas famílias limitam a sua tomada de decisão têm tendência a tornar-se mais inseguros e dependentes. Esta tarefa de abertura familiar onde os pais procuram apoiar os filhos, desenvolver um espírito familiar mais democrático e objetivo mas ao mesmo tempo impor limites, torna-se um desafio constante devido às críticas e ao julgamento dos próprios filhos, tornando-se um ponto de choque e discussão familiar (Cruz, 2007). No mesmo estudo já referenciado de Cigarro (2011), este investigador concluiu que a relação diferencial entre o adolescente e cada um dos seus progenitores se deve às diferenças de interação que ambos estabelecem com o filho através da adoção de diferentes estilos parentais. Desta forma podemos também demonstrar a importância dos estilos parentais para a relação pais-filhos.

Os estilos parentais são constituídos pelas práticas educativas levadas a cabo pelos pais no processo de educação dos filhos. Baumrind (1978, como citado por Reichet & Wagner, 2007) identificou três modelos de autoridade parental que eram baseados em elementos educacionais como o calor humano, o favorecimento da maturidade, o envolvimento, a exigência e supervisão parental. Estes modelos de autoridade parental são o modelo autoritário, o modelo autoritativo (autorizado ou autorizante) e o modelo permissivo (contendo os estilos negligente e indulgente) (Brás, 2008; Campos & Cruz, 2011; Reichet & Wagner, 2007). O modelo autoritário corresponde a práticas essencialmente focadas na obediência, disciplina e afirmação do poder, na qual a criança/ adolescente têm uma autonomia restrita e a sua individualidade é limitada. Os pais que adotam este modelo apresentam uma reduzida responsividade e uma redução na expressão de afetos ao passo que os filhos se tornam agressivos, inseguros e menos afiliados aos pais (Brás, 2008; Campos & Cruz, 2011). O modelo

autoritativo (autorizado ou autorizante) apresenta um estilo mais equilibrado onde os pais apresentam um controle firme mas ao mesmo tempo racional, onde estimulam a autonomia tanto quanto a obediência, a partilha de ideias e a explicação dos comportamentos. Neste estilo os filhos apresentam um ajustamento comportamental e psicológico mais equilibrado bem como são mais competentes e confiantes envolvendo-se também em menos problemas (Brás, 2008; Campos & Cruz, 2011; Reichet & Wagner, 2007). Quanto ao modelo permissivo este desdobra-se em dois estilos, sendo o estilo negligente e o estilo indulgente. Ambos os estilos pertencentes ao modelo permissivo são pautados pela falta de controle dos pais em relação ao filho e pela excessiva autonomia fornecida, levando a que o filho possa executar todos os seus caprichos e desejos. Aquilo que realmente distingue estes dois estilos refere-se ao envolvimento afetivo. Se no estilo negligente existe pouco envolvimento afetivo dos pais para com o filho, no estilo indulgente os pais são altamente envolvidos e afetivos. As crianças e adolescentes submetidos a este modelo parental têm pouca apreensão das regras e normas e podem tornar-se indivíduos menos desenvolvidos aos níveis da autonomia, autocontrole, autoconfiança, estimulação e exploração, tornando-se dependentes e superprotegidos (Brás, 2008; Campos & Cruz, 2011; Paiva & Ronzani, 2009).

Vários estudos foram levados a cabo nomeadamente os da própria Baumrind (1971, como citado em Campos & Cruz), e os de Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts e Fraleigh, (1987 como citados por Brás, 2008), os de Maccoby e Martin (1983, como citados por Brás, 2008) e ainda os estudos de Steinberg, Mounts, Lamborn e Dornbusch (1991 como citados por Brás, 2008) que tiveram como objetivos não apenas a verificação destes três tipos de modelos parentais mas também a verificação de qual o estilo educativo mais equilibrado e adequado. Concluíram que o estilo autoritativo (autorizado ou autorizante) é o estilo que promove um maior equilíbrio. Contudo Brás (2008) alerte para o fato de existirem alguns fatores, como a cultura, que têm influência no estilo parental.

O estabelecimento de normas e limites, decorrentes do estilo parental adotado pelos pais, é uma das tarefas mais difíceis e exigentes que os pais enfrentam após a entrada dos seus filhos na adolescência. O estabelecimento de normas e limites, a aplicação de sanções, a exigência de responsabilidades e a monitorização ou

conhecimento das atividades que os filhos realizam são as estratégias socializadoras que os pais utilizam para controlar os filhos. À medida que decorre a adolescência dos filhos, encontra-se uma diminuição dos níveis de controlo exercidos pelos pais, sendo que esta diminuição demonstra o reajuste realizado pelos pais no seu estilo parental de forma a adaptarem-se à adolescência, ao amadurecimento e também às novas necessidades do adolescente (Parra & Oliva, 2006; Collins & Steinberg, 2006). Desta forma, denota-se importante estabelecer normas claras, coerentes, flexíveis e estabelecidas previamente pelo casal para que não haja transmissão de mensagens contraditórias para o filho. Estas normas devem ser explicadas e explicitadas as suas consequências, adaptadas à idade dos filhos e aplicadas as consequências sempre que as regras estabelecidas não sejam cumpridas (CEAPA, 2013).

2.3. O conflito

Como já antes referido a adolescência é muitas vezes associada a adjetivos negativos, sendo descrita como a fase na qual se ocasionam mais conflitos familiares. Nesta fase de vida, tanto as modificações emocionais do adolescente podem influenciar negativamente as suas relações com os que o rodeiam como também as alterações hormonais que despertam o desejo e a atividade sexual conduzem os pais a uma postura mais restritiva e controladora. Esta postura é adotada não só perante as saídas do adolescente como também perante as amizades que este estabelece. Frequentemente esta modificação da postura parental dá origem a conflitos mais frequentes, devido à procura do jovem por uma maior autonomia. Não apenas as alterações emocionais e hormonais podem dar origem a conflitos familiares, mas também o desenvolvimento cognitivo pode estar na base dos mesmos. Nesta fase os adolescentes têm maior capacidade crítica e de reflexão, colocando em questão as regras e normas familiares e desafiando a autoridade parental. A capacidade do adolescente de argumentar com solidez e coerência conduz à irritação e perda de controlo por parte dos pais, sendo que nesta etapa é ainda frequente que as expectativas parentais em relação aos comportamentos dos filhos sejam violadas, causando conflitos e mal-estar familiar e emocional (Oliva, 2006). Apesar de aparentemente o conflito poder ser negativo este é um acontecimento normativo na vida familiar. A parte negativa do conflito surge

quando não há capacidade de reequilibração após o mesmo, ou seja, quando o conflito coloca em causa a coesão afetiva da família, perturbando o equilíbrio familiar (Menezes, 1990).

Apesar de se originarem alguns conflitos relacionados com os aspetos enumerados acima, foi possível a Laursen, Coy e Collins (1998) constatarem uma diminuição na frequência de conflitos entre pais e filhos no decorrer da adolescência. Apesar desta diminuição na frequência, denotou-se nas etapas, inicial e média da adolescência, um aumento da intensidade emocional vivenciada nos conflitos, a qual diminuía ligeiramente na fase final. Assim demonstra-se escassa a evidência empírica sobre o aumento dos conflitos na adolescência, embora seja possível indicar quais os assuntos mais geradores de discussão entre pais e filhos. As saídas são consideradas especialmente pelas raparigas como um dos aspetos mais problemáticos, como explicitam os resultados encontrados por Vieira (2012), que demonstram que os jovens do sexo masculino têm a perceção de maior liberdade e autonomia. Os conflitos sobre assuntos quotidianos como a forma de vestir e os estudos, a sexualidade, as drogas e a política parecem ser também geradores de conflitos. Apesar de menos frequentes quando existentes são mais intensos (Vieira, 2012). Smetana (2005) aponta não existirem diferenças entre rapazes e raparigas ao nível conflitual, embora sejam mais frequentes os conflitos entre os filhos e as mães. Também a forma como o conflito é resolvido sofre algumas alterações durante o curso da adolescência. Se inicialmente há uma tendência para o jovem abandonar a discussão e fechar-se no quarto ou do pai impor o seu ponto de vista e obrigar o filho a aceitar, com o decorrer da adolescência dá-se um aumento da negociação de pontos de vista e opiniões (Oliva, 2006). Assim sendo, e em linha com o anteriormente apresentado, de forma a existir um adequado desenvolvimento psicossocial do adolescente, devem ser promovidas fronteiras flexíveis bem como um reajustamento na relação pais-filhos. Desta forma será possível ao adolescente procurar autonomia mantendo simultaneamente a ligação e o suporte emocional com a família (Neves, 2011).

2.4. Os irmãos

Com a extrema importância da relação entre pais e filhos, a relação entre irmãos tem recebido menos atenção do que merece. Apesar disso os irmãos são uma fonte importante de companheirismo, intimidade e afeto, experienciando mais conflitos entre si do que com os amigos ou outros pares. Além da existência de desentendimentos entre irmãos, os adolescentes relatam simultaneamente companheirismo, calor e aproximação na relação, sendo que os conflitos existentes são reportados a questões relacionadas com sentimentos de tratamento diferenciado pelos pais, que implica rivalidade e desentendimento entre irmãos. As relações positivas entre irmãos associam-se com maior frequência à percepção de apoio emocional e apoio relacionado com a escola dado pelos irmãos, sendo este igual ou maior do que o apoio fornecido pelos pais (mãe e pai). As relações positivas entre irmão têm também sido associadas a uma maior aceitação pelos pares. Estes sentimentos positivos de apoio por parte dos irmãos proporcionam ao adolescente oportunidades de partilha e coordenação de metas, que conduzem à promoção de padrões de comportamento pró-social e autocontrolo da parte do adolescente. As relações entre irmãos mais velhos podem ainda ser ricas em fornecer abertura e capacidade de estabelecer relações com os pares. Apesar disso, o grau e tipo de influência dos irmãos depende de alguns fatores como ter uma irmã ou um irmão, como também ter um irmão do mesmo sexo ou uma díade mista. Assim é possível verificar e compreender a importância e relevância das interações familiares que o adolescente estabelece com os membros da família, pois estas contribuem de forma significativa para o desenvolvimento da adolescência (Collins & Laursen, 2004).

2.5. O grupo de pares

Na adolescência para além da alteração da relação entre o adolescente e os pais, e os irmãos, denotam-se alterações na relação entre os jovens e os outros contextos privilegiados da vida, como a escola, o grupo de pares, e a comunidade envolvente, que desempenham um papel fundamental na construção da identidade do adolescente. O grupo de pares assume nesta etapa da vida um papel especialmente relevante. Neste sentido, as relações sociais proporcionadas pela integração num grupo de pares representam grande importância no desenvolvimento da identidade pessoal do

adolescente, pois o grupo torna possível aceder a um conjunto de experiências próprias que não poderiam ser acedidas em outro contexto, como por exemplo a aprovação e suporte na vida diária, experiências de partilha e cooperação, os padrões de comparação social, oportunidade de experimentar papéis adultos, existência de períodos recreativos e de lazer, e ainda a partilha de experiências, pensamentos e ideias. Estas experiências são obtidas também no âmbito de uma relação igualitária, o que não acontece com as relações adulto-adolescente. O grupo de amigos é ainda fornecedor de apoio emocional e estratégico para enfrentar os desafios colocados pelas tarefas desenvolvimentais próprias da adolescência (Kerr, Stattin, Biesecker & Ferrer-Wreder, 2003; Pereira & Matos, 2008). Frequentemente constituído por jovens de idades aproximadas, interesses em comum e necessidades semelhantes, o grupo de amigos é um contexto onde os jovens preferem passar mais tempo até do que com as próprias famílias. É no grupo que o adolescente se sente integrado, se veste, comporta e fala como os seus elementos, ao mesmo tempo que se sente seguro em se comportar de forma igual aos demais reforçando a sua autoestima e o seu sentimento de pertença. O grupo de pares é caracterizado por rótulos sociais que descrevem as características grupais, como por exemplo, “*os betinhos*”, “*os alternativos*”, “*os punks*” ou ainda “*os nerds*”. Assim o grupo é ainda possibilitador de experiências emocionais positivas através do reconhecimento do adolescente, que partilha de uma identidade, como parte integrante do grupo contribuindo para a existência do mesmo, o que permite o sentimento de pertença. Este sentimento afigura-se extremamente importante pois permite a construção da identidade seja individual ou grupal, a identificação com o grupo, a troca de experiências e também sentimentos, preocupações e angústias sem a existência do controlo dos adultos. Com a integração no grupo de pares, frequentemente os pais do adolescente experienciam uma perceção do grupo de pares como ameaçador e indutor de comportamentos negativos no adolescente, embora só em alguns casos isso aconteça. O grupo de amigos é um contexto onde o adolescente pode experimentar diferentes formas de ser adulto e descobrir a sua própria forma de o ser (Fonseca, 2004). É considerada ainda função do grupo de amigos preencher os vazios emocionais existentes, deixados pela escola, família ou outras instituições, e permitir a construção dos modelos representativos de interação social (Kerr, Stattin, Biesecker & Ferrer-Wreder, 2003; Pereira & Matos, 2008).

2.6. As relações amorosas

Outra forma de interação social que surge na adolescência é a das relações amorosas. As relações amorosas assentam essencialmente numa díade e são caracterizadas por uma intensidade peculiar. Esta intensidade é marcada pela expressão de afeto, que inclui o contacto físico como as carícias e os beijos mas porventura também a expectativa de contacto sexual. As relações românticas adolescentes são independentes do género, pois os adolescentes podem estabelecer relações românticas com parceiros do mesmo género ou do género oposto (Collins, 2003). Este tipo de relações são normativas e se numa fase inicial as mesmas são descritas como efémeras e superficiais, com o decorrer da adolescência há um aprofundamento relacional. Os adolescentes relatam encontrar-se numa “*relação romântica especial*” com a apresentação do par romântico aos respetivos pais (Collins, 2003, p.2).

Apesar da aparente fugacidade das relações amorosas dos adolescentes, estas representam um aspeto central na vida do mesmo, sendo um dos maiores tópicos de conversa entre pares e levando o adolescente a experienciar sentimentos fortes tanto positivos como negativos, como nenhum outro contexto proporciona. As relações amorosas na adolescência desempenham um papel importante no desenvolvimento do adolescente pois apresentam-se não apenas como uma das tarefas desenvolvimentais da adolescência, mas também porque têm uma imensa implicação na saúde e ajustamento dos adolescentes. Desta forma desempenham um papel extremamente importante no curso do desenvolvimento dos adolescentes seja ao nível do desenvolvimento da identidade, nas transformações na relação familiar, no desenvolvimento de relações próximas com os pares, no desenvolvimento da sexualidade e nas escolhas vocacionais. Associado ao estabelecimento das relações amorosas encontra-se o desenvolvimento da sexualidade, que é um dos aspetos chave de todo o processo da adolescência. O aumento do desejo sexual dá-se à medida que o corpo do adolescente inicia a maturação das capacidades reprodutivas (Furman & Shaffer, 2013). A sexualidade é parte integrante da vida e associa-se ao desenvolvimento global do indivíduo. Com o despertar da sexualidade na adolescência dá-se a consolidação da identidade sexual, que vem sendo construída desde os primeiros momentos de vida do indivíduo na sua interação com os progenitores, os fatores culturais, morais, religiosos, sociais, e outros.

A sexualidade adolescente desenvolve-se segundo quatro estádios: pré-adolescência, etapa precoce da adolescência, etapa média e etapa tardia. Na pré-adolescência os jovens têm ainda uma aparência física pré-puberal alterando-se apenas o peso, dando-se um aumento. O investimento dos adolescentes na sexualidade nesta fase é baixo havendo apenas obtenção de informação com os pares, levando à concetualização de alguns mitos sobre a sexualidade. Com o início da maturação física, entre os 10 e os 14 anos, surge a etapa precoce da adolescência, na qual o adolescente vê despertado o seu interesse e curiosidade sobre o próprio corpo e sobre o corpo dos indivíduos do mesmo sexo. Surgem neste período as fantasias sexuais e a masturbação, que se tornam frequentes e que podem induzir sentimentos de culpa no adolescente. As relações amorosas do adolescente neste período são frequentemente platônicas e ausentes de contacto físico. A partir dos 14 anos e até aos 17 anos dá-se a etapa média da adolescência, em que a maturação física se encontra completa ou quase completa. Nesta etapa é frequente a ocorrência da menarca nas raparigas e a semenarca nos rapazes. O comportamento sexual dos adolescentes nesta fase passa pelo contacto físico pautado por uma natureza egoísta e exploratória que visam a satisfação sexual através de encontros, carícias e “*relações causais acompanhadas de relações genitais ou extra-genitais*” (Costa, Lopes, Souza & Patel, 2001, p.219). É frequente nesta fase haver uma negação das consequências do comportamento sexual. Entre os 17 e os 20 anos dá-se a etapa tardia da adolescência pautada pelo comportamento sexual mais expressivo, relações mais íntimas e compartilhadas e menos comportamento exploratório. Nesta altura os adolescentes procuram um par para relações amorosas duradouras, têm maior consciência dos riscos do comportamento sexual e da necessidade de proteção. Apesar de atualmente parecer não existir distinção entre os comportamentos sexuais entre rapazes e raparigas, há ainda diferenças nos sentimentos e desejos. Se os rapazes separam o impulso sexual da noção de amor, para as raparigas existe uma junção de ambos (Costa, Lopes, Souza & Patel, 2001). O desejo sexual masculino localiza-se nos órgãos genitais, surge com uma forma urgente e necessita satisfação rápida, para isto os rapazes geralmente preferem uma companheira embora também pratiquem a masturbação. As fantasias eróticas masculinas são centradas em atributos físicos femininos como genitais, seios e pernas. No caso das raparigas o amor tem prioridade sobre o desejo, havendo a união entre o desejo e outros sentimentos. Para as

adolescentes o orgasmo nem sempre é o objetivo primordial da satisfação sexual (Costa, Lopes, Souza & Patel, 2001).

É sabido que atualmente os adolescentes iniciam mais precocemente as relações sexuais com intercurso genital, seja através da influência ou pressão do grupo de pares, por imitação, por substituição da masturbação (devido à culpa gerada) ou pela alteração nos comportamentos. Esta iniciação precoce traduz um desafio tanto para pais como para filhos, pois se os primeiros têm uma imagem diferenciada da sexualidade relativamente à dos seus filhos, estes últimos têm de lidar com os desafios de um comportamento sexual saudável, pautado por conhecimentos corretos, cuidados adequados e proteção (*Idem*). Os pais tendem a preocupar-se nesta etapa da vida do adolescente com questões reais do mundo atual como a gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis e o abuso sexual das raparigas. Contudo existem algumas preocupações diferenciadas quanto ao género dos filhos. Quando o filho é do sexo masculino, os pais tendem a preocupar-se com a interferência dos interesses sexuais do filho nos estudos, podendo eventualmente colocar o seu futuro profissional devido à distração, ao passo que quando o filho é do sexo feminino as preocupações recaem sobre a ocorrência de uma possível gravidez ou o abuso sexual. Há ainda com frequência por parte dos pais a adoção de um padrão de moral dupla, no qual os rapazes podem ter acesso a uma maior ou quase obrigatória liberdade sexual, quando para as raparigas ainda persiste uma quase proibição da sexualidade. A sexualidade dos filhos é melhor aceite pelos pais, quando os próprios pais se sentem confortáveis com a sua sexualidade, quando tiveram experiências positivas no desenvolvimento da sua sexualidade e criação de bons amigos na adolescência. Havendo comunicação e abertura comunicacional na família, é possível aos pais colocar limites realistas à expressão da sexualidade dos seus filhos, bem como é possível tolerar pequenas transgressões (Coates, 1997).

2.7. As escolhas vocacionais

A adolescência é também uma etapa de decisões, das quais decorrem diversos questionamentos e incertezas, tanto da parte do adolescente como da sua família. Uma das decisões mais importantes que se toma na adolescência é a escolha vocacional do

adolescente, que se demonstra influenciada por vários fatores, como os individuais, contextuais e histórico-sociais. Relativamente aos fatores individuais implicados na escolha vocacional a realizar pelo adolescente encontram-se as suas expectativas, interesses, crenças, convicções políticas e religiosas e os valores inculcados. A família, os amigos, a comunicação social, a comunidade e a escola são os elementos que integram os fatores contextuais que influenciam a decisão vocacional, sendo que a situação social e político-económica do país compõem os fatores histórico-sociais. Um dos mais importantes fatores é a família, que desempenha um papel fundamental na construção dos projetos de vida dos seus elementos, influenciando as escolhas atuais e futuras do adolescente (Taveira & Silva, 2008). Esta influência da família realiza-se através da transmissão, dos pais para o adolescente, de valores, crenças, interesses, significados e também a projeção das expectativas e interesses que não tiveram possibilidade de realizar. Definida como o “processo de ajudar o indivíduo a escolher uma atividade, preparar-se para ela, começar a exercê-la e progredir” (Taveira & Silva, 2008, p.18), a orientação vocacional torna-se uma das decisões centrais na vida dos adolescentes. Esta é encarada pela família, pela sociedade e até pelo próprio adolescente como uma necessidade, a qual irá interferir no estilo de vida futuro do adolescente, proporcionando-lhe ou não a satisfação. Como anteriormente referido a escolha vocacional do adolescente sofre várias influências sendo construída desde que o adolescente nasce e atingindo o momento crucial na sua adolescência com a decisão do curso superior que irá frequentar. Esta escolha envolve vários aspetos como o gosto, a valorização, o investimento e o contacto com o mundo escolar e profissional e envolve ainda o contexto social onde estes aspetos se processam (Fernandes & Gonçalves, 2012). A adolescência é a fase de preparação do desenvolvimento vocacional e que tem como objetivo a aquisição de uma qualificação e a obtenção de uma ocupação com a mesma (Vieira, 2011), encarando-se assim o desenvolvimento vocacional como tendo também impacto no desenvolvimento psicológico global do adolescente. O desenvolvimento vocacional é uma tarefa que acompanha todo o ciclo de vida dos indivíduos articulando os diferentes papéis que o indivíduo desempenha (na família, na sociedade, nas diversas instituições) com a educação/formação, a qualificação e a atividade profissional. Assim sendo não se pode separar o desenvolvimento vocacional de outras dimensões do desenvolvimento humano e do adolescente. Considera-se assim

que o desenvolvimento vocacional é uma dimensão de síntese ou de integração de todas as outras dimensões do desenvolvimento e que a sua promoção não se deve separar da promoção das diversas dimensões do desenvolvimento psicológico (cognitivo, moral, interpessoal, identidade) (Gonçalves & Coimbra, 2007). Desta forma as escolhas vocacionais do adolescente não dependem apenas das suas características intraindividuais e das suas expectativas como também são resultado do conhecimento e dos significados que têm dos projetos vocacionais dos pais, do processo de identificação e sentimento de pertença à família, da importância dada às profissões dos outros significativos para o adolescente como também a forma como ele elabora os dados familiares (Fernandes & Gonçalves, 2012).

Em suma, a adolescência é um período da vida do indivíduo e da família de grandes alterações, transformações, novos desafios, novas dificuldades e também novas aprendizagens e relações, que são consequência das alterações sociais. Na segunda metade do século XX, assistiu-se a várias alterações na perceção da adolescência, passando o adolescente e os jovens a serem encarados como atores e intervenientes na vida pública, como construindo a sua identidade com base em trocas interativas dele enquanto ser individual e social que se encontra inserido numa realidade social que se encontra em permanente transformação. A adolescência passou a ser identificada como parte de uma cultura, comportando uma alteração na sua visão, passando a ser considerada uma fase de vida com problemas e tensões próprias. Até aos anos 60 a família era caracterizada pela desigualdade de papéis havendo uma transmissão de valores sociais baseados no desempenho de papéis específicos e claramente diferenciados, tanto na família como na sociedade. Estes valores assentavam na hierarquia e na desigualdade de papéis, havendo uma educação diferenciada entre rapazes e raparigas. Com o surgimento dos movimentos de contestação estudantil, dos movimentos feministas, *gay* e ainda *black-power* deu-se a rutura com os papéis sociais tradicionais. Alterou-se o papel da mulher, dando lugar a uma evolução no sentido da igualdade de género, aumentou o número de divórcios e diminuiu o número de casamentos, certos tabus até então estabelecidos desapareceram, como a sexualidade pré-matrimonial, a gravidez fora do casamento e o aborto, iniciou-se uma procura pela felicidade do casal, aumentou o estatuto socioeconómico dos indivíduos e o seu grau de

instrução. Decorrentes destas alterações sociais, deu-se o aparecimento do Estado de Bem-Estar, que permitia aos jovens o prosseguimento dos estudos com os pais a assegurarem o seu sustento. Deu-se também o enfraquecimento da autoridade parental que conduziu a um aumento da autonomia e liberdade dos jovens, havendo entre pais e filhos uma maior negociação do processo de socialização relativa aos horários das saídas, para onde e com quem saem, e a quantia monetária que recebem. Nessa altura surge um mercado jovem, criando-se espaços e produtos dedicados exclusivamente ao público juvenil, mas também uma cultura juvenil internacional, disseminada entre os meios de comunicação social, para que os jovens se identifiquem entre si. O número de jovens ingressantes no ensino superior aumenta devido às dificuldades de inserção no mercado de trabalho e às facilidades fornecidas pela formação académica nessa inserção. Desta forma, os jovens passam a permanecer em casa dos pais até mais tarde, pela falta de meios autónomos de subsistência e pela perda de qualidade de vida decorrente da saída. Hoje os jovens procuram a originalidade aderindo à moda, numa ânsia de cortar com a normalidade e adquirindo uma oportunidade de originalidade. Esta originalidade é vista de uma forma narcísica relacional, pela necessidade de o jovem sentir-se como o espelho pelo qual os outros jovens se olham (Vieira, 2012).

Com todas estas alterações, pais e filhos passam a encontrar-se numa posição mais igualitária, onde a hierarquia rígida de outros tempos é substituída por uma hierarquia flexível que permite a negociação das práticas parentais. Há hoje uma especial relevância social dada à adolescência, tendo-se criado o conceito de uma sociedade adolescêntrica. Assim, os adolescentes ocupam atualmente um lugar central no seio da família e da sociedade pela sua busca pela imitação dos jovens e da sua sedução ao invés de serem a referência desses mesmos jovens (Lírio, 2012).

Capítulo 3: A visão atual de pais e filhos sobre a adolescência, a parentalidade e as relações familiares

A literatura demonstra a existência de visões diferentes entre pais e filhos sobre a adolescência, a parentalidade e as relações familiares (Collins & Laursen, 2004). Dos estudos existentes denota-se a carência de investigações que destaquem simultaneamente a visão de pais e filhos, algo importante para a compreensão holística da adolescência enquanto fenômeno relacional.

3.1. Visões de pais e filhos

Apesar de não terem sido encontrados estudos sobre a visão atual de pais e filhos sobre a adolescência, o estudo de Ozella & Aguiar (2008) remete para diferentes concepções que são veiculadas para os adolescentes e para os pais. Este estudo com adolescentes e para compreender quais as concepções existentes sobre a adolescência, os resultados foram unânimes, embora expressados de forma distinta apresentando uma concepção reproduzida daquilo que é a concepção social de adolescência. Do mesmo modo que alguns autores famosos como Erickson, os adolescentes deste estudo caracterizaram a adolescência como “*momento de crise, rebeldia, transitoriedade, turbulência, tensão, ambiguidade, conflito*” (Ozella & Aguiar, 2008, p.103). Também Santos, Neto e Souza (2011) chegaram a algumas conclusões semelhantes às apresentadas por Ozella e Aguiar através do seu estudo sobre as representações sociais da adolescência. Neste estudo, foram analisadas algumas revistas brasileiras direcionadas para o público adolescente e para os pais. Os resultados obtidos mostraram que as revistas direcionadas para os pais veiculavam uma concepção de adolescência como período problemático ao passo que revistas direcionadas para os adolescentes destacavam as relações do adolescente, sejam afetivas ou sexuais (*Idem*). Estes resultados permitem-nos ver que existe ainda grandemente uma concepção de adolescência conotada com problemas, o que nos permite ver que apesar de largos anos terem passado entre os escritos de autores como Erickson e o momento atual, a concepção de adolescência parece não ter mudado.

3.2. Visões sobre a parentalidade e as relações familiares

As discrepâncias entre as visões de pais e filhos da relação pais-filhos variam de forma desenvolvimental, sendo que inicialmente há maior discrepância nas percepções e expectativas de pais e filhos, havendo posteriormente com o curso da adolescência, convergência nestes aspetos. De forma geral os adolescentes passam mais tempo e partilham mais sentimentos com as suas mães, enquanto percebem o pai como uma figura distante que é apenas consultada primariamente para informação e suporte material. Tanto rapazes como raparigas demonstram ter relações mais calorosas com as suas mães, embora relativamente à proximidade com o pai, os rapazes sejam mais próximos à figura masculina do que as raparigas. Esta tendência para a aproximação ou distanciação tende a acelerar com o curso da adolescência, tendo a maturação puberal sido associada a uma diminuição na aproximação relacional, principalmente na relação entre pais e filhas. Por outro lado, com a maturação puberal dá-se uma diminuição no tempo que as mães e os pais passam com os seus filhos rapazes (Collins & Laursen, 2004).

A comparação entre as díades mãe-adolescente e pai-adolescente permitiram verificar variações frequentes nas relações existentes dentro da mesma família. As semelhanças existentes entre as díades mãe-adolescente e pai-adolescente envolvem duas dimensões, trabalho e lazer, em que a primeira diz respeito a tarefas como cuidar dos filhos e acompanhar nos trabalhos de casa, e a segunda refere-se a atividades recreativas. Em comparação com a díade mãe-adolescente, uma maior percentagem de tempo que pais e adolescentes passam juntos é dedicada a atividades de lazer/recreativas. Apesar de distintas, as díades mãe-adolescente e pai-adolescente influenciam-se mutuamente, uma vez que os adolescentes interagem de forma diferente com um dos progenitores quando estão sozinhos com ele do que quando se encontram acompanhados do outro progenitor ou dos irmãos. Cada díade existente na família varia em grau e natureza de família para família, sendo que foram encontradas evidências de que o grau de coerção relatado por um membro da família varia de família para família mas também de díade para díade dentro da mesma família. Na mesma linha também as relações entre pai e mãe influenciam as interações entre pais e filhos (*Idem*).

Num estudo levado a cabo por Nóbrega (1997), os investigadores pretendiam que os filhos descrevessem o ser pai/mãe em três categorias como a afetividade, experiência/orientação e participação/compreensão. Os filhos teriam de descrever os pais/mães com adjetivos como atenciosos, carinhosos, experientes, orientadores, amigos, acessíveis e atenciosos com os filhos. Estes adjetivos constituíam as categorias anteriormente referidas. A mãe foi descrita pelos filhos rapazes como carinhosa, cuidadosa, educadora, enquanto o pai foi descrito pelas filhas como atencioso. Ambos os filhos consideraram o pai como o líder, experiente, seguro, fornecedor de apoio, amigo, participante, atencioso, acessível e confiando no filho, ao passo que a mãe foi considerada como educadora, conselheira, liberal, orientadora, acessível, participativa e fornecedora de apoio. Assim este estudo revelou algumas diferenças entre as conceções de rapazes e raparigas quanto aos papéis parentais, mas apesar disso o pai é ainda frequentemente visto num prisma mais tradicional como o líder (Nóbrega, 1997). A partir da leitura destes estudos podemos constatar que tal como outros conceitos, também o conceito de parentalidade apresenta definições diferentes dependendo do ponto de vista de quem a olha, seja do lado dos pais, dos filhos, dos homens ou das mulheres. Apesar de tudo, podemos dizer que os papéis que desempenhamos não dependem apenas das nossas funções, mas da imagem que os outros têm desses mesmos papéis (*Idem*).

Neste sentido, Collins e Laursen (2004) referem que os filhos, vêem a família em termos um pouco diferentes das atribuições das mães, tendo estas uma maior tendência para avaliar a família de forma mais positiva do que os filhos, relatando frequentemente mais calor e afeto entre os elementos do sistema familiar (Collins & Laursen, 2004).

Método

1. Concetualização do estudo

O desenho deste estudo baseou-se nos pressupostos do Modelo Sistémico do Construcionismo Social. Assim, e a partir de uma visão sistémica, procurou-se compreender o fenómeno da adolescência a partir dos pais e respetivos filhos, introduzindo circularidade na compreensão dos seus discursos, procurando aceder não só à visão dos pais e adolescentes mas também às visões sobre as visões de pais e adolescentes. Desta forma, e partindo dos princípios do Construcionismo social, que privilegia olhar sobre as relações e as práticas discursivas nos nichos conversacionais dos indivíduos, este estudo pretendeu, através de uma nova e inovadora metodologia desenhada para o efeito – o *focus group* circular, explorar as construções e co-construções discursivas dos pais e dos adolescentes sobre a relação pais-filhos no período da adolescência, acedendo e promovendo a negociação de significados entre pais e filhos. Devido à natureza compreensiva do estudo em execução, foi selecionada a metodologia qualitativa, como a mais adequada para a recolha, tratamento e análise dos dados.

2. Objetivos e questões de estudo

Este estudo tem como objetivo não só compreender como é que os pais e filhos adolescentes percecionam as suas relações, que desafios e dificuldades identificam e como lidam com estes desafios e dificuldades, como também perceber como é que os pais pensam sobre a forma com os filhos percecionam as suas relações e como é que os filhos pensam sobre o modo como os pais percecionam as suas relações.

Este estudo pretende assim contribuir com um olhar mais sistémico, mais circular, sobre as relações pais-filhos na atualidade, durante o período da adolescência, procurando explorar diálogos sintonizados, ocultos ou paralelos que lancem pistas para a emergência de novos diálogos, nomeadamente, terapêuticos.

Este estudo pretende no fundo explorar diálogos explícitos e ocultos entre pais e filhos adolescentes, as concordâncias e dissonâncias entre os discursos de duas gerações que a partir da adolescência começam a ter duas ou mais vozes diferenciadas.

Assim sendo, são objetivos deste estudo:

- Compreender as concepções que pais e filhos têm sobre a adolescência
- Compreender as principais dificuldades sentidas por pais e filhos na relação pais-filhos adolescentes.
- Compreender as estratégias usadas por pais e filhos para lidar com estas dificuldades/desafios.
- Compreender as visões de pais e filhos sobre as visões dos adolescentes e pais, respetivamente.

Destes objetivos, decorrem as seguintes questões:

- Questão 1: Quais são os desafios/dificuldades que se colocam atualmente na relação pais-filhos adolescentes?
- Questão 2: Como é que pais e filhos lidam/pensam/sentem os desafios e as dificuldades inerentes a esta fase do ciclo vital?
- Questão 3: Como é que pais e filhos se posicionam face às visões dos filhos e pais, respetivamente?

Para a resposta a estas questões tornou-se necessária a colocação da seguinte questão:

Quais são as concepções atuais de pais e filhos sobre a adolescência?

3. Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 13 famílias, englobando no total 15 pais/mães com idades compreendidas entre os 40 e os 55 anos (\bar{x} = 46.13 anos e σ = 4.17), e um grupo de 13 adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos (\bar{x} =15.77 anos e σ = 1.36). O grupo de pais é composto por 12 sujeitos do sexo feminino e 3 do sexo masculino, maioritariamente casados (n=13; 87%). Ao nível das habilitações literárias, oito pais frequentaram o ensino secundário, seis pais frequentaram o ensino superior e um pai frequentou o terceiro ciclo do ensino básico. O grupo dos adolescentes é composto por 9 sujeitos do sexo masculino e 4 sujeitos do sexo feminino. A tabela seguinte ilustra as características sociodemográficas da amostra:

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes

Participantes Pais					Participantes Filhos		
Identificação Família, M/P	Sexo	Idade	Estado Civil	Estatuto Ocupacional	Identificação Família, A	Sexo	Idade
F1 M1	F	40	Casada	Empregado	F1 A1	M	17
F1 M2	F	47	Divorciada	Empregado	F1 A2	M	14
F3 M3	F	47	Casada	Outro	F3 A3	M	14
F4 P4	M	45	Casado	Empregado	F4 A4	M	15
F4 M4	F	43	Casada	Empregado			
F5 M5	F	53	Casada	Empregado	F5 A5	F	17
F6 M6	F	47	Casada	Empregado	F6 A6	M	17
F7 M7	F	49	Casada	Outro	F7 A7	F	16
F8 M8	F	41	Divorciada	Empregado	F8 A8	M	16
F9 P9	M	42	Casado	Empregado	F9 A9	F	13
F10 M10	F	43	Casada	Empregado	F10 A10	F	16
F11 M11	F	45	Casada	Empregado	F11 A11	M	16
F12 M12	F	48	Casada	Empregado	F12 A12	M	17
F13 P13	M	55	Casado	Empregado	F13 A13	M	17
F13 M13	P	47	Casada	Empregado			

Para a realização deste estudo, foi recolhida uma amostra de conveniência, de pais e filhos adolescentes residentes na zona do Distrito do Porto, maioritariamente da freguesia de Castelões de Cepeda, Paredes (n=15, 53.5%).

A recolha da amostra deu-se por um processo de bola de neve, no qual foram distribuídos folhetos informativos com os objetivos do presente estudo bem como os procedimentos do mesmo. Estes folhetos informativos foram distribuídos a alguns pais e a alguns adolescentes, entre os 13 e os 17 anos, em diversos estabelecimentos de ensino público e privado da zona de Paredes, na Câmara Municipal de Paredes e ainda no Centro Paroquial que, por sua vez, os passaram a outros pais e adolescentes.

4. Procedimentos de recolha de dados

Este projeto de investigação implicou a recolha do Consentimento informado dos participantes, em documento escrito, onde se deu conhecimento dos procedimentos do projeto em curso bem como a função dos participantes e os métodos de recolha de dados (a necessidade de gravação em vídeo e áudio). Foi também pedido o consentimento informado aos pais dos adolescentes, uma vez que se trata de participantes ainda sem maioridade legal, pelo que se informaram os responsáveis legais sobre os procedimentos do projeto, as funções dos participantes bem como a gravação em áudio e vídeo dos focus group. É apresentado no anexo 1 uma cópia deste documento.

Após o preenchimento do consentimento informado, pais e filhos responderam ao questionário sociodemográfico, passando posteriormente a realizar-se os focus groups e o focus group circular. Estes procedimentos constituem os instrumentos de recolha de dados utilizados para a consecução deste estudo.

4.1. Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi constituído para o efeito no sentido de caracterizar em termos sociodemográficos o agregado familiar. É composto por 6 questões, no sentido de apurar o local de residência, o estatuto socioeconómico e situação profissional dos pais, escolaridade dos pais e filho, o número de filhos e respetivas idades do agregado. O questionário sociodemográfico foi aplicado no primeiro contacto com os participantes (ver Anexo 2).

4.2. Focus group

No sentido de aceder aos pensamentos, opiniões e discursos dos participantes foi utilizada a metodologia do *focus group*.

O *focus group* é um tipo de recolha de dados qualitativos que consiste na realização de um grupo de discussão onde se debate um tema sobre o qual se quer obter informação (Khan et al., 1991) o qual é gravado em áudio ou vídeo (Mack, Woodson, MacQueen, Guest & Namey, 2005). Este método foi desenvolvido nos anos 20 do

século XX e tinha como objetivo o apuramento de opiniões públicas, sendo mais tarde utilizado pelos investigadores na área do marketing (Morgan, 1998). Os dados do *focus group* analisados são constituídos pelo conteúdo das sessões e foca-se na transcrição das mesmas (Freitas & Oliveira, 1998; Oliveira & Freitas, 1997). A constituição do grupo é geralmente de 8 a 12 elementos. São realizados num espaço preparado para o efeito e a sessão tem uma duração aproximada de 1h:30 a 2h. O grupo deve ter algumas características como a homogeneidade dos participantes mas também variabilidade (relativamente à idade, sexo, meio-social). É importante que os elementos não tenham qualquer tipo de relação anterior para que possa haver partilha de informação mais fidedigna (Borges & Santos, 2005; Khan et al, 1991).

Nos *focus group*, as sessões são conduzidas por um moderador que fomenta e facilita a partilha de informação, que conduz a sessão, apresenta questões e tópicos chave a serem debatidos e analisa ainda a informação não-verbal. Os temas devem ser seguidos do mais geral ao mais particular e embora tenham alguma flexibilidade devem seguir uma linha condutora. Por vezes pode ser necessário aprofundar a explicação de uma ideia ou conceito e para isso deve ser colocada uma questão mais específica (Borges & Santos, 2005; Khan et al., 1991).

Para este estudo e para a exploração desta temática foi implementada uma nova metodologia investigativa. Se inicialmente se realizaram *focus group* tradicionais com pais e adolescentes separadamente, num segundo momento realizaram-se *focus group* com os pais a partir do vídeo dos *focus group* dos filhos, e *focus group* com os filhos a partir do vídeo dos *focus group* dos pais. A este novo procedimento de recolha de dados denominou-se por *focus group* circular.

4.3. Focus group circular

O *Focus Group* Circular (FGC) é uma nova metodologia, a ser utilizada para este projeto de investigação, criada para o efeito (Araújo & Conde, 2013). Esta metodologia inspira-se em duas metodologias da Terapia Familiar Sistémica, nomeadamente as Equipas Reflexivas e o Questionamento Circular.

As equipas reflexivas Equipas Reflexivas foram criadas por Tom Andersen (1996, como citado por Silva, 2005) como forma de promoção de uma conversação

dialógica através da existência de uma equipa de campo e uma equipa reflexiva. A equipa de campo faz inicialmente o atendimento familiar enquanto a equipa reflexiva apenas assiste através de um espelho unidirecional. Após o atendimento inicial a sessão é interrompida para que os terapeutas da equipa reflexiva possam dar o seu contributo sobre a conversa estabelecida entre os terapeutas de campo e a família. Estes contributos são realizados por cada terapeuta da equipa reflexiva individualmente e incidem sobre os aspetos da interação e conversação familiar que mais lhes chamaram a atenção. Após esta intervenção da equipa reflexiva tudo regressa à família e aos terapeutas de campo, onde discutem o que acabou de acontecer, discutindo o que pensam sobre o que foi dito pela equipa reflexiva e explorando temas novos (Silva, 2005).

Segundo Andersen (1996, como citado por Rasera, Santos, Faria, Aguiar & Pires, 2006) esta técnica permite uma nova significação devido à existência de diálogos internos e dos externos que os mesmos realizam. Esta existência de diálogos internos permite a integração das novas construções sem colocar em causa a integridade do sujeito. Através da participação da equipa reflexiva com as suas opiniões que contribuem para os diálogos internos dos participantes criam-se lugares a novos diálogos. As contribuições das equipas reflexivas permitem a expressão dos diálogos internos dos participantes sem que estes se expressem e permitem também que se formem novos entendimentos sobre as situações familiares (Rasera et al. 2006).

Relativamente ao questionamento circular, este surgiu na Escola de Milão em meados dos anos 70 e através da equipa de terapeutas composta por Mara Selvini Palazzoli, Gianfranco Cecchin, Luigi Boscolo e Guiliana Prata. Esta técnica tem como base o conceito de sistema, onde cada sistema é constituído por círculos de relações, ou seja, que os elementos de um sistema, os indivíduos, estão conectados por via de padrões específicos que permanecem através dos tempos. Utilizam-se assim as tríades investigacionais em que se coloca um elemento a refletir sobre as ideias ou ações de outro em relação a um terceiro. Com a circularidade fomentam-se novas construções e aumenta-se a curiosidade dos terapeutas para explicações novas que possam surgir. Não se procuram verdades ou mentiras nos discursos e explicações, mas antes a obtenção de diferentes perspetivas que permitam a construção de uma visão mais ampliada e complexa (Guimarães & Costa, 2003).

Desta forma, o focus group circular tem como objetivo colocar alguns elementos nas posições ora de equipa reflexiva ora de equipa de campo, tendo simultaneamente o objetivo de possibilitar a compreensão da circularidade dos discursos, ou seja, a compreensão do que uns pensam sobre o que os outros pensam. Assim, pretende-se fazer surgir novos diálogos que permitam compreender a complexidade da interação entre pais e filhos adolescentes para lhe dar novos sentidos (Araújo & Conde, 2013).

Assim sendo, o focus group circular como concetualizado pelas investigadoras compreendeu três etapas fundamentais:

- 1) A realização de um *Focus Group* tradicional com pais e um *Focus Group* tradicional com os filhos adolescentes

A primeira sessão de *Focus Group* dos pais pretendeu aceder às suas conceções sobre a adolescência, as dificuldades, desafios e preocupações desta fase que os filhos atravessam e ainda que estratégias os pais utilizam para lidar com esta fase do ciclo vital. Para que se pudesse recolher informação sobre estes temas, foram colocadas algumas questões, como por exemplo:

1. Como se descrevem enquanto mãe/pai de um adolescente?
2. Que palavras, adjetivos associam à parentalidade?
3. Há diferenças entre ter um filho adolescente rapaz ou rapariga?
4. Quando é que sentiram que a adolescência dos vossos filhos se estava a iniciar? E quando pensam que irá terminar? Que mudanças sentiram/constatarem nos vossos filhos?
5. Que desafios identificam neste período da vossa vida?
6. Como lidaram com as mudanças iniciais? Como lidam agora?
7. Que mudanças sentiram na vossa relação pais-filhos?
8. Que estratégias utilizaram para lidarem com estas mudanças (desafios ou dificuldades)?

Quanto à primeira sessão com os filhos, a mesma foi realizada com os mesmos propósitos da sessão dos pais, de forma a recolher informação sobre as suas conceções sobre a adolescência, as dificuldades, desafios e preocupações desta fase que atravessam e ainda que estratégias utilizam para lidar com esta fase e os desafios que a mesma

comporta. Foram colocadas algumas questões semelhantes às respondidas pelos pais, tais como:

1. Como se descrevem enquanto adolescentes?
2. Que palavras, adjetivos associam à adolescência?
3. Há diferenças entre ser adolescente rapaz e rapariga?
4. Quando é que sentiram que a vossa adolescência se estava a iniciar? E quando pensam que a adolescência irá terminar? Que mudanças sentiram/constataram?
5. Que desafios identificam neste período da vossa vida?
6. Como lidaram com as mudanças iniciais? Como lidam agora?
7. Que mudanças sentiram na vossa relação pais-filhos?
8. Que estratégias utilizaram para lidarem com estas mudanças (desafios ou dificuldades)?
9. Como acham que os vossos filhos adolescente/ou adolescentes vêem os pais?

No início e final da sessão, ambos os grupos foram informados e questionados acerca de alguma informação, revelada nas sessões, que pretendessem que não fosse divulgada ao outro grupo. Portanto, após esta primeira sessão com cada grupo, foram selecionados alguns excertos das sessões que pudessem ser utilizados na segunda sessão do *Focus Group*, excluindo os excertos que os participantes solicitaram que não fossem incluídos. Os restantes excertos foram selecionados segundo alguns critérios de conteúdo, entre cada focus group, como a discrepância discursiva, a ausência deste conteúdo do outro grupo e ainda a ressonância emocional dos mesmos para as investigadoras. Os vídeos dos *focus groups* de pais e filhos foram visualizados por duas investigadoras para que fosse preenchida uma tabela, na qual constavam os critérios de conteúdo anteriormente descritos. Após este preenchimento e verificação dos acordos e desacordos, procedeu-se à seleção dos excertos. Para cada excerto foi assinalado o tipo de conteúdo correspondente, a sua duração e o tema do discurso. Estes dados foram utilizados para posterior montagem do vídeo correspondente para pais ou para filhos, com os excertos selecionados.

2) Realização de um *Focus Group* Circular com pais e um *Focus Group* Circular com os filhos adolescentes

A segunda sessão do *Focus Group*, realizada duas semanas após a primeira sessão, foi também realizada separadamente com cada grupo. No início da sessão foram mostrados os excertos da 1ª sessão com o outro grupo, portanto os pais visualizavam os excertos da sessão dos filhos, e os filhos visualizavam os excertos da sessão com os pais. Nestes excertos constavam opiniões acerca de alguns temas abordados na primeira sessão com cada grupo, como por exemplo: a definição de adolescência, a idade de início da adolescência, as responsabilidades, os novos sentimentos, a liberdade, as saídas, os namoros, a sexualidade, o dar opinião e as diferenças de género. Após a visualização destes excertos foram colocadas algumas questões de forma a compreender se havia discrepâncias entre a opinião de cada grupo em relação aos excertos visualizados. Esta sessão pretendeu colocar cada um dos grupos no centro da discussão, como equipa reflexiva e como equipa de campo, segundo os princípios das Equipas Reflexivas de Tom Anderson. Assim, pretendeu-se integrar novas construções nos diálogos internos dos sujeitos sem que a sua integridade fosse afetada, criando-se também novos diálogos sobre os temas apresentados. De forma a aceder a estes novos diálogos foram colocadas algumas questões como por exemplo:

1. O que mais vos surpreendeu nestas opiniões?
2. O que não vos espantou?
3. Qual foi o comentário que mais vos marcou, positiva ou negativamente?
4. Como olham agora para estes temas?
5. Era esta a ideia que tinham da opinião dos adolescentes sobre estes temas? (questão direcionada para o grupo dos pais)
6. Era esta a ideia que tinham da opinião dos pais sobre estes temas? (questão direcionada para o grupo dos filhos)

3) Realização de um *Focus Group* conjunto

Por fim realizou-se a última sessão, um mês após a segunda sessão, na qual se reuniram pais e filhos. No início desta sessão foi pedido a pais e filhos que se reunissem em 4 grupos, dois grupos de pais e dois grupos de filhos, para a realização de algumas tarefas. A primeira tarefa pedida foi a resposta em grupo a algumas questões, as quais

podem ser consultadas no anexo III. Cada grupo dispunha de 45 minutos para discutir as suas ideias e registá-las numa folha fornecida para o efeito. Todos os grupos iniciaram a realização da tarefa simultaneamente e foram sendo acompanhados pela investigadora quanto a questões ou dúvidas na realização, tal como a monitorização do tempo. Após a conclusão da tarefa foram reunidos novamente todos os sujeitos de forma a serem apresentados os resultados da tarefa anterior. Assim cada grupo apresentou, através do seu líder e perante todos os indivíduos, as suas respostas às questões colocadas.

A tarefa seguinte desta última sessão de investigação promoveu a reunião da família, portanto, cada sujeito reuniu-se aos outros elementos da sua família. Após esta reunião, cada família era presenteada com uma nova folha para registar informações. Nesta nova tarefa cada família deveria registar, em duas colunas específicas para o efeito, adjetivos, frases ou expressões que descrevessem a família antes deste processo e também a descrição da família agora. É possível consultar um exemplo da folha fornecida aos participantes no anexo 4 deste projeto. Após um período de 15 minutos para a realização da tarefa, foi pedido a cada família que apresentasse aos restantes indivíduos a descrição realizada da sua família.

Para finalizar a sessão, os participantes foram questionados sobre o que tinham percebido desta experiência e como se sentiam após este processo de partilha.

Este projeto de investigação encontra-se inserido num projeto mais abrangente denominado *TeensFam (IN)Project*, que implicou uma recolha de dados mais alargada, que incluiu a administração de outros instrumentos, nomeadamente a versão Portuguesa do *Family Adaptability Cohesion Evaluation Scale – FACES III*; o Índice de Parentalidade Autorizada; a Escala de Satisfação Parental; e o Questionário de Satisfação com as sessões.

5. Procedimentos de análise de dados

Para a elaboração da análise dos dados foi selecionada a metodologia qualitativa da *Grounded Theory*.

– Grounded Theory

Após a transcrição integral do material obtido nos *Focus Group* foi efetuada uma análise dos dados com o método da *Grounded Theory* – GT. A GT é um procedimento de análise qualitativa que foi desenvolvido por Glaser e Straus (1967, como citado em LaRossa, 2005) e que tem como base a recolha e análise de dados para a formulação de uma teoria sustentada pelos mesmos (LaRossa, 2005; Rodrigues, Albuquerque, Bento, Vieira & Silva, 2004; Hopfer, Maciel-Lima, 2008). A GT surgiu da investigação sociológica e tem um propósito essencialmente exploratório dando ênfase aos dados da experiência do comportamento dos sujeitos em concordância com as condições contextuais. O teor da GT é fundamentalmente interpretativo e podem ser obtidos dados através de entrevistas, diários, cartas, relatos, revistas, jornais, entre outro tipo de materiais, com o objetivo de construir a teoria e não de a verificar como em outras metodologias (Fernandes & Maia, 2001). Uma teoria fundamentada nos dados frequentemente fornece uma explicação compreensiva de um processo ou esquema aparente de um fenómeno particular, que não pretende ser uma teoria que se assume como uma resposta que encaixa em todas as questões da pesquisa, mas sim que inclui a diversidade (Birks & Mills, 2011). Neste sentido Glaser e Strauss (1967) concetualizaram que os dados são obtidos através de métodos de descoberta, sendo estes independentes do investigador. Mais tarde Strauss e Corbin (1990) defendem que a criação da teoria é um ato de construção embora flexível, pois não existem verdades absolutas. A realidade é assim construída pelos atores nos contextos de ocorrência dos fenómenos, e não descoberta, sendo portanto socialmente construída. Assim sendo os fenómenos traduzem-se em processos socialmente construídos nos quais o investigador interage interpretando e incluindo a perspectiva dos participantes (Santos & Luz, s.d.).

Com a GT os investigadores pretendem compreender as experiências dos indivíduos da forma mais detalhada e rigorosa quanto possível. Para isso são identificadas categorias e conceitos que emergem do texto, sendo estes posteriormente ligados dando origem a teorias substantivas e formais. A GT é um processo iterativo em que o investigador se torna cada vez mais aprofundado -“*grounded*” - nos dados, desenvolvendo conceitos e modelos de como o fenómeno em estudo realmente se processa. Para que isto aconteça, é necessário recolher informação textual através da transcrição de entrevistas, focus group, relatos, diários, etc., analisando posteriormente

esta informação de forma parcelar, linha a linha, sublinhando palavras-chave (Glaser & Strauss, 1967; Ryan & Bernard, 2000; Birks & Mills, 2011).

Charmaz (2006) apresenta mais tarde uma nova conceitualização da GT, onde coloca a reflexividade, o aprofundar do método e do investigador como peças centrais da GT, tomando uma posição construtivista, tendo o seu foco na investigação do processo social básico, em que os paradigmas são vistos como formas possíveis de conceber o mundo, relativamente diferentes e não fechados. Assim a atenção ao contexto, a situação em estudo e as ações, o posicionamento dos atores, a assunção de múltiplas realidades e da subjetividade do investigador, constituem os elementos principais desta nova corrente construtivista da GT. Para esta autora, as estruturas sociais e as construções dão origem às situações em estudo, pelo que a compreensão dos fenómenos depende das circunstâncias que os envolvem durante o processo de investigação. Não é assim possível separar a realidade existente e quem a vê, dando origem a uma pluralidade de olhares sobre a mesma realidade. O próprio investigador tem uma visão sobre o fenómeno, interpretando os dados através do conhecimento teórico que possui, mas também através do seu olhar pessoal assumido e explicitado. (Santos & Luz, s.d.; Charmaz, 2006).

Ademais dos métodos de codificação dos dados conceitualizados por Glaser e Strauss (1967) e Strauss e Corbin (1990), também Charmaz (2006) conceitualizou métodos de codificação dos dados, sendo a codificação inicial, focalizada e teórica. Os diversos elementos da GT como os vários níveis de codificação, os memorandos e a amostragem teórica são, segundo a autora, neutros, fornecendo aos investigadores orientação para direcionarem os estudos. Apesar de tudo esta orientação é flexível, o investigador elabora a construção dos dados a partir da visão que ele próprio tem da situação em estudo, tornando-se um elemento da investigação. É importante que o investigador assuma a sua visão, de forma a reduzir o efeito da mesma no processo de recolha e análise dos dados. Em relação aos processos de codificação dos dados, este processo inicia-se com a codificação inicial, a qual abre as portas à exploração de todas as possibilidades teóricas que possam ser distinguidas nos dados e move o investigador em busca de decisões posteriores acerca da definição das categorias centrais – “*core categories*” do estudo. Enquanto se processa a codificação inicial o investigador deve questionar-se “*Estes dados são um estudo sobre o quê?*”, “*O que sugerem estes dados?*”

Pronunciam?”, *“Do ponto de vista de quem?”*, *“Que categoria teórica indicam estes dados específicos?”* de forma a que a codificação inicial seja a próxima dos dados obtidos. Ao invés de se aplicar categorias pré-existentes, deve ver-se a ação em cada segmento de informação, codificando-a com palavras que refletem essa ação. Este tipo de codificação permite a emergência de novas ideias. Os códigos iniciais são provisórios, comparativos e baseados nos dados, pois necessitam de permanecer em aberto para que possam ser consideradas novas possibilidades ou criados novos códigos que melhor se adequem aos dados. A codificação inicial pode ser realizada palavra a palavra, linha a linha ou incidente a incidente e é um passo essencial para preencher dois critérios principais da GT: forma e relevância. A forma refere-se à adequação do estudo realizado ao mundo empírico, ou seja, quando os códigos construídos e desenvolvidos em categorias cristalizam a experiência dos participantes. Relativamente à relevância, esta acontece quando o investigador demonstra um enquadramento analítico incisivo que faz a interpretação do fenómeno a acontecer e ainda estabelece relações entre os processos implícitos e as estruturas visíveis (Charmaz, 2006).

A codificação focalizada é a segunda fase da GT, na qual os códigos são mais dirigidos, seletivos e concetuais do que a codificação palavra a palavra, linha a linha e incidente a incidente. Após o estabelecimento de algumas direções analíticas fortes através dos dados iniciais da codificação linha a linha, agora o investigador deve iniciar a codificação focalizada para sintetizar e explicar maiores segmentos de informação. A codificação focalizada significa utilizar os códigos iniciais mais significativos e/ou frequentes para peneirar maiores quantidades de informação. Assim a codificação focalizada exige decisões sobre a adequação dos códigos iniciais e quais destes fazem mais sentido para categorizar incisivamente e completamente os dados. A força do método de codificação da GT deriva do envolvimento concentrado e ativo no processo. O investigador age sobre os dados ao invés de os ler passivamente. Através das suas ações novos assuntos para analisar surgirão. Eventos, interações e perspectivas surgem à vista de uma forma que não tinham sido detetados inicialmente. O método da codificação é um processo emergente, consistente com a lógica da GT em que ideias inesperadas surgem constantemente. A codificação focalizada confirma a visão pré-concebida do investigador sobre o tópico, sendo assim possível ao investigador movimentar-se entre entrevistas e observações comparando a experiência dos

participantes, as suas ações e interpretações. Os códigos definidos devem condensar a informação e fornecer uma explicação dela. Após a codificação de um corpo de texto é necessário comparar os códigos entre si como também toda a informação. O código descritivo de um dado incidente ou afirmação pode esclarecer outras afirmações ou incidentes, e os incidentes devem ser comparados pela sua intensidade e impacto. Um incidente prévio pode alertar incisivamente para um incidente seguinte. Através da comparação de dados desenvolvem-se códigos focalizados, os quais são utilizados de seguida para comparar os dados, o que ajuda a refinar os códigos construídos (Charmaz, 2006).

A codificação teórica é um nível sofisticado de codificação que segue os códigos selecionados durante a codificação focalizada. Estes códigos são encarados como estando relacionados da mesma forma que as hipóteses se relacionam para serem integradas numa teoria. Os códigos teóricos especificam possíveis relações entre categorias desenvolvidas na codificação focalizada, são integrativos e dão forma aos códigos focados recolhidos na etapa anterior, de forma a auxiliar na descrição de uma história analítica coerente. Este tipo de códigos não concetualiza apenas como os códigos substantivos estão relacionados mas também conduzem a história analítica numa direção teórica. Os códigos teóricos podem aperfeiçoar o trabalho dos investigadores com um toque analítico aguçado quando usados habilmente, adicionando precisão e clareza, tanto mais quanto se adaptarem aos dados e à análise substantiva. Estes códigos podem ainda tornar a análise coerente e compreensiva, demonstrando a existência de diversas famílias de códigos, dependendo do tipo de dados e do que se pretende obter deles. As famílias de códigos não têm critérios ou razões para o seu estabelecimento. Frequentemente a integração teórica fornecida pelos códigos teóricos permanece implícita na análise, pois os códigos surgidos da sensibilidade do interacionismo simbólico presenteiam com uma base teórica ou uma infraestrutura concetual que integra toda a narrativa. Os leitores de outras disciplinas de estudo podem permanecer inadvertidos do quadro teórico implícito que organiza uma determinada teoria (*Idem*).

De acordo com o anteriormente explicitado, os resultados apresentados de seguida foram obtidos segundo os princípios de codificação de Charmaz (2006), através das codificações inicial e focalizada, de forma a compreender o fenómeno da

adolescência através da compreensão das circunstâncias que a envolvem, no momento de recolha dos dados. A questão de partida para a análise dos dados foi: “*Como é que pais e filhos adolescentes percebem a adolescência e as suas relações?*”.

6. Questões de rigor e de validade

Como estratégias de rigor e de validade de forma a assegurar a credibilidade do procedimento de recolha e análise dos dados, foram adotadas as seguintes estratégias:

- 1) Foi realizada uma experiência piloto do focus group com jovens universitários (amostra mais acessível), de forma a testar e adaptar a metodologia criada, a treinar as competências de dinamização de grupo e validar o guião.
- 2) Foi analisado todo o material recolhido, inicialmente a partir de memorandos e só depois codificado, seguindo o método da comparação constante;
- 3) Todo o procedimento de categorização foi alvo de reflexão conjunta com outros investigadores, nomeadamente com os orientadores e colega de investigação.
- 4) Foi realizada uma descrição detalhada dos resultados, disponibilizando no capítulo que se segue vários excertos das fontes, no sentido de outros investigadores poderem ter um julgamento informado sobre a categorização e poderem reconstruir a análise;

Resultados

A análise dos resultados dos focus groups compreendeu a análise de dois tipos de visões: a visão dos pais e dos adolescentes sobre a forma como percebem as suas relações no período da adolescência e a visão dos pais sobre a visão dos filhos e dos filhos sobre a visão dos pais. Assim, os resultados serão divididos em dois blocos principais: 1) a visão de pais e adolescentes e 2) as visões sobre as visões.

1. Visão de pais e de adolescentes

Relativamente à visão dos pais e dos adolescentes, foram identificadas três categorias principais através das quais os dados se organizam: 1) as “*Concepções sobre a adolescência*”, 2) os “*Desafios e dificuldades do período da adolescência*” e as 3) “*Estratégias e comportamentos adotados por pais e filhos*”

1.1. Conceção sobre a adolescência

Um dos primeiros resultados que emergiu na análise dos dados foi a forma como pais e filhos percebem a adolescência. Os resultados evidenciam que pais e filhos têm uma concepção temporal da adolescência que nem sempre se assemelha à definição temporal da adolescência segundo a literatura científica. Há portanto uma definição idiossincrática da temporalidade no que diz respeito a este período da adolescência. Pais e filhos também evidenciam contrastes entre as suas concepções pessoais sobre a adolescência, baseadas nas suas experiências (ex. adolescência como não conflituosa) em relação às concepções sociais que têm das mesmas, baseadas na forma como apreendem o mundo exterior (Ex. adolescência como problemática). Pais e filhos encaram ainda a adolescência como um processo de mudança multidimensional, a vários níveis, privilegiando as dimensões de mudança relacional, social, comportamental e de diferenciação do *self*, não contemplando outras dimensões, como por exemplo a dimensão do desenvolvimento físico. Para a concepção da adolescência, pais e filhos evidenciam uma concepção dependente do género e da personalidade de cada um, para além de identificarem diferentes formas de adolescência em função da posição ocupada na fratria, ao invés de enfatizarem o seu carácter universal. O quadro

que se segue sistematiza todas estas categorias e subcategorias encontradas, que serão de seguida ilustradas com mais detalhe.

Tabela 2. Sistema categorial sobre a conceção de adolescência recolhida nos focus groups com Pais e Filhos

Conceção da Adolescência					
Categorias	Subcategorias	Sub-subcategorias	P¹	A²	
Conceção temporal			*	*	
Conceções sociais	Adolescência é problemática		*	*	
	Período de irresponsabilidade e indecisão		*		
Conceções pessoais	Adolescência como não conflituosa ou dolorosa		*		
	Período de afirmação		*		
	Adolescência dependente do contexto		*		
Adolescência como processo de mudança multidimensional	Relacional	Com os pares	*	*	
		Com os pais	*	*	
		Com os pares amorosos	*	*	
	Social	Assunção de papéis e responsabilidades		*	
		Comportamental	Gestão monetária		*
		Diferenciação do <i>self</i>	Ter opiniões próprias		*
O papel de género na adolescência	Adolescência dependente do género		*	*	
	Adolescência dependente da		*		

¹ Presença dos conteúdos das subcategorias nos discursos dos Pais

² Presença dos conteúdos das subcategorias nos discursos dos Adolescentes

personalidade	
Adolescência e posição do filho na fratria	*

Dimensão de análise 1: Conceção de adolescência

Tanto pais como adolescentes localizam o início da adolescência mais tardiamente do que a literatura, que refere o início da adolescência aos 10 anos (APA, 2002; UNICEF, 2011). Assim, pais e filhos marcam o período da pré-adolescência e da própria adolescência entre os 12 e os 15 anos, referindo que hoje os jovens não têm necessidade de crescer tão rapidamente.

Categoria – Conceção temporal

“ (...) eu acho que só se pode dizer que alguém é realmente adolescente a partir dos 14/15 anos” (FG1,F13A13,Jo1)³

“ (...) eu acho depende um bocado do caso de cada um. (...) Acho que depende um bocado daquilo que os nossos pais nos atribuem para fazer, ou seja, pode ser aos 12, outros aos 14.” (FG1,F8A8,Es)

“Eu acho que é na pré-adolescência, e eu que trabalho diretamente com crianças de 7º, 8º e 9º ano, quando eles estão...que estão a passar daquela fase de meninos ou meninas para rapazes” (FG1,F9P9,C.)

“ (Pronto, então a moratória é um tempo que tem que se dar para ele se preparar para entrar na vida adulta, pronto.) Cada vez é mais tarde, não é, porque nós sabemos também que agora eles... Nós eramos obrigados a crescer mais rapidamente.” (FG1,F12M12,M.O.)

Pais e filhos parecem também apresentar dois tipos de concepções de adolescência distintas, as concepções sociais da adolescência, falando de uma adolescência da qual ouvem falar mas que nada tem a ver com a adolescência que

³ FG(nº) significa que o excerto se refere ao 1º Focus Group, F(nº) refere-se ao número de codificação da Família, A/M/P é relativo à posição do sujeito na família, sendo A – Adolescente, M – Mãe e P – Pai, Jo1 refere-se ao nome do sujeito.

vivenciam (concepções pessoais da adolescência). Relativamente às concepções sociais da adolescência, enfatizam a noção da adolescência como problemática (12 pais e 2 filhos) e como um período de irresponsabilidade e indecisão (3 pais). Os excertos seguintes ilustram esta concepção social da adolescência.

Categoria – Concepções sociais

Subcategoria – Adolescência é problemática

“(...) por exemplo, nas festas, acontecem as situações em que se metem comprimidos nas bebidas” (FG1,F13A13,Jo1)

“Eu concordo porque, para mim a idade dos 17 é perigosa, porque eles estão na...como “o tolo no meio da ponte” se vem um e diz “ - ó pá vamos fazer isto!”, se ele não for esta desatualizado se ele for, ou se mete no álcool ou se mete na droga, não sei quê não sei que mais...” (FG1,F13P13,J.)

Subcategoria – Período de irresponsabilidade e indecisão

“Mas é responsável. Quando tem compromissos com a escola por exemplo, um teste. No outro dia ele deixou a namorada...” (FG1,F13P13,J.)

“ (respondendo ao marido J. sobre a responsabilidade) Mas isso não é uma característica de adolescente até é o contrário! (risos) ” (FG1,F13P13,M.J.)

“Relativamente ao A. uma das coisas curiosas que me surgiu recentemente é que eu sempre acusei o A. de não ser, não ter... Não criar as opções... Ou melhor, jogou hóquei e fez dois jogos, jogou futebol, desistiu, andou na música, começou com a guitarra... Ou seja, começava uma atividade mas não a desenvolvia” (FG1,F4P4,D.)

Categoria – Concepções pessoais

Por contraste, ao falarem das suas próprias experiências definem essencialmente a adolescência como não conflituosa. Ao invés de destacarem a irresponsabilidade, destacam sobretudo a experimentação e a afirmação inerente a este período, parecendo ter uma visão mais positiva da adolescência do que aquela que é socialmente veiculada. Os excertos que se seguem evidenciam esta concepção pessoal da adolescência como mais positiva do que a concepção social que veiculam.

Subcategoria – Adolescência como não conflituosa ou dolorosa

“A minha experiência não é má. Se calhar sou privilegiada. De facto eu não tenho a perceção de que a adolescência seja conflituosa, um período de conflitos, ehh...sei lá doloroso, para ambas as partes, para os pais e para os filhos, eu não tenho essa experiência com os meus filhos” (FG1,F12M12,M.O.)

“Ele às vezes diz assim ” - Nós somos da mesma idade e estamos tão distantes"... Porque tratam os filhos também ” - O meu filho é adolescente tem que ser problemático.", não tem que ser problemático, ok?” (FG1,F4M4,Fe).

Subcategoria – Período de afirmação

“É uma fase em que eles querem experimentar e alguns deles querem experimentar para se evidenciarem, como? Perante o grupo, nesse sentido, não é...” (FG1,F6M6,MdJ)

Um dos pais entrevistados parece fornecer uma explicação para esta discrepância de conceções, encarando a adolescência como sendo um fenómeno múltiplo e não universal, que assim depende do contexto de inserção do adolescente, nomeadamente o contexto escolar, como ilustra a seguinte frase:

Subcategoria – Adolescência depende do contexto escolar

“É aquilo que eu digo, nós aqui, mesmo com os nossos filhos a estudarem em escolas públicas, numa escola pública, sentimo-nos seguros. Se transportarmos isso para uma realidade, Porto, sabemos que os miúdos do Alanquei, do Ribadouro, do Luso-Francês e do Colégio Alemão, que até têm notas diferentes são meninos protegidos, mas que quando entramos nas escolas públicas, oh diabo!” (FG1,F4P4,D.)

A adolescência tem sido caracterizada na literatura como um período de desenvolvimento a vários níveis, nomeadamente, corporal, psicossocial, cognitivo, psicossocial e moral. Pais e filhos entrevistados parecem estar cientes desta multidimensionalidade, contudo enfatizam sobretudo as mudanças relacionais, com os pares e com os pais. Não fazem referência ao desenvolvimento físico, não parecendo fazer uma associação entre a puberdade e a adolescência. No que toca às mudanças

relacionais com os pares, os filhos parecem enfatizar todo o processo de integração no grupo de pares, como ilustram os seguintes excertos:

Categoria – Adolescência como processo de mudança multidimensional

Subcategoria – Relacional

***Sub-subcategoria – Com os pares**

“(...) quando começa a ver que os seus amigos começam a fumar e tem de tomar decisões, quero-me integrar neste grupo e não quero” (FG1,F13A13,Jo1)

“É experimentar ou o querer conhecer ou entre amigos querer evidenciar-se..., é logico que são situações e são... (...) É uma fase em que eles querem experimentar e alguns deles querem experimentar para se evidenciarem, como? Perante o grupo, nesse sentido, não é...” (FG1,F6M6,MdJ)

Relativamente às mudanças relacionais com os pais, pais e filhos ao invés de enfatizarem um maior distanciamento dos progenitores, descrevem um movimento de aproximação relacional aos pais (7 filhos). Da parte dos adolescentes do sexo masculino é referida uma aproximação à mãe, enquanto os adolescentes do sexo feminino referem uma aproximação ao pai como os seguintes excertos evidenciam:

***Sub-subcategoria – Com os pais**

“(...) com o meu pai também mudou, com a minha mãe agora que o meu pai está mais distante, com a minha mãe foi um bocado à medida que fui crescendo fui ganhando aquele à vontade, talvez por causa de o meu pai estar afastado, mas comecei a ganhar aquele à vontade com a minha mãe também. Mas também parti um bocado do princípio de que a ser adolescente já tenho consciência que posso estar à vontade com a minha mãe porque sei perfeitamente que ela só quer o meu bem para mim” (FG1,F8A8,Es)

“Mas ultimamente por muito estranho que pareça, descobri como lidar, de certa forma, com o meu pai e aquela abertura que eu sempre tive com a minha mãe e que não tinha com o meu pai agora... Não é que deixasse de ter com a minha mãe, porque eu contínuo a tê-la, mas com o meu pai estou a começar a ter uma abertura maior. (...) É aquela coisa que, pronto. Foi descobrir como lidar com ele. A partir daí, aquela abertura que eu talvez tinha só com a minha mãe, agora tenho com os dois.” (FG1,F10A10,Ma1)

“Sentir que um miúdo de 16 anos (que ainda só faz 16 este ano, mas a caminho dos 16 anos) já começa a demonstrar algumas responsabilidades, coisa que eu achava que ele não ia conseguir tão rapidamente, alterou algumas coisas, nomeadamente começar a vê-lo de outra forma. Começar a perceber que ele afinal vai no caminho certo, isto foi uma fase (ele teve a fase das indecisões, dos problemas dele, não é?), de todas as questões nós não podemos deixar de falar com eles de nada” (FG1,F4P4,D.)

Os filhos destacam também as mudanças que começam a vivenciar no que toca ao relacionamento com o sexo oposto (1 filho e 1 pai), desvendando o facto de este assunto ser do conhecimento dos pais, pedindo até a sua opinião.

***Sub-subcategoria – Com os pares amorosos**

“Eu sinto que realmente começa a contar quando essa criança começa a sentir coisas que antes não sentia, por exemplo, coisas com raparigas” (FG1,F13A13, Jo1)

“Eu acho que hoje é muito engraçado, mesmo até a nível de namoradas, vá, eu consigo saber minimamente como são, como não são, o que acham, o que pensam e pedir-me a minha opinião” (FG1,F8M8,E.)

Para além das mudanças relacionais, os filhos destacam a mudança ao nível dos papéis e responsabilidades, enfatizando a crescente responsabilização com a escola e com a comunidade (1 pai e 1 filho).

Subcategoria – Social

***Sub-subcategoria - Assunção de papéis e responsabilidades**

“E depois também depende um bocado das responsabilidades que nós temos também a ajudar isso. Por exemplo, eu sou da associação de estudantes e nós fazemos festas como ainda vamos ter uma no próximo fim-de-semana e como sou da associação e estou a trabalhar entre aspas na tal festa” (FG1,F8A8,Es)

“Mas é responsável. (refere-se ao filho, Jo1) Quando tem compromissos com a escola por exemplo, um teste.” (FG1,F13P13,J.)

São também destacadas alterações ao nível comportamental, por exemplo nas saídas, pois os adolescentes passam a sair sem a presença dos pais (3 pais e 2 filhos). Na

adolescência, os jovens também passam a gerir algum dinheiro próprio, nomeadamente a sua mesada (5 filhos). Estas alterações ao nível das saídas e da gestão do dinheiro podem ser consultadas nos excertos seguintes:

Subcategoria - Comportamental

***Sub-subcategoria – Saídas sem os pais**

“Por exemplo, eu sou da associação de estudantes e nós fazemos festas como ainda vamos ter uma no próximo fim-de-semana e como sou da associação e estou a trabalhar entre aspas na tal festa já sou obrigado a ficar até ao final, ou seja, já não posso dizer, “ - Mãe estou em casa às duas ou às três” é “ - Quando a festa acabar eu venho para casa”. Ao início ela vinha-me buscar, agora já posso ir a pé, já posso ir com um amigo, é uma coisa muito gradual (...) mas por exemplo enquanto o meu irmão se tiver de sair todos os fins-de-semana, mesmo para a noitada, pode sair, eu por exemplo já só faço ” - Mãe, vou lá cima ao centro da cidade tomar um café e pronto, depois venho pra casa, não venho tarde, pronto”.” (FG1,F8A8,Es)

“Eu fiz uma experiência durante dois anos para cá... Eu ia trabalhar de carro para a escola, a minha filha ia comigo, eu a dado momento, em Fevereiro, eu disse: “ - Não, vou tirar o passe e vamos começar a ir de autocarro!”. (...) Ela neste momento vem para a academia de música de Paredes sozinha, com um violoncelo às costas, lá vem ela!” (FG1,F9P9,C.)

***Sub-subcategoria – Gestão do dinheiro**

“Mas acho que a ser adolescentes, quando começam a aparecer os festivais e não só, queremos dar prendas a namoradas e coisas assim, que se calhar já temos que gastar um bocado mais, acho que aí já é importante termos consciência que ou comemos menos um panique de chocolate ou tomamos menos um café, ou uma coisa assim para que possamos colocar de lado para que possamos fazer isso.” (FG1,F8A8,Es)

“Eu concordo também na questão de gerir o nosso dinheiro porque até uma certa fase da vida, também como eles disseram, os nossos pais também não nos vão poder financiar a nossa vida toda. Um dia também vamos arranjar trabalho e isso e acho que é importante começarmos a ter noção de gerir o dinheiro já desde esta idade.” (FG1,F3A3,D.)

Foi ainda destacado pelos adolescentes que uma das alterações própria da sua fase de vida é da diferenciação do *self*, a qual identificam como evidenciada através da aquisição de opiniões próprias (2 filhos) como é possível verificar nos excertos seguintes:

Subcategoria – Diferenciação do *Self*

***Sub-subcategoria – Ter opiniões próprias**

“(Sabemos investir aqui, sabemos investir noutro lado, se temos de poupar se fazemos uma coisa em família, já somos mais,) já damos mais a nossa opinião já mesmo em casa” (FG1,F8A8,Es)

“Eu começo a ter as minhas próprias ideias e começo a refutar mais aquilo que os meus pais dizem. Eles dizem alguma coisa, dão a opinião deles, se tivermos uma discussão por exemplo à mesa eu já sou mais crítico no que eles dizem, não aceito tudo como dantes fazia” (FG1,F6A6,G.)

Em relação ainda às concepções da adolescência foi ainda destacada no discurso dos pais a distinção entre rapazes e raparigas, o que se refere ao papel de género dos filhos (2 pais e 2 filhos). Foi ainda referida por pais com mais do que um filho, a distinção relativa à personalidade dos filhos adolescentes (4 pais). Estes dados podem ser consultados nos excertos seguintes:

Categoria – O papel de género na adolescência

***Sub-subcategoria – Adolescência dependente do género**

“as raparigas são muito mais frágeis e mais, quer dizer, depende das raparigas. Têm normalmente, normalmente são muito mais frágeis e mais sensíveis e pronto, mais indefesas em relação a alguns rapazes” (FG1,F10A10,Ma1)

“As raparigas amadurecem mais cedo.” (FG1,F4P4,D.)

***Sub-subcategoria – Adolescência dependente da personalidade**

“Exatamente (concorda com D.), mas é uma diferença abismal entre o J. (irmão mais novo de Ma2) e a Ma2. (...) A Ma2 sempre teve uma personalidade muito forte muito vincada... (...) Os rapazes acho que neste caso, ele tem 14 anos também, a Ma2 é mais

velha, mas ouve mais facilmente, acata... Ouve mais facilmente, é mais meiguinho...”
(FG1,F5M5,Fi)

“Para mim é uma característica da personalidade dele... Porque ele simplesmente não quer ouvir, acha que tem... Ele é que sabe... Tenho mais dificuldade, acho que ele não é tão acessível. Pode ser também porque acho que é do feitio dele, ele gosta de se isolar...” (FG1,F2M2,M.C.)

Além da diferenciação de gênero e personalidades dos filhos, foi ainda referida pelos pais uma adolescência que é diferenciada dependendo da posição do filho na fratria. Esta questão foi referida por pais que têm mais do que um filho adolescente ou algum filho mais velho (2 pais). Os discursos ilustrativos desta diferenciação podem ser consultados de seguida.

Categoria – Adolescência e posição do filho na fratria

“Exatamente (concorda com D.), mas é uma diferença abismal entre o J. (irmão mais novo de Ma2) e a Ma2. (...) A Ma2 sempre teve uma personalidade muito forte muito vincada... (...) Os rapazes acho que neste caso, ele tem 14 anos também, a Ma2 é mais velha, mas ouve mais facilmente, acata... Ouve mais facilmente, é mais meiguinho...”
(FG1,F5M5,Fi)

“Estou a ter muito mais dificuldades com ele do que com ela, nunca tive problemas com a adolescência dela, e com ele estou a notar, acho que são diferença de 9 anos mas há uma diferença muito grande e educar um filho há 9 anos atrás acho que, para mim era muito mais fácil do que é agora.” (FG1,F2M2,M.C.)

1.2.Desafios e dificuldades da adolescência

Através dos diálogos que emergiram nos focus group realizados, foi possível constatar que pais e filhos destacam como principais desafios e dificuldades da adolescência as relações dos adolescentes com os pares, as relações entre pais e filhos, a tarefa de preparação para a vida adulta no que diz respeito à exploração e investimento vocacional, a gestão da internet, e a perda dos avós. O quadro que se segue sistematiza as categorias e subcategorias de dados encontradas.

Tabela 3. Sistema categorial sobre as dificuldades e desafios da adolescência de Pais e Filhos

Dificuldades e desafios da adolescência					
Categorias	Subcategorias	Sub-subcategorias	P⁴	A⁵	
Relação com os pares	Integração no grupo de pares		*	*	
				*	*
					*
	Relações amorosas e sexuais		Iniciação precoce	*	
			Sexualidade e afeto	*	
			Diferenciação de género nas relações afetivas	*	*
			Promiscuidade	*	
			Namoros	*	*
		Homossexualidade	*		
Relações com os pais	Negociação das saídas	Pais incentivam os filhos	*	*	
		Recusa de liberdade pelos filhos	*	*	
		Liberdade diferenciada em função do género		*	
		Aceitação de determinadas escolhas vocacionais e religiosas pelos pais	*		
		Stress e falta de tempo dos pais	*	*	
Preparação para a vida adulta	Escola		*	*	
	Emprego		*	*	
	Exigência dos pais em termos escolares			*	
Internet			*		
Perda dos Avós			*		

⁴ Presença dos conteúdos das subcategorias nos discursos dos Pais

⁵ Presença dos conteúdos das subcategorias nos discursos dos Adolescentes

Dimensão de análise 7 – Dificuldades e desafios da adolescência

No que diz respeito à relação com os pares, foram referidas por pais e filhos dificuldades na integração dos adolescentes no grupo, na influência que o mesmo exerce sobre os adolescentes, na postura social que necessitam de adotar na adolescência e nas relações amorosas e sexuais que surgem neste período.

Categoria - Relação com os pares

Pais e filhos revelam que um dos desafios desta fase de vida se prende com a integração no grupo de pares (2 pais e 2 filhos), o qual gostam de conhecer. A integração no grupo passa pela escolha de um grupo consoante as suas práticas e comportamentos, como é possível verificar nos excertos seguintes:

Subcategoria – Integração no grupo de pares

“ (quando começa a ver que os seus amigos começam a fumar e tem de tomar decisões) eu quero-me integrar neste grupo e não quero” (FG1,F13A13,Jo1)

Foi também referida por pais e filhos uma dificuldade relativamente à influência que o grupo exerce efetiva ou hipoteticamente nos comportamentos dos filhos (2 pais e um filho), podendo estes dados ser consultados nos excertos seguintes:

Subcategoria – Influência do grupo de pares

“porque eles estão na...como “o tolo no meio da ponte” se vem um e diz “ - ó pá vamos fazer isto!”, se ele não for, está desatualizad;o se ele for, ou se mete no álcool ou se mete na droga, não sei quê não sei que mais... (...) Ou porque se juntam com um grupo, ou porque um deles anda metido na droga e depois o outro também se não fuma um bocadinho de droga é um “careta” como eles chamavam antigamente e chamam e eles para não ficarem atrás também fumam” (FG1,F13P13,J.)

Foi referida apenas pelos filhos uma existente preocupação com a postura social, encarada como um desafio nesta fase da sua vida (2 filhos). Os discursos relativos a este desafio podem ser consultados de seguida:

Subcategoria – Postura Social

“acho que nós começamos a ter mais cuidado com por exemplo as roupas e o que fazemos em público do que dantes, porque dantes era só brincar e não levávamos nada a sério e começamos a ter mais cuidado com a nossa postura” (FG1,F12A12,P.)

“Acho que tem a haver muito com a imagem que passamos. Não é que, não nos preocupamos só com a imagem, mas não é dizer que só nos preocupamos com o que os outros pensam mas preocupamo-nos um bocado de dizer que nós temos que começar a dar o exemplo aos mais novos” (FG1,F8A8,Es)

Em relação à dificuldade com as relações amorosas e sexuais, os pais referiram como sendo um desafio para a relação com os filhos a iniciação sexual precoce dos mesmos, comparada com a idade da primeira relação sexual no seu tempo (2 pais).

***Sub-subcategoria – Iniciação precoce**

“Eu confesso que me assusta um bocado, que me preocupa imenso, que já se falou lá em casa, mas que eu acho que com 16 anos ainda é cedo. Acho que a parte sexual mesmo, quanto mais tarde (vários pais concluem a frase) melhor.” (FG1,F6M6,MdJ)

“Mas nós não conseguimos controlar isso, infelizmente. Eu também acho cedo, para nós era cedo!” (FG1,F13M13,MJ)

Foi ainda referida pelos pais a existência atual de um pensamento igualitário dos adolescentes de ambos os géneros relativamente à questão da sexualidade (1 pai), embora seja também referida a importância da afetividade (2 pais) e respeito nas relações sexuais (1 pai).

***Sub-subcategoria – Sexualidade e afeto**

“Falar sim, falar abertamente, explorar tudo que é necessário, mas sim, sem dúvida eu acho que nesta fase (e olhando para o meu filho) eu acho que ainda há muito o afeto, a amizade, o afeto, o gostar, a paixão sim, o respeito. Mas nada mais, ainda nada mais.” (FG1,F6M6,MdJ)

“Eu acho que a questão aqui é que se calhar, eu acho que na nossa idade (falo pela minha idade), se calhar as meninas e os rapazes pensavam de maneira diferente (vários pais concordam). E hoje em dia eles pensam de maneira igual em relação ao sexo. (...)

Porque não tenhamos, não tenhamos esperanças, hoje em dia, as miúdas vêm a sexualidade da mesma forma que...” (FG1,F13M13,M.J.)

“Mas eu às vezes, quando se proporciona (e eu trabalho com idades já são o grupo mais do secundário) eu digo " - Vocês tenham cuidado." sabem porquê? Porque é os afetos (Su e MdJ concordam), é o não verem o sexo pelo sexo mas mais pelo afeto. Entregar-se a alguém, que se gosta (nem que aquilo acabe um dia, pode acabar)” (FG1,F12M12,M.O.)

Apesar de também ser referida por pais, os filhos também referem a existência uma diferenciação que sentem na reação dos pais às suas relações amorosas (3 pais e 2 filhos.

***Sub-subcategoria – Diferenciação de género nas relações amorosas**

“Acho que tem a ver com o medo, a rapariga é mais frágil, a rapariga pode engravidar. (gargalhadas gerais) Eu acho que tem a ver com isso porque com um rapaz, e até mesmo a namorar.” (FG1,F13A13,Jo1)

“mas às vezes é óbvio que ficamos assim um bocado sentidas porque é que um rapaz pode sair e nós não podemos, porque é que um rapaz chega a casa "-Ah pai eu namoro" eu chego a casa e "-Ah pai eu namoro" e ele vai buscar a pistola "- Vais-me dizer quem é!". Por acaso nunca, isso nunca aconteceu, mas pronto, já tivemos assim conversas um bocado que deu a entender isso.” (FG1,F10A10, Ma1)

Foi ainda referido pelos pais (2 pais) a dificuldade de lidar com a atual troca frequente de parceiros amorosos e sexuais na adolescência, que apelidam por promiscuidade. Estes resultados encontrados podem ser consultados nos excertos seguintes.

***Sub-subcategoria – Promiscuidade**

“Mas no caso dos rapazes, com o A. eu tenho esta relação do género precaução " - Tudo bem, mas vejam lá o que é que vocês vão fazer porque tem que se respeitar as meninas." e ele às vezes dá uma gargalhada " - Oh filho é verdade!" e eu às vezes até digo " - Eu sei que elas andam aqui à frente (eu trabalho na câmara e elas passam a vida no parque), eu às vezes gosto de apreciar... A tua amiga x, saiu dos braços de fulano x e está sentada no colo de x. Portanto isto é o que eu faço com o A. " - Ao

menos arranja uma que te use só a ti filho, que não ande aí a correr a freguesia." (risos) (...) Porque hoje em dia, eu não quero ofender quem tem meninas, mas eles têm que ter muita atenção a essas coisas. Não é que elas sejam piores mas as colegas que eu conheço do A. ou algumas, elas pronto, levam as coisas de ânimo muito leve, acham tudo muito natural e depois estão numa fase em que são um bocadinho mais assanhadas do que eles (risos). Nesta idade elas são um bocadinho..." (FG1,F4M4,Fe)

"Entregar-se a alguém, que se gosta (nem que aquilo acabe um dia, pode acabar), mas pelo menos não fazer com a leviandade que eles fazem, que as meninas eu acho que aquilo... Depois perde o interesse, perde tudo... E é horrível elas andarem nas mãos de não sei quantos, e mesmo eles serem usados por não sei quantas. Eu assusta-me isso." (FG1,F12M12,M.O.)

Foi ainda referida pelos filhos (2 filhos) a existência de uma aceitação do namoro dos filhos rapazes e de uma recusa e sobreproteção do namoro das filhas, ao passo que os pais (1 pai) referem o choque quando se deparam com a questão do namoro. Pelos pais (1 pai) foi evidenciada também a questão da assunção da homossexualidade como uma eventual dificuldade na relação pais-filhos, já que os pais sentem não ter a certeza de como lidar com a situação. Estes resultados estão explicitados nos excertos seguintes:

Subcategoria – Relações amorosas e sexuais

***Sub-subcategoria - Namoros**

"O filho se chegar a casa e disser "-Pai, tenho uma namorada." o pai diz "- Ehhh, muito bem (palmas)!". Se chegar uma rapariga ele pega na pistola e vai logo atrás dele (gargalhadas)". (FG1,F13A13,Jo1)

"mas às vezes é óbvio que ficamos assim um bocado sentidas porque é que um rapaz pode sair e nós não podemos, porque é que um rapaz chega a casa "-Ah pai eu namoro" eu chego a casa e "-Ah pai eu namoro" e ele vai buscar a pistola "- Vais-me dizer quem é!". Por acaso nunca, isso nunca aconteceu, mas pronto, já tivemos assim conversas um bocado que deu a entender isso." (FG1,F10A10, Ma1)

"É que eu entrei em choque quando vi a minha filha com a mão dada a um rapaz (gargalhadas). Fiquei em choque! Mas aquilo era um namoro arranjado, porque ela

diz que era só um amigo lá na escola... Imaginem o que é, ela olhou para mim e ou olhei para ela, dissemos tudo. Ela largou logo a mão do rapaz.” (FG1,F9P9,C.)

***Sub-subcategoria – Homossexualidade**

“de todas as questões nós não podemos deixar de falar com eles de nada, até já se falou aqui na questão da sexualidade e às vezes esquecemo-nos de outras questões curiosas como a homossexualidade, não é? (...) Nós percebemos que eles estão a tomar opções, depois há aqui, toda a gente tem a questão da droga, a questão de não sei quê, mas hoje em dia até o drama é a questão que é se um filho nosso chega a casa e diz " - Oh pai, eu gosto do Amílcar.", não é? Como é que nós vamos reagir a isto? Se é tão grave como isso, se a gente vai aceitar, se...? Quando nós percebemos, falou-se aqui há um bocado muito em sexualidade mas pior é um filho chegar a casa e dizer isto. Agora nós vamos conseguir viver com isso? Vamos conseguir adaptar a isso, ou não? A ideia é...” (FG1,F4P4,D.)

A relação com os pais foi um aspeto referido por pais e filhos como sendo um desafio da adolescência. Um ponto de divergência tem a ver com as saídas dos filhos. Ao contrário do esperado, não é a luta dos filhos pela liberdade o desafio, mas antes a tentativa dos pais que os filhos saiam de casa. Foi ainda evidenciado pelos adolescentes (3 filhos) uma diferenciação na liberdade dada pelos pais às raparigas daquela que é dada aos filhos rapazes. Os excertos seguintes ilustram os resultados encontrados:

Categoria - Relação com os pais

Subcategoria – Negociação das saídas

***Sub-subcategoria – Pais incentivam os filhos**

“Porque eu não tenho isso do meu filho, os meus filhos, o meu de 17 anos não é de sair à noite, aliás sou eu mesmo às vezes que insisto, “ - Ó Mi vai com os teus amigos!”, porque ele não é de sair à noite nem de sair ao fim de semana” (FG1,F11M11,L.)

“Mas é assim, eu lanço o António às feras. O António teve um retiro “ - Ornhonhonho...”, “ - Vais, pouca treta, acabou! Quero-te fora de casa! Tens 15 anos tu nunca estiveste uma noite sem a tua mãe, por favor vai! Tu precisas de ir porque tens 15 anos e tens de te adaptar.”. Claro que eu sabia que ele ia para um meio seguro,

estava com pessoas da minha confiança, que eu conhecia, e eu fui lá levá-lo e fui lá buscá-lo.” (FG1,F4M4,Fe)

***Sub-subcategoria – Recusa de liberdade pelos filhos**

“Eu não posso dizer que concordo nem que discordo porque eu sou, digamos assim, daqueles adolescentes que não faz noitadas, que não vai para fora assim e que volta à uma, duas da manhã. Eu nunca na vida fiz isso, também provavelmente vai haver uma primeira vez para isso e vou ter de ver como é que vou reagir a essa nova fase que ainda não cheguei a esse ponto. (...) Quanto a sair e deixarem-me sair, esse tipo de independência acho que eles nunca foram muito críticos a isso, confiam em mim só que talvez como eu ainda não faço como os meus colegas de sair para a noite e só voltar assim mesmo tarde naquelas festas mais movimentadas, talvez por isso eles ainda não foram mais críticos comigo nesse aspeto.” (FG1,F6A6,G.)

“Mas não tem de ser assim, ele tem de sentir mais... Os meus filhos não dormem fora de casa, e ele sabe (refere-se ao D.) que eu nunca proibi nenhum de dormir fora de casa.” (FG1,F4M4,Fe)

***Sub-subcategoria – Liberdade diferenciada em função do género**

“Eu falo por mim, eu não tenho muita razão de queixa porque os meus pais até me dão bastante liberdade para sair e essas coisas assim, mas com os meus colegas noto muito isso. Noto que os pais normalmente deixam mais depressa sair um rapaz do que uma rapariga. Dão muito mais liberdade a um rapaz do que a uma rapariga.” (FG1,F7A7,Jo2)

“Eu não tenho irmão rapazes, mas tenho primos e já reparei por exemplo, noutra dia até tive uma discussão acesa com o meu pai, porque ele dá muita mais liberdade aos meus primos rapazes, embora alguns sejam mais novos, do que a mim! E eu fico assim um bocado parva mas pronto. E no entanto, foi o que ele disse (aponta para Jo1) e que eles estavam a dizer, as raparigas são muito mais frágeis e mais, quer dizer, depende das raparigas. Têm normalmente, normalmente são muito mais frágeis e mais sensíveis e pronto, mais indefesas em relação a alguns rapazes. (...) mas às vezes é óbvio que ficamos assim um bocado sentidas porque é que um rapaz pode sair e nós não podemos” (FG1,F10A10, Ma1)

É revelada também pelos pais (3 pais) a existência de determinadas escolhas tanto vocacionais como religiosas dos filhos, as quais são um dos desafios presentes na relação. Apesar desta dificuldade os pais referem ter de aceitar as escolhas realizadas pelos seus filhos.

Subcategoria – Aceitação de determinadas escolhas vocacionais e religiosas pelos pais

“São fases, o Es. também já foi e como pediu para ir também pediu para sair e eu respeitei.” (refere-se à opção de ser acólito do Es.) (FG1,F8M8,Eli)

“Eu sempre estive ligado ao futebol e o A. aos 13 anos decidiu deixar de jogar futebol. Para mim inicialmente foi um choque mas temos que aceitar.” (FG1,F4P4,D.)

Pais e filhos referem a existência de uma dificuldade muito presente na atualidade que se prende com o *stress* e a falta de tempo dos pais (2 pais e 3 filhos) devido a questões profissionais. Os seguintes excertos ilustram esta dificuldade.

Subcategoria – *Stress* e falta de tempo

“eu acho que aquilo que realmente importa é o stress no trabalho dos nossos pais. Eu noto muito isso por causa do meu pai, porque ele tem tido vários problemas no trabalho” (FG1,F13A13,Jo1)

“Eu gostava de ter mais tempo, não é?” (FG1,F5M5,Fi)

“Como é óbvio a vida hoje é mais difícil, nós temos que... Pronto, a minha mãe foi uma pessoa que teve 3 filhos mas que apesar de não me ir levar à escola porque também era assim que funcionava (nós íamos, não sei quê), mas acabou por ter até mais tempo para nos dedicar a nós do que hoje nós aos filhos. Mas acho que a vida hoje é...” (FG1,F8M8,Eli)

Referida apenas pelos filhos, a preparação para a vida adulta foi considerada um desafio com o qual os adolescentes se deparam nesta fase das suas vidas. Este desafio da preparação para a vida adulta foi referido relativamente à escola (1 filho), ao emprego (2 filhos), o qual foi considerado uma preocupação atual e ainda à exigência dos pais relativamente ao desempenho escolar. Estes resultados podem ser visualizados nos excertos que se seguem:

Categoria – Preparação para a vida adulta

Subcategoria – Escola

“Hummm, por exemplo a responsabilidade de ter de tirar boas notas para me preparar e ter possibilidades de ir para uma universidade boa licenciar-me, tirar um bom curso” (FG1,F6A6,G.)

Subcategoria – Emprego

“Hummm, por exemplo a responsabilidade de ter de tirar boas notas para me preparar e ter possibilidades de ir para uma universidade boa, licenciar-me, tirar um bom curso e assim garantir um emprego que me desse sustento para um futuro” (FG1,F6A6,G.)

“O que eu gostaria mesmo era de diminuir as preocupações dos meus pais em relação ao futuro e em relação à vida” (FG1,F7A7,Jo2)

Os filhos (1 filho) falaram da existência de uma grande exigência em termos escolares por parte dos pais, a qual constitui uma dificuldade na relação com os mesmos. O discurso relativo a esta dificuldade pode ser consultado no excerto seguinte:

Subcategoria – Exigência dos pais em termos escolares

“E acontece quer com o meu pai quer com a minha mãe, mas por exemplo a minha mãe não pega tanto comigo a nível de desporto, mas a nível de notas e isso, por exemplo, principalmente a nível das línguas, a francês, ela está sempre a pegar comigo (risos). Ela é “-Tens um erro no caderno. Tens aqui outro, tens aqui outro.”. Eles são muito exigentes, e não começou só quando... Eu por acaso gosto dessa exigência, e essa exigência não começou só quando eu entrei ou para o 7º ou para o 5º.” (FG1,F9A9,I.)

Num mundo crescente de tecnologias da comunicação, os pais (2 pais) definiram a internet como uma das dificuldades presentes nesta fase da vida dos seus filhos, pela existência de diversos perigos, mas também pela existência das limitações que advêm do excesso de controlo. Os excertos seguintes ilustram estes resultados:

Categoria – Internet

“Falamos aqui nas saídas, temos uma situação dentro de casa, que não existia na nossa adolescência mas que existe hoje, a internet... São estes pontos importantes que, o

tabaco, o álcool são importantes, já eram da nossa altura, a droga...muita da minha geração foi consumidora de heroína, e muitos dos meus colegas do futebol morreram já, inclusive... Hoje temos a internet, principalmente para as miúdas, o crime de abuso sexual, cresceu exponencialmente, estamos a falar de 250... Só na área do Porto 250 crimes por mês, portanto, não há só crimes fora de casa... (FG1,F4P4,D.)

“É realmente a internet em casa, é realmente uma coisa que, ahhh... obrigou, não obrigou, o meu marido achou que devia fazer um controlo parental no computador e de um momento para outro, elas, há palavras que precisam para trabalhos (principalmente a Ma1) para inglês que era assédio sexual... Pois, mas a palavra em inglês ou em português, está vedada pelo controlo parental, a internet...portanto ela não pode utilizar o computador dela para fazer o trabalho, teve de usar o computador dos colegas ou o meu” (FG1,F10M10,Su)

Uma das dificuldades também identificada pelos pais (2 pais) como existente nesta fase de vida dos seus filhos foi a perda dos avós, a qual constitui não apenas uma dificuldade para os filhos, mas também para os pais, pois estes últimos lidam não apenas com o seu próprio luto, mas com as dificuldades do luto dos seus filhos.

Categoria – Perda dos avós

“E eu quando comecei a ter que lidar com os problemas da adolescência da Ma1, foi precisamente quando ela foi confrontada com a situação da morte da minha mãe e do luto. O luto dela, do meu, e do ela sentir que havia uma pessoa em quem ela confiava e era a única pessoa que ela achava que a entendia e que a compreendia e que agora tinha perdido essa pessoa.” (FG1,F10M10,Su)

“Seja adolescente, seja uma criança, quando alguém parte que gostamos muito faz diferença em todos nós que estamos aqui. Há pessoas que o luto, ou fazem um luto em menos tempo e há uns que demoram mais tempo. Porque a situação da Ma1 foi com a Avó, eu falo do Es que a ama era a vovó dele, portanto e ele quando tem necessidade vai ao cemitério, depois diz-me " - Eu fui ver a minha vovó" ou " - Fui visitar a minha vovó." e eu já sei o que é que ele foi fazer. Lá está, e ele está a demorar a fazer o que eu acho que é o luto, que se chama o luto. Não sei, se calhar nós como catequistas vemos um bocado isso assim, mas é... Ou lemos muito sobre isso não é? E eu acho que é como, seja adolescente, seja uma criança ou seja um adulto, todos têm um tempo diferente.” (FG1,F8M8,E)

1.3. Estratégias e comportamentos adotados

A partir dos discursos obtidos com os focus groups foi possível verificar que os pais utilizam estratégias e comportamentos como a promoção autonomia, a aproximação relacional, o diálogo entre pais e filhos, e a transmissão intergeracional de valores para lidar com a adolescência e as dificuldades e desafios da mesma. A aproximação relacional e o diálogo são estratégias utilizadas por pais e filhos para lidar com todos estes desafios. De seguida é apresentado o quadro que sintetiza as categorias e subcategorias de dados obtidos.

Tabela 4. Sistema categorial das estratégias e comportamentos adotados por Pais e Filhos

Estratégias e comportamentos adotados				
Categorias	Subcategorias	Sub-subcategorias	P⁶	A⁷
Promoção da autonomia pelos pais	Incentivo à realização autónoma de atividades		*	*
	Respeito pelas opiniões e decisões dos filhos		*	
	Respeito pelo espaço pessoal		*	*
	Definição de limites e regras pelos pais	Imposições e proibições Castigos	*	*
Aproximação relacional	Proteção		*	*
	Empenho, dedicação, atenção e acompanhamento por parte dos pais		*	
	Compreensão e favorecimento da confiança		*	*
	Saídas em família		*	

⁶ Presença dos conteúdos das subcategorias nos discursos dos Pais

⁷ Presença dos conteúdos das subcategorias nos discursos dos Adolescentes

Diálogo entre pais e filhos	Abertura comunicacional	*	*
	Advertências	*	*
Transmissão intergeracional de valores por parte dos pais		*	

Dimensão de Análise 3 - Estratégias e comportamentos adotados

Pais e filhos referiram como estratégia adotada pelos para lidar com a adolescência a promoção da autonomia dos filhos. Esta promoção da autonomia é realizada pelos pais através do incentivo à realização autónoma de atividades pelos filhos, do respeito dos pais pelas opiniões e decisões dos filhos, pelo respeito pelo espaço pessoal dos adolescentes e ainda pela definição pelos pais de limites e regras para o comportamento dos filhos.

Categoria – Promoção da autonomia

Tanto pais como filhos (4 pais e 3 filhos) referem a adoção pelos pais de um comportamento incentivador da realização autónoma de atividades pelos filhos, que passa desde encorajarem a irem sozinhos para a escola, a fazerem viagens sozinhos em transportes públicos e tratarem dos procedimentos da viagem. Estes dados podem ser consultados nos excertos seguintes:

Subcategoria – Incentivo à realização autónoma de atividades

“A minha casa fica perto da escola e não sei bem mas de um momento para o outro os meus pais começaram a confiar e deixaram-me ir sozinho da escola para casa quando acabavam as aulas” (FG1,F12A12,P.)

“E esse choque, por exemplo, que o filho dessa senhora passou quando foi para o décimo ano, a minha filha se tiver que ir para o porto no décimo ano, já não tem esse choque... Porque já esta habituada a desenrascar-se. Eu já faço muitas vezes essa experiência, "olha vamos até ao porto de comboio", e para quê? Mando-a tirar o bilhete... Esses dias em que foi com o Freitas, ela é que tirou o bilhete, para quê? Para ela saber...” (FG1,F9P9,C)

Ainda no âmbito da promoção da autonomia, os pais (4 pais) referem adotar um comportamento de respeito pelas opiniões e decisões dos filhos, nomeadamente para que os adolescentes não se sintam impelidos a realizar atividades apenas do gosto dos pais. Os excertos seguintes ilustram estes resultados:

Subcategoria – Respeito pelas opiniões e decisões dos filhos

“E eu digo muitas vezes, às minhas filhas que não quero, que elas façam coisas, ou que não se sintam obrigadas a fazer coisas apenas porque os pais querem”
(FG1,F10M10,Su)

“Eu acho que também, acho que há muitos pais que sufocam também os filhos, não deixando eles escolherem e tomando a iniciativa, quase que sufocam mesmo, escolhem por eles, não dão tempo ” - Olha faz, experimenta, faz isto.” e eu acho que nós não podemos fazer isso, também.” (FG1,F12M12,M.O.)

Foi referido por um adolescente o respeito pelo espaço pessoal como um comportamento de promoção da autonomia que passa por poder guardar algumas informação para si próprio. Já os pais referem o espaço como uma necessidade do adolescente para ter a sua privacidade e espaço próprio (2 pais). De seguida apresentam-se os excertos que ilustram estes resultados:

Subcategoria – Respeito pelo espaço pessoal

“A minha mãe é a pessoa que mais se preocupa comigo, eu sei disso, e eu não falo com ela porque de certa forma também gosto de guardar coisas para mim.”
(FG1,F13A13,Jo1)

“Porque não dar espaço totalmente é perigoso, principalmente para as raparigas. Se tiverem muito tempos presos... (...) Quando se soltam, esbarram-se em tudo o que é sitio!” (FG1,F13P13,J.)

Outra das estratégias utilizadas para promover a autonomia dos adolescentes passa pela definição de limites e regras. Esta definição de limites e regras é realizada através de algumas imposições, proibições e castigos pelos pais.

Subcategoria – Definição de limites e regras pelos pais

As imposições são referidas pelos filhos (1 filho) como um comportamento adotado pelos pais que passa pela imposição de autoridade parental, impedindo a discussão do ponto de vista dos filhos. Os pais (3 pais) referem as imposições como os limites que impõem os filhos por exemplo nos horários das saídas. As proibições são outro dos comportamentos que os pais referem adotar para lidar com a adolescência dos seus filhos (1 pai). Para os pais, as proibições devem ser colocadas mas com alguma moderação, sem proibir sucessivamente. Estes resultados estão ilustrados nos seguintes excertos:

***Subcategoria – Imposições e proibições**

“ (...) Mesmo que eu utilize argumentos válidos ou qualquer coisa a ideia dele é que prevalece, ele dá sempre aquela ideia de que é o líder e que pronto, a ideia dele é que tem de estar na mesa, enquanto que a minha mãe já prolonga a conversa. (...) Mas chegamos ao final e acabamos por ficar bem, com o meu pai não, ele acaba a conversa, impõe a autoridade dele” (FG1,F6A6,G.)

“E eu digo muitas vezes, às minhas filhas que não quero que elas façam coisas, ou que não se sintam obrigadas a fazer coisas, apenas porque os pais querem, mas há uma coisa que eu também digo “ - Aqui em casa quem manda somos nós e enquanto nós mandarmos, as regras somos nós que as definimos. E mesmo que vocês não concordem nós podemos conversar, mas depois de conversarmos, então vamos ver a que ponto é que chegamos.”. Tem de haver um consenso. (...) As festas, vão mas têm horário (uma hora para ir buscar) que não é a hora que elas querem, é a hora que nós definimos.” (FG1,F10M10,Su)

“Eu acho que é muito a maneira de ser deles. Portanto nós temos que os conhecer, estar por detrás, fazer ver, mas também não é fácil estar ali “ - Não fazes isto”, proibir, proibir, proibir. Não pode, porque eu acho que é muito mau.” (FG1,F12M12,M.O.)

Um outro comportamento adotado por pais para definir limites e regras aos seus filhos são os castigos (3 pais). Os pais aplicam os castigos de forma a sancionarem os seus filhos retirando-lhes algo que gostam, a fim de modificar comportamentos negativos dos filhos.

***Subcategoria – Castigos**

“Depois há os castigos, tira-se as coisas mas entretanto volta-se ao mesmo. (...) Com ele é só castigos, tirar-lhe aquilo que ele gosta...” (FG1,F2M2,M.C.)

“A Jo2 no ano passado pela páscoa tirou duas negas e então virou-se para mim e disse ” - Pronto mãe, sabes o castigo que vais dar, vais-me tirar o telemóvel e o computador.”, só que eu fiz isso, tirei-lhe então o telemóvel e o computador, mas eu disse ” - Pronto, vai ser esse o teu castigo” mas depois não lhe dei esse castigo.” (FG1,F7M7,M.M.)

Pais e filhos demonstraram nos seus discursos a adoção de estratégias de aproximação relacional de forma a lidar com as questões próprias da adolescência. Esta aproximação relacional realiza-se através de comportamentos de proteção por pais e filhos, empenho e dedicação dos pais, atenção e acompanhamento por parte dos pais, da compreensão de ambos, do favorecimento da confiança por parte dos pais e ainda das saídas em família.

Categoria – Aproximação relacional

Pais e filhos (1 pai e 2 filhos) revelam a existência de comportamentos de proteção, tanto da parte dos pais como dos filhos. Se os pais protegem os filhos devido à existência de perigos, também os filhos protegem os pais, num movimento de reciprocidade. Esta proteção pode ser consultada nos excertos apresentados de seguida:

Subcategoria – Proteção

“Estava a falar em questão que os nossos pais preocupam-se sempre connosco mesmo. Porque a uma certa hora da noite, de madrugada pode-nos acontecer alguma coisa, não é não confiar em nós, é, acho que é uma questão de segurança” (FG1,F1A1,C)

“O meu filho é muito protetor em relação a mim. O meu filho em vez de ser eu quem o protege (eu protejo) mas ele protege-me a mim também.” (FG1,F3M3,H.)

Referido como comportamento adotado apenas pelos pais (4 pais) encontra-se o empenho e dedicação que têm para com os filhos. Os pais revelam um empenho e uma dedicação constante para com os filhos, acompanhando as suas atividades e levando-os às suas diversas ocupações. Pais (3 pais) referem a atenção que dispensam aos filhos e o

acompanhamento que lhes dão como uma estratégia utilizada para lidar com as vivências da adolescência. Os pais referem estar atentos ao que se passa à volta dos filhos, acompanhando-os de forma contínua, interessando-se pelo que lhes diz respeito.

Subcategoria – Empenho, dedicação, atenção e acompanhamento por parte dos pais

“Eu tive que deixar o meu país e o meu filho ficou cá, não imaginam, eu posso-lhes dizer que ouvia os bombeiros em França e telefonava para Portugal, o meu filho dizia “ - mãe estás a ouvir os bombeiros?” e eu desatava a rir de mim (risos), “ - Mas eu estou em Portugal e tu em França!”. É para ver a aflição de uma mãe e a preocupação, acho que valeu a pena o meu esforço, mas foi desgastante, porque todos os dias de manhã “- Já estás no comboio? Já chegaste? Já estás a estudar? Já almoçaste?”... Isto não é fácil, mas que se consegue. Mas tem que haver um empenho muito grande e conversar muito, muito, muito...” (FG1,F8M8,Eli)

“Portanto os nossos filhos não vão sozinhos para a escola, vão connosco, vamos buscá-los, vamos levá-los aos treinos, à música, ao inglês, portanto dedicamo-nos, damos dedicação o tempo todo para eles.” (FG1,F3M3,H)

“Claro que os pais e no meu caso estou sempre atenta, tento estar sempre atenta, mas de facto com o G também, quer com o G. quer com o meu filho mais novo Gu. que está com 15 anos, por isso muito próximos... até a data e espero que assim continue, tem as suas ideias as suas personalidades... (...) Eu sou professora de educação física tenho seguido alguns alunos que apanhei no 6º ano, e aquilo que eu conheço e continuo a conhecer destes meninos é que efetivamente parecem estar no bom caminho, isto porquê, porque naturalmente em casa os valores da família, as atenções do pai e da mãe estão bem...estão bem marcados, estão bem posicionados, eh... isso é muito importante, isso é fundamental, o acompanhamento, o à vontade, o que se partilha em casa é fundamental nestas idades, certo?” (FG1,F6M6,MdJ)

Referida apenas pelos filhos, a compreensão é uma das estratégias que estes percecionam nos comportamentos dos seus pais. Os filhos (5 filhos) referem que os pais compreendem as suas preocupações e os apoiam. É referido ainda por 3 filhos que estes também compreendem os pais nas suas práticas, revelando uma mudança nesta compreensão desde o início da sua adolescência até ao momento atual. Uma das

estratégias referidas pelos filhos (10 filhos) como utilizadas pelos pais para lidar com as vivências da adolescência é a do favorecimento da confiança. Os filhos referem a existência da confiança dos pais que permite a partilha sobre as atividades que desenvolvem diariamente e permite ainda reforçar o sentimento de confiança nos pais.

Estes resultados podem ser consultados nos excertos seguintes:

Subcategoria – Compreensão e favorecimento da confiança

“Não deixa que eu me esqueça, neste momento até tenho a fase de testes agora e ela compreende que, é assim eu não me devia deixar ir abaixo nem ela quer, mas dá-me um bocado mais de folga, não me pressiona tanto e tem-me...” (FG1,F8A8,Es)

“Eu acho que há uma fase inicial que é quando estamos a passar de criança para adulto que nós não encaramos, não percebemos a atitude dos nossos pais, queremos... no início " - ah e tal tenho um amigo que sai e tu não me deixas sair" e ficamos zangados por tudo e por nada porque não nos deixam fazer nada porque estamos a passar para aquela fase e não entendemos, mas quanto mais vamos, quando vamos crescendo vamos percebendo que afinal eles tinham razão e que agora já compreendermos o porquê de eles fazerem esse tipo de coisas.” (FG1, F1A1,C)

“A minha mãe absolutamente surpreendeu-me, ficou a olhar para mim durante algum tempo, ficou calada, ficou surpreendida por eu ter partilhado tal coisa com ela. E o que achei mais marcante naquilo foi que compreendeu, não disse... (...) Eu ao princípio, antes de contar aquilo que tinha para contar eu sentia-me mal, porque pensei que ia desiludir a minha mãe. Mas depois senti-me completamente espantado porque ela revelou uma total compreensão, diferente daquilo que eu estava à espera. Compreendeu-me, apoiou-me, interessou-se por aquele caso e fez com que eu me abrisse mais com ela e que confiasse mais nela.” (FG1,F6A6,G)

Pais e filhos utilizam também o diálogo como estratégia, através da abertura comunicacional, de advertências e da partilha de problemas e preocupações. A abertura comunicacional foi referida por pais e filhos (3 pais e 3 filhos) como uma estratégia utilizada para partilhar qualquer assunto que seja considerado importante e o qual se sintam à vontade para partilhar com os pais. As advertências são utilizadas pelos pais para informar os filhos sobre alguns perigos ou fazer avisos sobre as saídas (2 pais e 1 filho). Quanto à partilha de problemas e preocupações, pais e filhos (2 pais e 7 filhos)

referem esta estratégia comunicacional como uma forma de partilharem entre si desabafos e preocupações. Estes resultados podem ser consultados nos excertos seguintes:

Categoria - Diálogo

Subcategoria – Abertura comunicacional

“Ligar à minha mãe, dizer onde estou. É óbvio que ela confia em mim, eu tenho a certeza disso e sei que apesar de tudo, que ela gosta muito de mim e sei que lhe posso chegar a casa e dizer “- olha mãe eu fiz isto, passou-se isto e isto e isto.”, e pronto com o meu pai é igual, apesar de que há coisas que eles não gostam muito não é mas é uma questão de saber ganhar a confiança deles, para eles nos darem uma certa liberdade.” (FG1,F10A10,Ma1)

“eu partilho muito mais coisas com a minha mãe do que com o meu pai, mas partilho coisas com o meu pai é claro, só que não tenho a mesma abertura que tenho com a minha mãe do que tenho com o meu pai” (FG1,F11A11,Mi)

“Ele o ano passado aleijou-se em educação física entretanto ligou-me para o trabalho, torceu o pé. Eu fui à escola, ele foi de ambulância, eu fui atrás e achei um piadão porque ele é uma pessoa que não é muito sensível, não é de demonstrar os sentimentos e entretanto ia na ambulância e mandou-me uma mensagem " - Mãe desculpa o trabalho que te estou a dar!" (risos). Achei assim, porque ele é um miúdo que não demonstra muito os sentimentos dele e achei a preocupação dele por me estar a dar trabalho porque eu fui atrás dele para o hospital. (...) A mim espantou-me pelo facto de ele não demonstrar muito os sentimentos e eu ali notei que ele estava preocupado comigo em eu estar a fazer o que estava a fazer.” (FG1,F2M2,M.C.)

“E acima de tudo esperar que eles nos digam. Sempre que alguma delas, fala comigo sobre alguma coisa que para ela é importante, e que eu vejo que para elas é importante, eu ouço sempre e nunca desvalorizo (...) Mas a verdade é que se elas não sentirem que podem falar comigo, eu nunca vou conseguir ouvi-las seja em que situação for.” (FG1,F10M10,Su)

Subcategoria – Advertências

“Eu acho que nós muitas vezes agora pensamos “ - Ai temos 16 anos os nossos pais deviam confiar mais em nós” e, por exemplo naquelas questões quando às vezes saímos para uma noitada ou para uma festa os nossos pais, falo por exemplo no meu caso,

estão sempre em cima de mim a dizer, “ - Tens de chegar a x horas. Não vás por más companhias, por maus caminhos.”” (FG1,F1A1,C.)

“Em casa sabemos que eles estão no computador e chamamos à atenção, atenção não respondas aqui...a isto, aquilo... (...) Mas depois, para eles saírem de casa tem de ter a autorização dos pais, não é? Eles na net navegam para onde quiserem e não sei quanto, mas já têm o conselho dos pais, não vás aqui...” (FG1,F13P13,J.)

Os pais (2 pais) referem ainda a transmissão intergeracional de valores como uma estratégia utilizada que consiste em transmitir aos filhos os valores familiares interiorizados, considerando que a existência destes valores é fundamental para os adolescentes. Os excertos seguintes ilustram estes resultados:

Categoria – Transmissão intergeracional de valores

“Eu sou professora de educação física tenho seguido alguns alunos que apanhei no 6º ano, e aquilo que eu conheço e continuo a conhecer destes meninos é que efetivamente parecem estar no bom caminho, isto porquê, porque naturalmente em casa os valores da família, as atenções do pai e da mãe estão bem...estão bem marcados, estão bem posicionados, eh... isso é muito importante, isso é fundamental, o acompanhamento, o à vontade, o que se partilha em casa é fundamental nestas idades, certo?” (FG1,F6M6,MdJ)

“A Mãe foi uma miúda que esteve muito ligada à minha mãe e à educação bastante, com valores morais muito... Para ela já não foram tao rígidos como foram para mim, mas muito presentes sempre em tudo o que ela fazia. Porque a ideia era que aquilo que ela fazia fora de portas, era visto como o reflexo daquilo que se passava dentro de casa e ela, eu acho que isso se nota muito nela, querer estar bem e o não querer que seja exposto” (FG1,F10M10,Su)

2. Visões sobre visões

Através da análise dos *focus group* circulares foram encontradas as continuidades e descontinuidades entre os diálogos dos pais e os diálogos dos filhos. Apesar do elevado grau de concordância entre os discursos de pais e filhos, a análise dos resultados permitiu constatar: 1) a emergência de novos conteúdos ainda não explorados, 2) a discordância ou descontinuidade entre alguns conteúdos já

anteriormente abordados por pais e filhos, 3) a surpresa do grupo dos filhos em relação a alguns comentários dos pais, 4) e até a mudança de opinião perante a visualização dos excertos dos focus group iniciais. Estes conteúdos serão apresentados de seguida.

2.1. Novos conteúdos emergentes

Na sequência da visualização pelos pais dos excertos do primeiro *focus group* dos filhos, novos conteúdos surgiram, nomeadamente a inversão de papéis e a tendência para a hiper-responsabilização dos pais. Uma das evidências da inversão de papéis é o facto dos pais em vez de terem de controlar os filhos, serem controlados por estes. O exemplo que a seguir se ilustra denota fenómeno.

No primeiro *focus group* dos filhos, foi referido por uma adolescente que “(...) é aquela coisa. Ligar à minha mãe, dizer onde estou. É óbvio que ela confia em mim, eu tenho a certeza disso e sei que apesar de tudo, que ela gosta muito de mim e sei que lhe posso chegar a casa e dizer “- olha mãe eu fiz isto, passou-se isto e isto e isto.”, e pronto com o meu pai é igual, apesar de que há coisas que eles não gostam muito não é mas é uma questão de saber ganhar a confiança deles” (FG1,F10A10,Ma1).

Após a respetiva mãe ver o excerto desta opinião surgiram dados sobre uma inversão de papéis, em que a mãe revela sentir-se controlada pela sua filha. Este novo conteúdo pode ser consultado no seguinte excerto:

“Em relação à Ma1 dizer que às vezes eu ligo a dizer e pergunto onde está e tal, eu ouvi-me e agora sinto-me eu controlada (ri-se). Eu vou muitas vezes para Cinfães (porque o Centro de Emprego agora também abrange o concelho de Cinfães e eu agora vou muitas vezes para Cinfães) e é engraçado porque ela vê mais ou menos a hora a que eu devo estar a vir e liga-me ” - Olha oh Mamã, tu estás longe, perto, tu a que horas é que achas que chegas a casa?” e eu ” - Porquê?” ” - É que se não eu ia-te abrir a porta da garagem ou era para dizer que já cheguei a casa...” e eu fico a pensar ” - Mas porque é que será que ela me quer abrir a porta da garagem?” (risos). É para me pedir alguma coisa... Porque é que ela quer saber se eu já estou a chegar ou não? ” - Quanto tempo é que demoras?” e às vezes eu digo-lhe que demoro 1h e eu sei que daí a 10 minutos estou a chegar a casa mas sinto-me mais controlada do que eu controlá-la a ela (ri-se). (...) Mas acho que agora é ela que me controla mais a mim do que eu a ela

(risos). " - Com quem estás? E onde estás? E vais demorar?", Já é um bocadinho diferente..." (FG2,F10M10,Su)

Pais e filhos revelaram também haver uma hiper-responsabilização dos pais relativamente aos comportamentos adotados pelos filhos. Se os filhos têm comportamentos disfuncionais, os pais sentem-se responsáveis por isso, se os filhos não têm problemas de maior e são bem comportados, os pais sentem-se também como os únicos responsáveis. Assim, inicialmente foi referido pelos pais a importância da educação parental, dos valores familiares e do acompanhamento e a responsabilidade dos pais pela forma como os seus filhos são, como demonstram os excertos seguintes:

"Eu sou professora de educação física tenho seguido alguns alunos que apanhei no 6º ano, e aquilo que eu conheço e continuo a conhecer destes meninos é que efetivamente parecem estar no bom caminho, isto porquê, porque naturalmente em casa os valores da família, as atenções do pai e da mãe estão bem...estão bem marcados, estão bem posicionados, eh... isso é muito importante, isso é fundamental" (FG1,F6M6,MdJ)

"Por isso é que eu digo, o grande problema dos adolescentes hoje em dia não são os adolescentes, eu acho que são os pais." (FG1,F4M4,Fe)

No seguimento da visualização destes excertos pelos filhos, os mesmos reforçaram esta visão dos pais. Esta visão reforçadora pode ser consultada no excerto seguinte:

"Acho que isso também tem um bocado a ver com a educação que nós tivemos. E por isso acho que o facto de estas pessoas, a maioria são professores, outros não, se calhar partilharem a mesma opinião. (...) Tem a ver um bocado com a educação e com o meio.(...) O meu pai diz uma coisa que a mim, há uns anos atrás não fazia sentido mas agora me faz pensar, que é: ele disse-me que se ele não existisse (o meu pai e a minha mãe) eu era como os outros, ou seja, que andam aí a fumar drogas. E agora nesta idade faz sentido porque não, porque já nos passou muito pela cabeça, passou-nos pela cabeça fazer coisas que se calhar agora não faz sentido nenhum e perante a educação que nós tivemos. Ou seja, se os nossos pais não existissem, as coisas teriam sido completamente diferentes." (FG2,F12A12,P.)

2.2. Discordância ou descontinuidade entre conteúdos discutidos

Após a visualização pelos filhos do primeiro *focus group* com os pais, surgiram alguns conteúdos sobre os quais pais e filhos têm visões contrastantes. Neste sentido, pais e filhos olham para a influência do grupo de pares, para a sexualidade e para a internet sob diferentes perspectivas. Relativamente à influência do grupo de pares, foi referido pelos pais no primeiro *focus group* que o grupo de pares era uma influência negativa para os filhos. Ao visualizarem os excertos dos pais sobre a influência do grupo de amigos, os adolescentes adotaram uma posição diferente, referindo que esta questão depende do discernimento do adolescente. Os jovens referem ainda a possível influência positiva do grupo de pares, expressando que este pode transmitir aos amigos os valores que aprendeu com a família, para que estes amigos possam adotar comportamentos mais adequados. Podem verificar-se estas visões nos excertos seguintes:

“O que eu queria salientar é que acho que não tem a ver com os amigos fazerem certas coisas, tem a ver com a personalidade da pessoa e se essa pessoa tem uma personalidade forte. (...) Eu acho que os pais não se têm de preocupar nos amigos e no que os amigos podem fazer, mas em transmitir bons valores para os amigos ajudarem esses amigos, eu acho que isso é importante. Eu falo por mim, a minha mãe e o meu pai transmitiram-me valores que eu agora tento ajudar os outros a ter.” (FG2,F13A13,Jo1)

“No caso do grupo de amigos, eu há para aí um ano e meio, comecei a andar de skate para aí há três anos e andava sempre sozinho, então há um ano e meio tinha uns colegas meus que são todos mais velhos, já trabalham e uns já têm filhos e assim, e andam de skate. E juntavam-se todos às tardes ao fim de semana no largo da Feira e iam para lá andar, então eu comecei a ir lá ter com eles e assim e a minha mãe andava preocupada porque eram todos mais velhos, muitos fumam, já têm idade para beber álcool e saem à noite e isso assim. Mas a partir do momento em que ela começou a perceber que eu não ia na... Andava com eles, tínhamos interesses em comum e isso, mas a partir daí ficava tudo de fora, ou seja, eles fumavam mas não me deixavam fazer nada do que eles faziam, ou seja, não me deixavam beber nem nada disso.” (FG2,F4A4,A.)

Relativamente à questão da sexualidade, os pais referem, no seu primeiro *focus group*, a existência de comportamentos sexuais cada vez mais precoces e promíscuos,

com a troca frequente de parceiros sexuais, como é possível verificar nos excertos seguintes:

“Eu acho que a questão aqui é que se calhar, eu acho que na nossa idade (falo pela minha idade), se calhar as meninas e os rapazes pensavam de maneira diferente (vários pais concordam). E hoje em dia eles pensam de maneira igual em relação ao sexo. (...) Porque não tenhamos, não tenhamos esperanças, hoje em dia, as miúdas vêm a sexualidade da mesma forma que... (...) Eu também acho cedo, para nós era cedo!” (FG1,F13M13,M.J.)

“Eu confesso que me assusta um bocado, que me preocupa imenso, que já se falou lá em casa, mas que eu acho que com 16 anos ainda é cedo. Acho que a parte sexual mesmo, quanto mais tarde (vários pais concluem a frase) melhor.” (FG1,F6M6,MdJ)

“Eu também acho cedo, para nós era cedo!” (FG1,F13M13,M.J.)

“E depois outra coisa que eu acho que é bastante importante e sou sincera, acho que os miúdos lá está, encaram a sexualidade de uma forma completamente diferente. (...) Porque é os afetos (Su e MdJ concorda), é o não verem o sexo pelo sexo mas mais pelo afeto. Entregar-se a alguém, que se gosta (nem que aquilo acabe um dia, pode acabar), mas pelo menos não fazer com a leviandade que eles fazem, que as meninas eu acho que aquilo... Depois perde o interesse, perde tudo...” (FG1,F12M12,M.O.)

Os filhos, expressaram uma opinião contrária a esta visão dos pais. Ao invés de encararem o início da sexualidade como precoce, revelam uma perspetiva diferente, explicitando o sentido de responsabilidade inerente a este início. Destacam a expressão da sua sexualidade como sendo algo importante na sua vida, que ocorre no contexto de relações amorosas. Os adolescentes dão importância aos sentimentos envolvidos, revelam não haver uma idade própria para iniciar a sua sexualidade apesar de enfatizarem a necessidade de o adolescente ser responsável. Os excertos ilustrativos das opiniões dos filhos podem ser consultados de seguida:

“Mas por exemplo, uma pessoa que namora já há algum tempo sente carinho por essa pessoa, tem uma relação estável e boa, é normal que passado algum tempo, se comece a despertar certos interesses e isso é normal. É preciso é ter consciência de como vai ser, com quem vai ser e que cuidados a ter. (...) Eu sinceramente não acho que exista uma idade para começar ou não começar. Claro que uma pessoa com 14 anos claro que ainda é muito cedo, não tem maturidade suficiente para perceber que aquilo é uma

coisa importante. Mas se uma pessoa já é responsável, se realmente gosta da outra e essas coisas assim, é normal que isso aconteça.” (FG2,F7A7,Jo2)

“Eu acho que nós temos de ver uma coisa aqui... Nós já tivemos reis com 14 anos, eu acho completamente normal um adolescente, se gostar da rapariga e puder iniciar a vida sexual até aos 13/14 anos. O que eu acho importante é os pais também mentalizarem-se disso e tentarem ajudar, não é tipo proíbo, não vais fazer isto porque tenho medo disto.” (FG2,F13A13,Jo1)

Outro dos conteúdos abordado por pais e filhos que originou pontos de vista distintos prendeu-se com a questão do uso da internet. No primeiro *focus group* os pais mostraram essencialmente a preocupação com a internet devido aos perigos inerentes à possibilidade de fomentar o encontro dos adolescentes com desconhecidos e, conseqüentemente, com o crime sexual, como é possível demonstrar com o excerto seguinte:

“Falamos aqui nas saídas, temos uma situação dentro de casa, que não existia na nossa adolescência mas que existe hoje, a internet (...) Hoje temos a internet, principalmente para as miúdas, o crime de abuso sexual, cresceu exponencialmente, estamos a falar de 250... Só na área do Porto 250 crimes por mês, portanto, não há só crimes fora de casa...” (FG1,F4P4,D.)

Quando visualizaram o excerto anterior os filhos manifestaram uma opinião distinta da revelada pelos pais. Os filhos revelam a existência de discernimento e maturidade para lidar com a internet, uma vez que cresceram com esta ferramenta. Relativamente aos perigos referidos pelos pais, para os filhos os perigos da internet não passam pelos encontros com estranhos e pelo abuso sexual, mas pela distração e alienamento que a internet pode provocar nos jovens. Esta distração e alienamento dispersam a atenção do adolescente das suas responsabilidades escolares. As visões dos adolescentes que decorreram dos excertos visualizados do *focus group* dos pais podem ser consultadas de seguida:

“Achei também engraçado o facto de os pais só terem falado dos problemas, do problema da internet, que é o facto de podermos conhecer alguém e esse alguém ter más intenções, e tudo isso, e não terem falado de outro, por exemplo o facto de nos distrairmos demasiado com a internet. Não por falar com alguém mas por exemplo

jogos, ou estar muito tempo no facebook ou isso tudo, que nos abstrai da escola e também, digamos assim, é um problema. (...) Quando damos por isso já estamos ali entalados sem termos tempo e acho que isso também é um problema que eles deviam estar atentos. Obviamente não é da geração deles, e achei, é só um aparte, achei estranho eles não falarem disso e estarem mais preocupados com o facto de nós conhecermos pessoas na internet e termos esses problemas quando, pessoas da nossa idade já somos suficientemente maduros e informados para não sermos apanhados nessas armadilhas.” (FG2,F6A6,G.)

2.3. Conteúdos que provocaram surpresa

Aquando da finalização da visualização dos excertos do primeiro focus group, tanto pais como filhos foram questionados, entre várias outras questões, acerca do que foi surpreendente para si. Os pais referiram não haver nenhum conteúdo surpreendente, mas os filhos, pelo contrário, referiram sentir-se surpresos com a opinião dos pais sobre a adolescência pois julgavam-se menos compreendidos. Esta opinião pode ser consultada no excerto seguinte:

“Eu fiquei um bocado admirada com... Achei que os pais não compreendiam a fase que estávamos a passar, por acaso.” (FG2,F7A7,Jo2)

2.4. Alterações de opinião

Durante e após a visualização dos excertos dos vídeos de pais e filhos, surgiram algumas alterações importantes nas visões que tanto pais como filhos tinham sobre alguns conteúdos. Num excerto do primeiro *focus* group com os pais, um dos pais refere a necessidade de se dar alguma liberdade aos filhos, como é possível verificar de seguida:

“Porque não dar espaço totalmente é perigoso, principalmente para as raparigas. Se tiverem muito tempos presos... (...) Quando se soltam, esbarram-se em tudo o que é sitio!” (FG1,F13P13,J.)

O respetivo filho do pai que expressou esta opinião, após a visualização da mesma, revelou ter compreendido algumas ações do seu pai, tendo alterado a sua

opinião sobre as práticas parentais levadas a cabo pelo seu pai. É possível verificar esta alteração de opinião no excerto seguinte:

“Sinceramente fiquei impressionado com o meu pai a falar da minha educação. Não tinha... Acho que não tinha noção de ele achar que aconteceu certas coisas por causa dele e que certa liberdade foi dada também por causa dele e até foi ele o pai que falou do assunto de não prender demasiado os filhos. E uma coisa que eu reparei com o meu pai, eu não sabia se era por desinteresse ou por isto, por tentar dar essa liberdade, é que ele sempre me deixou fazer tudo (nem tudo não é), mas sempre me deu liberdade. Eu sabia que se a minha mãe dissesse "- Vai perguntar ao pai." que eu podia sair, para jogar futebol e tudo. (...) Não é que eu quisesse que ele me dissesse que não, não é? Mas nunca tinha visto como uma maneira de educar.” (FG2,F13A13,Jo1)

Neste discurso é notório que a visualização da opinião do pai permitiu ao filho um novo entendimento sobre a sua educação, tendo compreendido que a liberdade a que tinha direito se devia não a um desinteresse do pai, mas sim a uma prática educativa adotada por este.

Durante a visualização dos excertos do primeiro *focus group* dos filhos, surgiu da parte de uma das mães presentes uma alteração na sua visão sobre a filha. A filha referiu ter assumido com a mãe o papel de confidente, havendo partilha dos problemas da mãe com a filha, como é possível verificar no seguinte excerto:

“Há pouco tempo atrás, como ele estava a dizer (aponta para C), ele estava a fazer o papel de mãe e a mãe de filho, aconteceu mais ou menos isso e desde aí tem acontecido isso, pelo menos com a minha mãe. Que pronto, todas as famílias têm problemas e todas as famílias têm as suas coisas boas e as suas coisas más e ultimamente, também pelos stresses que tem no trabalho e não só, ela chega a casa e eu sou tipo confidente, sou o ponto de equilíbrio e ela sabe que quando chega a casa pode dizer tudo aquilo que pensa porque eu estou lá e essas coisas têm mudado muito pelo menos a nossa relação. Porque quando a minha irmã chega a casa nós estamos sempre a discutir então a minha mãe passa-se um bocado, mas quando a minha irmã não está eu, pelo menos eu e ela estamos sempre ali num ponto de confiança e isso tem-me marcado muito.” (FG1,F10A10,Ma1)

Com a visualização deste excerto, a mãe alterou a sua opinião referindo ter de refrear um pouco este papel que a filha tem de confidente, devido à pressão que é

colocada na filha e no quanto ela pode sentir-se envolvida nas situações familiares. Esta alteração de opinião pode ser confirmada no seguinte excerto:

“Eu em relação à MaI, acho que a lição que eu levo para casa hoje, é que se calhar eu tenho que moderar um bocadinho mais isto que ela sente de ser ali um bocadinho o ponto de equilíbrio, principalmente no que diz respeito à irmã e ao peso que a irmã tem na família. Tem que ser, tem que ser a responsabilidade tanto na MaI e o tentar relevar as coisas que a M. faz de forma a que a MaI não se sinta com tanto peso, ou com... Ou pelo menos eu tentar que a minha, essa minha, essas minhas preocupações não passem tanto para a MaI para que ela não se sinta tão envolvida nas situações.”
(FG2,F10M10,Su)

Ainda no segundo *focus group* dos pais ocorreu outra alteração na visão de uma mãe sobre o seu filho. Num excerto do primeiro *focus group* dos filhos, o filho refere a sua necessidade de não contar tudo à mãe para guardar alguns segredos para si, o qual pode ser consultado de seguida:

“A minha mãe é a pessoa que mais se preocupa comigo, eu sei disso, e eu não falo com ela porque de certa forma também gosto de guardar coisas para mim.”
(FG1,F13A13,Jo1)

Após visualizar esta opinião do filho, a respetiva mãe referiu ter de alterar um pouco a sua postura para com o filho, referindo uma necessidade de moderar a sua insistência quando vê o seu filho preocupado, compreendendo a necessidade dele em guardar alguns segredos. Pode ser consultada esta alteração de opinião no excerto que se segue:

“Há só uma coisa que realmente se calhar tentarei mudar um "niquinho", foi o facto de nós realmente também conversamos muito, mas ele dizer que havia... Eu quando noto que ele está muito preocupado insisto muito para saber o que se passa e o facto de ele dizer que há coisas que quer guardar para ele. Se calhar, daqui para a frente não vou insistir tanto (gargalhadas), quando ele não quiser contar, pronto, sou capaz de perguntar se ele não quiser dizer não insistir tanto. Porque eu se calhar às vezes como o vejo em baixo (eu conheço-o muito bem e sei quando se passa qualquer coisa), como o vejo muito em baixo " - Mas diz! Mas conta, podes confiar em mim! Conta-me!". Se calhar agora pergunto se ele não quiser contar, pronto (risos).” (FG2,F13M13,M.J.)

Em suma, apesar da elevada concordância entre os discursos dos pais e dos filhos é de destacar: a discordância ao nível da visão sobre o grupo de pares, sendo este visto pelos pais como uma má influência, ao contrário dos filhos que o vêem como uma boa influência; a discordância ao nível da perceção sobre os perigos da internet, em que os pais destacam o perigo sexual, ao passo que os filhos referem o perigo da alienação; a surpresa dos filhos em relação à compreensão dos pais em relação à adolescência; e que as visões sobre visões geram mudanças, nomeadamente na forma como pais geram a proximidade com os filhos e como os filhos lidam com a liberdade que os pais lhes dão.

Discussão dos resultados

Nos resultados descritos foram apresentados inicialmente os resultados sobre concepções da adolescência, de pais e filhos, os resultados sobre as dificuldades e desafios da adolescência e ainda as estratégias e comportamentos para lidar com os anteriores desafios e dificuldades.

1. Visão de pais e filhos sobre a adolescência

Pais e filhos apresentam uma concepção da adolescência como sendo uma etapa mais prolongada no tempo. Este resultado é consistente com o postulado por Pratta e Santos (2007). Estes autores referem que em sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas a adolescência tem tendência a prolongar-se no tempo, o que não acontece em sociedades consideradas simples.

Tanto pais como filhos não estabelecem uma associação entre o início da adolescência e a puberdade, demarcando o seu início mais tardiamente (14/15 anos) do que a literatura. Se hoje se fala na redução da idade da infância, pelo início mais precoce da adolescência ou pré-adolescência, os resultados deste estudo são contrastantes. Em estudos futuros seria pertinente abordar esta questão com os participantes no sentido de compreender se sentem efetivamente uma redução da infância, iniciando a adolescência mais precocemente. Como referido anteriormente a adolescência inicia-se com as primeiras alterações corporais, aos 10 anos (APA, 2002; UNICEF, 2011). A demarcação de pais e filhos da adolescência aos 14 anos pode significar uma atual banalização ou naturalidade existente nas alterações corporais, havendo atualmente menos valorização das mesmas do que em outros tempos. No passado, por exemplo, a menarca era um momento bastante valorizado para uma mulher, havendo muitas vezes uma falta de diálogo entre pais e filhos sobre estas alterações, denotando-se uma maior importância deste fenómeno da adolescência, pois era um assunto tabu.

Outro resultado a salientar foi o facto de os pais apresentarem uma concepção social da adolescência como problemática ou conflituosa, mas as suas vivências serem opostas a esta concepção. Parece assim haver uma visão distinta da adolescência que vivenciam e da adolescência que percebem em contextos exteriores aos seus. Este

resultado é também sustentado por Sampaio (2002), Susman, Dorn e Schiefelbein (2003) e Pratta e Santos (2007), que postulam a passagem por esta etapa da adolescência sem problemas relevantes, sendo alterada a visão tempestuosa e stressante das décadas anteriores. Esta visão mais equilibrada é consistente com um período de reorganização das funções biológica, cognitiva, emocional e social. Neste sentido, pais e filhos descreveram a adolescência como um período de alterações multidimensionais, mas quais se mostrou ausente a questão da alteração corporal, sendo contempladas apenas as dimensões comportamentais e cognitivas, sociais e relacionais. Esta ausência das alterações biológicas e corporais pode dever-se ao facto de adolescência e puberdade serem fenómenos distintos embora interligados. Pratta e Santos (2007) referem que a puberdade envolve as transformações biológicas inevitáveis para o crescimento, ao passo que a adolescência remete para os processos psicológicos e sociais que decorrem dos processos de alteração física ocorridos na adolescência. Outro resultado a destacar foi a referência dos pais relativamente conhecimento sobre as relações amorosas e sexuais dos seus filhos. Este resultado é coincidente com os escritos de Sampaio (2002), os quais referem que atualmente a sexualidade não é assunto tabu, sendo a sexualidade dos filhos um aspeto importante e valorizado pelos pais. Apesar deste aspeto, os discursos dos pais e filhos manifestam ainda uma descontinuidade neste tema. Se os pais encaram o início da sexualidade pelos jovens como demasiado precoce, os filhos referem a importância da responsabilidade na prática da sexualidade, bem como a prática da mesma no contexto de relações amorosas.

Apesar de a sexualidade dos filhos não ser atualmente um assunto tabu, para os pais, esta inicia-se cada vez mais cedo, havendo mais promiscuidade. Pais referem que rapazes e raparigas têm uma visão igualitária em relação ao sexo, tornando-se um desafio com o qual necessitam de lidar. De acordo com Aboim (2013) e Vieira (2012) os jovens atualmente iniciam a sua vida sexual entre os 16-17 anos (raparigas) e os 15-18 anos (rapazes), o que não acontecia com os seus pais, uma vez que em média as mães iniciavam a vida sexual após os 20 anos, enquanto os pais iniciavam a vida sexual aos 17 anos. Estes dados revelados pelas duas autoras são coincidentes com os resultados revelados pelos pais. Relativamente à visão cada vez mais igualitária dos adolescentes sobre a sexualidade, é revelado por Aboim (2013) uma real aproximação das práticas femininas e masculinas atualmente, sendo que ambos os grupos de jovens

afirmam ter a primeira relação sexual antes do casamento, e frequentemente num contexto de relação amorosa. Nos séculos anteriores o primeiro parceiro sexual da mulher era apenas o marido e a relação sexual acontecia após o casamento enquanto o homem frequentemente tinha a sua primeira relação sexual com recurso à prostituição ou num encontro ocasional. Apesar da visão da promiscuidade revelada por pais, os filhos demonstraram encarar a sexualidade apenas no quadro de uma relação amorosa estável e duradoura. Aboim (2013) refere ainda a convergência de pensamento atual entre rapazes e raparigas em relação à sexualidade desvinculada da conjugalidade e orientada para o prazer, conduzindo a uma aproximação nas suas práticas sexuais. Pelos pais foi ainda referida a questão da existência dos afetos no namoro dos adolescentes, e a sua importância para a perpetração sexual. Sampaio (2002) confirma esta visão dos pais, referindo que os adolescentes pensam no amor e importam-se com esse sentimento mais do que com a efetiva atividade sexual, sendo muito frequente que as experiências prévias à relação sexual sejam bastante afetivas.

Em relação à conceção social da adolescência, pais e filhos referem a existência de um mundo perigoso onde os outros adolescentes têm maus comportamentos e os perigos ocorrem “ (...) *E agora nota-se isso realmente, ela era muito boa aluna, tirava quase... Era mesmo boa aluna, era muito inteligente e agora tira negativas a quase tudo, também tem muitos piercings, fuma, bebe, sai quase todos os dias à noite.*” (FG2,F7A7,Jo1).

Pais e filhos referem ainda existência de uma adolescência diferenciada em função do género do adolescente. A questão de género é também contrastante no que diz respeito às visões e práticas, havendo maior liberdade dada aos rapazes, e uma sobreprotecção das raparigas. Este discurso parece ser suportado pelo papel de género, o qual é definido como um conjunto de expectativas em relação aos comportamentos sociais que se esperam dos indivíduos de determinado sexo. Estes papéis de género têm uma origem antiga, estão bastante enraizados na nossa cultura e são transmitidos de geração em geração. Assim, atribuem-se às mulheres características como a fragilidade, a vocação para a maternidade e para o cuidado com crianças, enquanto ao homem se atribuem características como a força, o poder, a autonomia, o respeito, bem como a transmissão de segurança e confiança (Wagner, 2005). Apesar de referidas estas diferenças de género, os pais afirmam que estas diferenças fazem parte mais da personalidade do adolescente do que ser uma questão de género “*Não, eu penso que é*

personalidade” (FG1,F3M3,H.). São referidas também pelos pais diferenças dos adolescentes em termos da sua posição na fratria. Já Sampaio (2002) confirma esta visão e refere que cada filho tem uma história diferenciada, nasceu em distintos momentos da vida familiar, estabeleceu distintas relações com os pais e vivenciou diferentes momentos que moldaram a sua forma de ser. Neste sentido, dois filhos não podem ser iguais, nem sendo gémeos, pois cada um tem especificidades que moldam a sua personalidade.

No que diz respeito aos resultados encontrados sobre as estratégias e comportamentos adotados por pais e filhos para lidar com as vivências da adolescência, é referenciado pelos pais o incentivo à autonomia. Apesar da anterior perceção do mundo perigoso, atualmente ao invés do movimento de autonomia ser iniciada pelos filhos, os resultados deste estudo evidenciam que são os pais a incentivar os seus filhos a sair, para que possam ganhar autonomia, “*Conforme vão crescendo querem se tornar autónomos*” (FG1,F4P4,D.) e “*Agora é assim, fui censurada por muitas pessoas, por ter deixado as minhas filhas e as amigas terem ido, mas ela têm que criar autonomia*” (FG1,F10M10,Su). Embora se verifique um incentivo da autonomia por parte dos pais, há adolescentes que referem não sair, ocorrendo uma recusa da liberdade dada pelos pais. Esta recusa pode ocorrer devido a um aumento da utilização de novas tecnologias, que permitem ao jovem uma socialização com os pares sem a necessidade de sair de casa. Outra hipótese para esta recusa de liberdade prende-se com a alteração da visão da autonomia como um objetivo, devido ao excesso de liberdade dado pelos pais, que torna a autonomização desinteressante para os adolescentes. Esta recusa de liberdade dos adolescentes pode ainda indicar uma pseudo-individação, que significa uma tentativa inapropriada do adolescente em negociar a sua emancipação do sistema familiar, resultando em ciclos continuamente repetidos de partidas e retornos à casa dos pais, neste processo cada vez mais evidente na sociedade atual (Penso, 2008). Esta recusa de liberdade pode ainda ser explicada pelo adiamento da autonomia, uma vez que atualmente os jovens permanecem até cada vez mais tarde em casa dos seus pais, devido ao aumento dos anos de estudo e à instabilidade socioeconómica e profissional que não permite a saída de casa, eventualmente não sentindo necessidade de se autonomizarem na adolescência, mas apenas já na idade adulta.

Ainda no âmbito da promoção da autonomia, pelos filhos é reclamada a necessidade de um espaço pessoal e privado. Esta necessidade pode ser explicada por aquilo a que Bowen (1989) designa por diferenciação do *self*. Para este autor, os elementos da família encontram-se expostos a dois tipos de forças que contrabalançam, aquelas que levam o indivíduo à união com a família, e as que o impulsionam para se libertar e individualizar. Quando estas duas forças se desequilibram, ocorre a fusão, aglutinação e indiferenciação, que podem ser considerados como a falta de diferenciação do *self*. Os filhos têm como principal tarefa desenvolvimental a diferenciação de forma a adquirir a autonomia e independência. Esta diferenciação significa afirmar a sua singularidade, individuação e o seu direito a pensamentos e opiniões próprias independentes dos valores que são defendidos pela família (Bowen, 1989; Martins, Rabinovich & Silva, 2008). Relativamente a este resultado, foi notória a mudança de visão de uma mãe, após o testemunho do filho, apercebendo-se do seu comportamento intrusivo e compreendendo a necessidade de dar espaço ao seu filho para que tenha os seus próprios segredos.

Por pais e filhos, na generalidade, foi referida a adoção um estilo educativo autoritativo através da definição flexível de limites e regras, não havendo uma imposição rígida da autoridade. Foram assim encontrados resultados que contrastam com a literatura, já que colocam a mãe num papel central da dinâmica familiar, assumindo não apenas as tarefas da liderança doméstica mas também da organização familiar, como é possível verificar através do discurso desta mãe: *“E ainda agora, o pai não está, não há problema nenhum, toda a gente janta, toda a gente dorme. A mãe vai para uma reunião, é uma confusão naquela casa até a mãe chegar porque não há sossego.”* (FG2,F4M4,Fe). Estes resultados contrastam nomeadamente com o estudo de Nóbrega (1997), onde o pai é ainda visto como o líder.

É referida pelos pais a adoção de um comportamento atento para com os filhos de forma a lidar com as vivências da sua adolescência. Este estar atento é referido por Sampaio (2002) como um comportamento que deve ser adotado pelos pais, de apoiar quando os filhos se deparam com os fracassos e incentivar quando alcançam o sucesso, sendo portanto um comportamento presente mas de respeito pela individuação para que os filhos passem a pertencer a si próprios.

Pais e filhos referiram ainda a existência do diálogo como estratégia utilizada para lidar com as vivências da adolescência. Este resultado é contrastante com o exposto na literatura que postula a adolescência como um período de turbulência familiar, no qual a família se afasta (Alarcão, 2002; Pratta & Santos, 2007). Apesar desta visão turbulenta da adolescência, outros autores como Martins (2005), Pratta e Santos (2007) e Pruteanu (2013) referem a existência de relações mais baseadas no diálogo. O diálogo assume na adolescência um papel fundamental pois a negociação eficaz do conflito permite o desenvolvimento familiar, bem como permite orientar o adolescente e demonstrar a confiança dos pais (Pratta & Santos, 2007). Apesar de o conflito ser frequentemente visualizado como um aspecto negativo, este é necessário para o desenvolvimento dos indivíduos pois permite lembrar todas as experiências prévias e a partir delas rever objetivos pessoais ou coletivos. O conflito permite prevenir a estagnação, de forma a estimular o desafio da oposição, a descoberta de problemas e a resolução dos mesmos, podendo ser uma fonte de transformações pessoais e familiares (Martins, 2005). O estudo realizado por Pruteanu (2013) revela dados consistentes com os resultados encontrados relativamente ao diálogo. Esta autora refere que de uma amostra de 400 adolescentes, a maioria dos mesmos (63.7% da amostra, n= 255) tem uma visão da relação com os pais como harmoniosa e baseada no diálogo, sendo caracterizada pela sinceridade, *fair-play*, confiança mútua e incondicional na aproximação a qualquer tópico de conversação. Seria pertinente em estudos futuros compreender até que ponto existe ausência de conflitos e quais as consequências dessa eventual ausência, uma vez que o conflito é referido por Erikson como sendo o propulsor da libertação do adolescente das identificações infantis precoces que tem dos pais.

Em relação à aproximação relacional, os filhos referem ter havido um aumento da aproximação aos pais nesta etapa da adolescência. Este resultado apresenta-se em contraste com a literatura. Collins e Laursen (2004) referem a existência de alterações na proximidade relacional entre pais e filhos na adolescência, havendo uma diminuição nos níveis subjetivos de proximidade que origina uma diminuição na quantidade de tempo que pais e filhos passam juntos. Também Bowlby (1969) refere a existência de alterações no padrão de vinculação relacional entre pais e filhos, havendo uma transferência deste padrão para outros adultos importantes para o adolescente, como

também para os pares e para os pares amorosos. Esta transferência do padrão provoca um afastamento dos filhos aos pais no sentido da autonomização, embora a relação pais-filhos permaneça como a relação mais importante e influente nos adolescentes.

Pelos pais foi por fim referida a existência da transmissão intergeracional de valores como estratégia adotada para lidar com a adolescência dos filhos. Esta estratégia é consistente com os escritos de Penso (2008). Esta autora refere que na adolescência a família inicia um reajuste das regras transgeracionais e dos padrões de relacionamento dos diferentes sistemas familiares de origem, num movimento dialético de pertença e separação na família nuclear que procura a autonomização dos filhos.

2. Visões sobre visões

Através do discurso de uma das mães no segundo *focus group* parece verificar-se por vezes uma inversão de papéis entre pais e filhos, onde a referida mãe refere sentir-se controlada pela filha, mais do que ela própria controla a filha. Esta inversão de papéis pode ocorrer devido à atual existência de relações mais horizontais entre pais e filhos, onde há uma diminuição dos espaços hierárquicos.

No primeiro focus group foi referido pelos pais um sentimento de grande responsabilização pelos comportamentos adotados pelos filhos. Esta visão foi reforçada pelos filhos no segundo focus group. Este aumento da responsabilidade parental pode ser consequência do vasto número de estudos (Brody & Forehand, 1993; Wahler, 1997; Myers, Stewart & Brown, 1998; Rohner & Britner, 2002; Andersson & Eisemann, 2003; Houzel, 2005; Nader, 2012) que surgem dando especial e fundamental relevância aos aspetos familiares, como o ambiente familiar, as práticas educativas parentais e a qualidade das relações familiares como preditivas do grau de disfuncionalidade dos indivíduos. Cada vez mais, e desde cedo, os pais são considerados como os principais agentes educativos, apesar da limitação de tempo que têm *“Como é óbvio a vida hoje é mais difícil, nós temos que... Pronto, a minha mãe foi uma pessoa que teve 3 filhos mas que apesar de não me ir levar à escola porque também era assim que funcionava (nós íamos, não sei quê), mas acabou por ter até mais tempo para nos dedicar a nós do que hoje nós aos filhos. Mas acho que a vida hoje é...”* (FG1,F8M8,Eli). Esta limitação de tempo é vivida de forma

penosa e culpabilizante, como os resultados deste estudo demonstram. Este assume-se como um paradoxo atual, muito presente nos resultados deste estudo.

Outro tópico referenciado por pais e filhos remete para os perigos da internet. Se inicialmente os pais referiam a internet como um problema pelo aliciamento dos sexualmente, os filhos ao visualizarem esta opinião referiram achar curiosa a preocupação dos pais apenas com as questões do aliciamento sexual, sem contemplarem a alienação provocada pela internet. Esta discordância pode dever-se ao aumento exponencial do número de aliciamentos e consequentes abusos sexuais que ocorrem através da internet, facto que cada vez mais preocupa os pais (Franks, 2012). Apesar de os pais não referirem a alienação como um problema associado à internet, esta questão colocada pelos filhos demonstra-se pertinente, sendo que é demonstrada pelo estudo de Huang e Leung (2009), o qual demonstra que a timidez e a alienação da família, pares e escola como significativas e positivamente associadas com o uso abusivo e aditivo da internet, sendo demonstrada também uma relação entre este uso da internet com baixos valores académicos. Num mundo cada vez mais crescente de novas tecnologias, a alienação passa a ser uma preocupação que ganha cada vez mais importância, sendo considerada atualmente pela APA como uma perturbação mental, passando esta a constar categoria nosológica na versão V do DSM.

Os resultados deste estudo evidenciaram ainda a existência de alterações nas suas visões relativamente a alguns aspetos da relação familiar. Estas alterações nas visões podem ser decorrentes da metodologia do *focus group* circular que foi utilizada. As visões alteradas surgiram após a visualização dos excertos do primeiro *focus group*, demonstrando uma tomada de perspetiva, dos filhos em relação à opinião dos pais, e dos pais em relação à opinião dos filhos. Esta tomada de perspetiva dos participantes realizou-se com recurso à integração da nova informação com as suas vivências anteriores, levando a que alguns participantes fizessem a revisão das suas práticas compreendendo a necessidade de alteração de determinados comportamentos. Estas mudanças ocorreram especialmente ao nível da perceção da gestão da proximidade versus liberdade, mostrando ser um tema da adolescência que permanece muito atual, e que possivelmente deve assumir um lugar de destaque nas intervenções familiares em famílias com adolescentes.

3. Limitações e sugestões para estudos futuros

No que se refere às limitações deste estudo é possível apontar o reduzido tamanho amostral e a grande homogeneidade entre os participantes, a qual pode dever-se ao método de recolha da amostra (bola de neve). Este método pode ter conduzido a uma excessiva homogeneidade da amostra, tornando-a pouco representativa da população. Apesar de o número de sessões ter sido suficiente para a obtenção de informação rica sobre o tema, o aumento do número de sessões seria ideal para uma abordagem mais aprofundada do tema.

Apesar de não se ter sentido a influência da inibição nos participantes, pois pouco se verificou a solicitação de exclusão de excertos (2 ocorrências relativas a questões bastante específicas da vida íntima dos participantes), esta pode ter ocorrido, nomeadamente pela participação de famílias. A utilização de famílias nesta investigação prendeu-se com um objetivo mais alargado do projeto *TeensFam (IN)Project*, o qual pretendeu verificar a ocorrência de alterações decorrentes da aplicação desta nova metodologia do *focus group* circular. Um estudo futuro passaria por estudos de caso intrafamiliares, de forma a estabelecer-se um cruzamento entre as visões de pais e as visões de filhos, de forma a permitir novos entendimentos e novas visões, mais integradas.

O facto de os *focus group* terem sido alternadamente conduzidos por duas investigadoras, com características pessoais distintas e diferentes formas de colocação de questões e condução das sessões, pode também constituir uma limitação deste estudo. Este aspeto pode ter influenciado os participantes e interferido com o tipo de dados revelados pelos mesmos.

De forma a suprimir algumas das limitações encontradas nesta investigação propõe-se a replicação deste estudo com uma amostra menos homogénea que inclua participantes de diferentes estratos sociais e socioeconómicos, níveis de escolaridade, um maior número de famílias não nucleares e ainda a inclusão de famílias disfuncionais. Seria ainda interessante acompanhar as famílias participantes desta investigação através de estudos intra-caso. Por fim seria pertinente no futuro investigar o que acontece antes dos 14 anos, uma vez que esta foi a idade considerada por pais e adolescentes como o início da adolescência, dado distinto da literatura.

Conclusão

Este estudo compreensivo da adolescência, embora com algumas limitações, demonstrou-se profundamente frutífero para a compreensão social e psicológica do fenómeno da adolescência, do ponto de vista dos pais e dos filhos.

Numa sociedade pautada a cada momento por novas alterações, onde a adolescência é frequentemente vista como uma fase tempestuosa e problemática, pais e filhos contemplados nesta investigação discordam desta conceção. Assim, caracterizam a adolescência como um período não conflituoso ou problemático, apesar de retratarem a adolescência dos outros como problemática. Estes resultados evidenciam um contraste entre as conceções pessoais e sociais sobre a adolescência, algo que poderia ser mais explorado num estudo futuro com uma amostra mais heterogénea do ponto de vista socioeconómico e cultural. A adolescência é ainda referida como uma fase que atualmente se prolonga no tempo mais do que anteriormente, sendo referido, ao contrário da literatura, um início mais tardio, o que contraria a ideia de redução da idade da infância e início precoce da pré-adolescência ou adolescência. Este dado remete para a necessidade de estudos futuros que explorem esta contrariedade.

No que diz respeito aos desafios e dificuldades de pais e filhos, os resultados remetem para dificuldades e desafios ao nível da relação dos adolescentes com os pares e com os pais, são também referidos aspetos como a preparação para a vida adulta, os perigos da internet e também a perda dos avós. É revelado pelos pais uma dificuldade em lidar com a sexualidade dos adolescentes pela iniciação cada vez mais precoce, a existência de diversos parceiros e a importância dos afetos que os pais consideram ausentes. Os filhos por sua vez consideram normal a iniciação da vida sexual, revelando a preocupação com o início de uma sexualidade responsável, no contexto de uma relação amorosa. No âmbito da relação com os pais o maior desafio e resultado inesperado encontra-se perante a negociação das saídas, já que os pais referem a necessidade de incentivarem os seus filhos a sair, uma vez que os filhos apesar de terem liberdade recusam-na. Evidenciada pelos adolescentes, surgiu ainda a dificuldade de lidar com a preparação para o futuro devido não apenas à exigência dos pais em termos escolares, como também devido à necessidade de preparação académica para o futuro e

devido à instabilidade profissional atual. A internet surgiu também como uma preocupação atual dos pais, devido ao aumento do perigo sexual.

Relativamente às estratégias e comportamentos adotados por pais e filhos, ambos referem a adoção de um estilo educativo maioritariamente autoritativo, pelos pais, para lidar com a adolescência dos filhos. É referida pelos pais a necessidade de se manterem atentos, de acompanharem e dedicarem-se aos filhos, favorecendo a confiança estabelecida entre ambos. Enquanto a literatura refere a existência de um distanciamento familiar e de falta de comunicação, os pais e filhos participantes desta investigação revelam a existência de diálogo e comunicação entre si, partilhando problemas, preocupações e debatendo outras questões mais genéricas. Os pais referem ainda a adoção de comportamentos que permitem a transmissão intergeracional de valores familiares de forma a incuti-los nos seus filhos.

No que se remete às visões sobre visões, um resultado a destacar é a grande concordância entre pais e filhos na generalidade dos conteúdos. Este resultado direciona-nos para a atual era do diálogo, onde se dá uma atenuação dos conflitos, através da discussão dos mesmos. Dos diálogos criados entre pais e filhos, surgiram novos temas, nomeadamente a existência de uma inversão de papéis entre pais e filhos, onde atualmente os filhos também controlam os pais, e o sentimento de hiper-responsabilização dos pais em relação aos comportamentos adotados pelos filhos.

Outro resultado a destacar foi a perceção diferencial de pais e filhos sobre os perigos da internet, ora como um perigo sexual ou como perigo de alienação, bem como a perceção sobre o grupo de pares, ora como uma má influência versus boa influência. Os filhos acham curioso que os pais apenas percecionem a internet como um problema de aliciamento e abuso sexual e não como um problema pela alienação dos estudos, fazendo com que os jovens se descurem das responsabilidades escolares. Enquanto os pais consideram o grupo de amigos como uma influência para os comportamentos do adolescente, os adolescentes revelam discordar, considerando que depende da personalidade e dos valores familiares que lhe foram transmitidos. A metodologia utilizada permitiu não só aceder a estas descontinuidades como também à ocorrência de alterações. Assim surgiram mudanças na forma como os pais geram a proximidade na relação com os filhos, enquanto estes últimos alteram a forma como olham para a liberdade dada pelos pais.

Em suma, este estudo sobre a adolescência e relação entre pais e filhos neste período, as visões de ambos e o cruzamento das mesmas, permite não só colocar em evidência os novos temas de preocupação (como a internet e o futuro profissional), mas também as novas formas de relação entre pais e filhos adolescentes como a aproximação relacional e a substituição do conflito pelo diálogo, como também poderá ter implicações terapêuticas no planeamento de futuras intervenções. Já que lança novas pistas para a investigação, nomeadamente a nova metodologia utilizada, apesar de carecer de investigação mais aprofundada sobre a sua eficácia, parece oferecer algumas mais-valias, nomeadamente o facto de esta permitir a circularidade, dando oportunidade a cada grupo de tomar o lugar de equipa reflexiva e originar novas informações, novos conhecimentos, novas conceções, novos entendimentos e também diferentes visões. Apesar das limitações já mencionadas, dadas as profundas alterações sociais na família, considera-se importante a realização de mais estudos sistémicos, que ponham em destaque, em contraste e em diálogo os discursos dos diferentes elementos da família. Isto, no sentido de se obter uma visão mais complexa e sistémica deste fenómeno.

Referências Bibliográficas

- Aboim, S. (2013). *A sexualidade dos Portugueses*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Abramo, H. W., & León, O. D. (2005). *Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais*. Recuperado de: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>
- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios Familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- American Psychological Association (2002). *Developing Adolescents: a reference for professionals*. Recuperado de: <http://www.apa.org/pi/families/resources/develop.pdf>
- Andersson, P. & Eisemann, M. (2003). Parental rearing and individual vulnerability to drug addiction: A controlled study in a Swedish sample. *Nordic Journal of Psychiatry*, 57(2), 147-156.
- André, S. & Silva, E. (2005). Percepção dos adolescentes sobre interações parentais. *Millenium*, 10(31), 88-92. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.19/426>
- Araújo, M. & Conde, A. (2013) *Focus Group Circular*. Documento em preparação. Porto.
- Barroso, R. & Machado, C. (2011). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52, 211-230. Recuperado de: [http://www.academia.edu/1294639/Definicoes Dimensoes e Determinantes da Parentalidade Definitions Dimensions and Determinants of Parenting](http://www.academia.edu/1294639/Definicoes_Dimensoes_e_Determinantes_da_Parentalidade_Definitions_Dimensions_and_Determinants_of_Parenting)
- Bellis, M. et al. (2001). Sex differences in brain maturation during childhood and adolescence. *Cerebral Cortex*, 11(6), 552-557. Recuperado de: <http://cercor.oxfordjournals.org/content/11/6/552.full.pdf+html>
- Bergevin, T., Bukowski, W. M., & Miners, R. (2005). Desenvolvimento Social (J. Pinheiro, Trans.). Em A. Slater & G. Bremner (Eds.), *Uma introdução à Psicologia Desenvolvemental* (pp. 385-410). Lisboa: Instituto Piaget.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.

- Birks, M. & Mills, J. (2011). *Grounded Theory: a practical guide*. Londres: Sage.
- Borges, C. & Santos, M. (2005). Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. *Rev. SPAGESP*, 6(1) 74-80. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010
- Bowen, M. (1989). *La terapia familiar en la práctica clínica - fundamentos teóricos* (vol. 2). Bilbao: Desclee de Brouwer.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol 1*. London: The Hogarth Press.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Braunstein, J. F. & Pewzner, E. (2003). *História da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Brody, G. & Forehand, R. (1993). Prospective association among family, family processes and adolescents alcohol and drug usage. *Behavior Therapy and Research*, 31, 587-593.
- Campos, D. & Cruz, O. (2011). *Questionário de estilos parentais (QEP) revisitado* (Trabalho não publicado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto. Recuperado de: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57265>
- Cavalcante, M., Alves, M. & Barroso, M. (2008). Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 12(3), 555-559. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a24>
- Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical guide through qualitative analysis*. Londres: Sage.
- Cigarro, A. (2011). *Vinculação, memórias de cuidados na infância e auto-conceito e depressão em adolescentes* (Dissertação de Mestrado Não Publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. (<http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/1673>)

- Coates, V. (1997). Transformações na família no transcorrer da adolescência dos filhos. *Adolescência Latinoamericana*, 1(-), 40-46. Recuperado de: <http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v1n1/p07v1.pdf>
- Coimbra, C., Bocco, F., & Nascimento, M. L. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 2-11. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v57n1/v57n1a02.pdf>
- Cole, M. & Cole, S. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Collins, W. (2003). More than myth: the developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13(1), 1–24. Recuperado de: <http://www.fed.cuhk.edu.hk/~lchang/material/adol/Reading%20List/Collins.pdf>
- Collins, W. & Laursen, B. (2004). Parent-Adolescent relationships and influences. Em R. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of Adolescent Psychology* (2nd edition). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Collins, W. & Steinberg, L. (2006). Adolescent development in interpersonal context. Em N. Eisenberg W. Damon & R. Lerner, (Eds.), *Handbook of Child Psychology, Vol. 3: Social, emotional, and personality development* (pp. 1003-1067). New York: Wiley.
- Confederación Española de Asociaciones de Padres y Madres de Alumnos (2013). *¿Cómo mantener una buena relación con mi hijo o hija adolescente? Pautas para mejorar la relación con nuestros hijos e hijas y lograr prevenir el consumo de drogas*. Madrid: CEAPA. Recuperado de: http://www.ceapa.es/c/document_library/get_file?uuid=a35cdb9b-6a85-4f45-a249-ec0ee3846dce&groupId=10137
- Conti, M., Gambardella, A. & Frutuoso, M. (2005). Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes e a sua relação com a maturação sexual. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(2), 36-44. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v15n2/05.pdf>

- Costa, L. (2010). A Perspectiva Sistêmica para a Clínica da Família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 95-104. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a08v26ns.pdf>
- Costa, M., Lopes, C., Souza, R. & Patel, B. (2001). Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Psiquiatria*, 77(2), 217-224. Recuperado de: <https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CDYQFjAA&url=http%3A%2F%2Fxa.yimg.com%2Fkq%2Fgroups%2F24183809%2F1088503755%2Fname%2Fport-4.pdf&ei=pARLUr-7DITC7AbBhoGIDA&usq=AFQjCNH7QYkxOMIdxK1t3bPzsQB3ag7YSQ&sig2=o0GF5bHMqsV6tdFLOa92iQ&bvm=bv.53371865,d.ZGU>
- Coutinho, L.G. (2005). A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional - Revista de Psicanálise*, 17(181), 13-19. Recuperado de: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/181_02.pdf
- Cruz, T. (2007). Adolescente, família e o profissional de saúde. *Adolescência e Saúde*, 4(3), 45-50.
- Damasceno, V., Vianna, V., Vianna, J., Lacio, M., Lima, J. & Novaes, J. (2006). Imagem corporal e corpo ideal. *Ciência e Movimento*, 14(2), 81-94. Recuperado de: http://www.trainingcomp.com/ciencia/1_Imagem_corporal_y_cuerpo_ideal.pdf
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*, 2(2), 6-7. Recuperado de: http://adolescenciaesaude.com/imagebank/PDF/v2n2a02.pdf?aid2=167&nome_en=v2n2a02.pdf
- Erikson, E. (1968). *Identity Youth and crisis*. New York: Norton & Company
- Feldman, R. S. (2007). *Introdução à Psicologia (6ª ed.)*. Lisboa: McGraw Hill.
- Fernandes, E., Maia, A. (2001). Grounded Theory. Em Fernandes, E. & Almeida, L. (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp.49-76). Braga: Universidade do Minho.

Fernandes, F. & Gonçalves, C. (2012). Escolhas vocacionais dos jovens: projetos pessoais ou projetos familiares? *Amazônica*, 8(1), 173-184. Recuperado de: https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CC8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fsigarra.up.pt%2Ffpceup%2Fpt%2Fpubls_pesquis_a.show_publ_file%3Fpct_gdoc_id%3D25514&ei=Jw1OUvO6Bsmw7AesoHYCg&usg=AFQjCNFaJ7-8le0IvG_pyQEfBn9MlnjqUg&sig2=Jg4bKo8vLekiRUvnV1YegA&bvm=bv.53537100,d.ZGU

Fernández, M. (2005). *Relaciones familiares y ajuste en la adolescencia* (Tese de Doutoramento não publicada). Recuperado de: Universitat de València (http://www.uv.es/lisis/otras-publica/tesis_manuela.pdf)

Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2006). Adolescências... Adolescentes. *Educação, Ciência e Tecnologia*, 1(32), 141-162. Recuperado de: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium32/11.pdf>

Fleming, M. (1997). *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.

Fonseca, H. (2004). Abordagem sistémica em saúde dos adolescentes e suas famílias. *Adolescência e Saúde*, 1(3), 6-11.

Franks, M. (2012). Sexual harassment 2.0. *Maryland Law Review*, 7(3), 655-704. Recuperado de: <http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=9c01b49b-fa01-4d62-8b6f-f18a8350ac80%40sessionmgr112&vid=2&hid=127>

Freitas, H. & Oliveira, M. (1997). Focus Group – pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planeamento. *Revista de Administração de São Paulo*, 33(3), 83-91. Recuperado de: www.rausp.usp.br/download.asp?file=3303083.pdf

Freud, S. (2001). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil.

Furman, W., & Shaffer, L. (2013). The role of romantic relationships in adolescent development. Em P. Florsheim (Ed.), *Adolescent romantic relations and sexual behavior: theory, research, and practical implications* (pp. 3-22). Mahwah, NJ, Psychology Press. Recuperado de:

<http://www.ewidgetsonline.net/dxreader/Reader.aspx?token=DJPkWuHr9iMIRmgWVPn8bw%3d%3d&rand=496964165&buyNowLink=&page=&chapter=>

Garritano, E. (2008). *O adolescente e a cultura do corpo*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Recuperado de: UVA. (http://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_psicanalise/7_ELIANA_JULIA_DE_B_GARRITANOS-O_Adolescente_e_a_Cultura_do_Corpo.pdf)

Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Sociology Press.

Gleitman, H., Fridlund, A. J. & Reisberg, D. (2007). *Psicologia (7ª ed.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gomes, V. (2011). *A vinculação ao pai e à mãe nas grávidas adolescentes* (Dissertação de Mestrado Não Publicada). Faculdade de Psicologia, Lisboa.

Grossman, E. (1998). A adolescência através dos tempos. *Adolescencia Latinoamericana*, 1(2), 68-74. Recuperado de: <http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v1n2/p03v01n2.pdf>

Guimarães, F. & Costa, L. (2003). Clínica psicológica do adolescente: do sistema à abordagem narrativa. *Paidéia*, 12(24), 163-174. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/05.pdf>

Hardy, S., Padilla-Walker, L. & Carlo, G. (2008). Parenting dimension and adolescents' internalisation of moral values. *Journal of Moral Education*, 37(2), 205-223.

Hopfer, K. & Maciel-Lima, S. (2008). Grounded Theory: avaliação crítica do método nos estudos organizacionais. *Revista FAE*, 11(2), 15-24. Recuperado de: http://www.fae.edu/publicacoes/fae_v11_2/02_Katia%20e%20Sandra.pdf

Houzel, D. (2005). Influência de fatores familiares sobre a saúde mental de crianças e de adolescentes. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3, 443-479. Recuperado de: https://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/revistas/volume08/n3/influencia_de_fatores_familiares_sobre_a_saude_mental_de_crianças_e_de_adolescentes.pdf

- Huang, H. & Leung, L. (2009). Instant messaging addiction among teenagers in China: shyness, alienation, and academic performance decrement. *CyberPsychology & Behaviour*, 12(6), 675-679. Recuperado de <http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=eed74c2c-8ffc-4bc7-9dfc-ef8b2c2e6911%40sessionmgr111&vid=2&hid=127>
- Kaliteyevskaya, E., Borodkina, I., Leontiev, D. & Osin, E. (2006). Meaning, adjustment, and autodetermination in adolescence. Em A. D. Fave (Eds.), *Dimensions of well-being: research and intervention* (pp. 157-171). Milano: Franco Angelini.
- Kerr, M., Stattin, H., Biesecker, G., & Ferrer-Wreder, L. (2003). Relationships with parents and peers in adolescence. Em R. Lerner, M. A. Easterbrooks & J. Mistry (Eds.), *Handbook of Psychology Vol. 6: Developmental Psychology*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Khan, M., Anker, M., Patel, B., Barge, S., Sadhwani, H. & Kohle, R. (1991). The use of *focus groups* in social and behavioural research: some methodological issues. *World Health Stat Q.*, 44(3), 145-9. Recuperado de: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1949882>
- LaRossa, R. (2005). Grounded theory methods and qualitative family research. *Journal of Marriage and Family*, -(67), 837-857.
- Laursen, B., Coy, K. & Collins, W. (1998). Reconsidering changes in parent-child conflict across adolescence: A meta-analysis. *Child Development*, 69, 817-832.
- Lee, K., & Freire, A. (2005). Desenvolvimento Cognitivo (J. Pinheiro, Trans.). Em A. Slater & G. Bremner (Eds.), *Uma introdução à Psicologia Desenvolvimental* (pp. 357-384). Lisboa: Instituto Piaget.
- Lírio, L. C. (2012). Adolescência na pós-modernidade. Em *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*, São Leopoldo, EST. Recuperado de: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/16/11>
- Mack, N., Woodsong, C., MacQueen, K., Guest, G. & Namey, E. (2005). Focus Groups. Em Family Health International (Ed.), *Qualitative Research Methods: A Data Collector's Field Guide* (pp. 51-115). Recuperado de:

<http://www.fhi360.org/NR/rdonlyres/exojqw6qww2dfbxk2rdix3dmwzr5i4eviuqzhlz2qk25eabfd6tyttmmmqmo6epkn7mecnva7bw5bh/focusgroups1.pdf>

Marchi, R. (2007). Os Sentidos (paradoxais) da Infância nas Ciências Sociais: um estudo de Sociologia da Infância crítica sobre a “não-criança” no Brasil (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperada de: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/ritamarTSE.pdf>

Marques, C., & Torres, A. (2009) “*Não há ideais de pais, falhamos sempre*”: dilemas da parentalidade no início do século XXI. Artigo apresentado no X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Braga. Recuperado de: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31018796/Volume04.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIR6FSIMDFXPEERSA&Expires=1382659816&Signature=sCdrF1gGI0vzvF2eTRPfiV5zMYk%3D&response-content-disposition=inline#page=117>

Marques, M., Vieira, N. & Barroso, M. (2003). Adolescência no contexto da escola e da família – uma reflexão. *Família, Saúde e Desenvolvimento*, 5(2), 141-146. Recuperado de: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/refased/article/view/8094/5713>

Martins, E., Rabinovich, E. & Silva, C. (2008). Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicologia USP*, 19(2), 181-197.

Martins, V. (2005). *Empresa familiar: os conflitos entre o sistema familiar e o sistema organizacional em uma empresa cartarinense*. Biguaçu: Universidade do Vale o Itajaí.

Mead, M. (1951) *Adolescencia y cultura en Samoa*. Buenos Aires: Paidós.

Menezes, I. (1990). Desenvolvimento no contexto familiar. Em B. Campos (Ed.). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens, volume II*. Lisboa: Universidade Aberta.

Minuchin, S. (1971). Reconceptualization of adolescent dynamics from the family point of view. Em D. Offer & J. Masterson (Eds.), *Teaching and learning adolescent psychiatry: Proceedings*. California: Thomas.

Morgan, D. (1998). *Planning Focus Groups: Focus Group Kit 2*. Sage Publications: California.

Myers, M., Stewart, B., Brown, S. (1998). Progress from conduct disorder to antisocial personality disorder following treatment for adolescent's substance abuse. *American Journal of Psychiatry*, 155, 479-485.

Nader, E. (2012). *Avaliação da estrutura familiar com crianças e adolescentes portadores de transtorno bipolar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Recuperado de: Departamento de Psiquiatria da Universidade de Medicina de S. Paulo (http://www.psiquiatriafmusp.org.br/pg/userfiles/Dissertacoes%20e%20Teses/2012/Mestrado/EdmirCavalcantiGurgelPiniNader_1.pdf)

Neves, C. D. (2011). *Diferenciação do self: diferenças entre pais e filhos adolescentes e relação com o ambiente familiar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Recuperado de: Repositório da Universidade de Lisboa (<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5101>)

Nóbrega, N. (1997). O Papel da parentalidade na construção do sujeito. *Coletâneas ANPEPP*, 1(7), 135-146. Recuperado de: <http://www.infocien.org/Interface/Colets/v01n07a011.pdf>

Oliva, A. (2006). Relaciones familiares y desarrollo adolescente. *Anuario de Psicología*, 37(3), 209-223. Recuperado de: <http://personal.us.es/oliva/Oliva1.pdf>

Oliveira, M. & Freitas, H. (1998). A realidade operacional do *Focus Group* como investigação qualitativa... Feedback de uma experiência monitorada. Recuperado de: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_1998/AI/AI9.pdf

Oliveira, M., Pinto, R. & Souza, A. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 16-27. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n1/v11n1a03.pdf>

Ozella, S., & Aguiar, W. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133>

Paiva, F. S. & Ronzani, T. M. (2009). Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. *Psicologia em estudo*, 14(1), 177-183. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a21v14n1.pdf>

- Parra, A. & Oliva, A. (2006). Un análisis longitudinal sobre las dimensiones relevantes del estilo parental durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 29(4), 453-470. Recuperado de: <http://personal.us.es/oliva/dimensiones%20relevantes.pdf>
- Penso, M. (2008). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo, Summos
- Pereira, E. & Matos, M. (2008). Grupo de pares, comportamentos desviantes e consumo de substâncias. Em M. Matos (Ed.), *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola* (pp.160-174). Lisboa: Edições FMH. Recuperado de: http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/Comunicacao.Gestao.de.conflitos.e.Saude_2005R.pdf
- Pinto, J. M. (2003). *Adolescência e Escolhas: à descoberta da singularidade*. Coimbra: Quatero.
- Ponte, C. & Vieira, N. (2008). *Crianças e Internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional*. Artigo apresentado no 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Braga. Recuperado de: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/236/255>
- Pratta, E. & Santos, M. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256.
- Pruteanu, L. (2013). The influence of the intra-family communication on the adolescent development. Em N. Gavriluta, I. Frasin & C. Vasiliu (Eds.), *Unity and diversity in knowledge society* (pp.267-282). Iasi, Romania: Institutul European. Recuperado de: <http://sistem.acadiasi.ro/sites/default/files/%2BUnity%20and%20Diversity%20in%20Knowledge%20vol%201%20online%2012mart2013.pdf>
- Rasera, E., Santos, L., Faria, L., Aguiar, R. & Pires, V. (2006). A construção de um estágio em Psicoterapia de grupo: uma perspectiva construcionista social. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 7(2), 30-39. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v7n2/v7n2a06.pdf>

- Reichet, C. & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e a sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38(3), 292-299.
- Relvas, A. (2004). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Richard, M. (1998). *As correntes da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rodrigues, A., Albuquerque, C., Bento, C., Vieira, J. & Silva, J. (2004). *Grounded theory: problemas de “alicerçagem”*. Recuperado de: http://arodrigues.alfarod.net/docs/articles/2004_GroundedTheory.pdf
- Rohner, R. & Britner, P. (2002). Worldwide mental health correlates of parental acceptance-rejection: Review of cross-cultural and intracultural evidence. *Cross-Cultural Research*, 36(1), 16-47.
- Ryan, G. & Bernard, H. (2000). Data management and analysis methods. Em N. Denzin & Y. Lincon (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed.) (pp.769-802). Londres: Sage.
- Sampaio, D. (2002). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, M. & Luz, E. (s.d.). *A Grounded theory segundo Charmaz: experiências de utilização do método*. Recuperado de: http://www.infiressources.ca/fer/depotdocuments/A_Grounded_Theory_segundo_Char_maz-experiencias_de_utilizaco_do_metodo.pdf
- Santos, M., Neto, M., & Souza, Y. (2011). Adolescência em revista: um estudo sobre representações sociais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(2), 103-113.
- Schencker, M. & Minayo, M. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciências e Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717.
- Schoen-Ferreira, T., Aznar-Farias, M. & Silveiras, E. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17240.pdf>

- Schoen-Ferreira, T., Aznar-Farias, M. & Silvaes, E. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2.pdf>
- Silva, M. (2005). Equipe Reflexiva, quais as diferenças que criam diferenças? (Monografia). *IGT na Rede* 2(3). Recuperado de: <http://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/include/getdoc.php?id=1074&article=51&mode=pdf>
- Silva, S. (2003). Adaptação académica, pessoal e social do jovem adulto ao ensino superior: contributos do ambiente familiar e do autoconceito. (Dissertação de Mestrado). Recuperado de: CDI- ESEC. (http://www.esec.pt/cdi/ebooks/docentes/S_Silva/Tese.M.pdf)
- Smetana, J. (2005). Adolescent-parent conflict: Resistance and subversion as developmental process. Em L. Nucci (Ed.), *Resistance, subversion, and subordination in moral development* (pp. 69-91). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Amadora: McGraw Hill.
- Sprinthall, N. & Collins, W. (1999). *Psicologia do Adolescente: uma abordagem desenvolvimentalista* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and Affective development in adolescence. *Trends in Cognitive Science*, 9(2), 69-74. Recuperado de: <http://www.temple.edu/psychology/lids/documents/CognitiveandAffectiveDEvelopmentTICS.pdf>
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. California: Sage.
- Susman, E., Dorn, L. & Schiefelbein (2003) Puberty, sexuality and health. (2003). Em R. Lerner, M. A. Easterbrooks & J. Mistry (Eds.), *Handbook of Psychology Vol. 6: Developmental Psychology*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Taveira, M. & Silva, J. (2008). *Psicologia vocacional perspectivas para a intervenção*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

United Nations Children's Fund (2011). *Adolescence: An age of opportunity*. Recuperado de: http://www.unicef.org/sowc2011/pdfs/SOWC-2011-Main-Report_EN_02092011.pdf

Vieira, C. (2011). *As dificuldades de tomada de decisão vocacional e auto-conceito em alunos do 8º e 9º ano de escolaridade* (Dissertação de Mestrado não publicada). Retirada de: Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa, Porto. (http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2936/3/DM_14308.pdf)

Vieira, C. (2012). *“Eu faço sexo amoroso” – A sexualidade dos adolescentes pela voz dos próprios*. Lisboa: Bizâncio

Wagner, A. (2005). *Como se perpetua a família? – A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: Edipucrs.

Wagner, A., Predebon, J., Mossman, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Prática*, 21(2), 181-186.

Wahler, R. (1997). On the origins of children's compliance and opposition: Family context, reinforcement and rules. *Journal of Child and Family Studies*, 6(2), 191-208.

Anexos

1. Anexo I – Consentimento Informado

Consentimento Informado

Universidade Portucalense

Dissertação de Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Projeto de Investigação

Adolescência e parentalidade: um estudo exploratório a partir de grupos de discussão.

Este estudo tem como objetivo compreender as concepções de pais e filhos adolescentes sobre a adolescência na atualidade, suas dificuldades e desafios. Este estudo implica a realização de sessões de discussão com pais de adolescentes e respetivos filhos adolescentes, separadamente, bem como o preenchimento de questionários na primeira e na terceira sessão. Todas as sessões serão filmadas. A primeira sessão realizada com cada um dos grupos será filmada. As investigadoras irão selecionar excertos do vídeo da 1ª sessão com pais e filhos para serem trabalhados posteriormente com cada um dos grupos na 2ª sessão. Assim, o grupo de pais visualizará excertos do vídeo da 1ª sessão dos adolescentes e o grupo de adolescentes visualizará excertos do vídeo da 1ª sessão com os pais. A terceira sessão consiste numa sessão de reflexão sobre as sessões anteriores.

Papel dos Participantes:

1. Preenchimento dos seguintes questionários:
 - a) Questionário Sociodemográfico;
 - b) 3 Questionários sobre a parentalidade na adolescência

2. Participação em 3 sessões filmadas de focus grupo – grupo de discussão.

Papel dos Investigadores:

1. O investigador deste projeto de investigação compromete-se a:
 - a) Garantir a confidencialidade de todas as informações recolhidas no âmbito da investigação;
 - b) Utilizar os dados recolhidos, questionários e vídeos, para fins de investigação, garantindo que todas as informações pessoais serão protegidas.

Consentimento Informado:

Eu, _____,
aceito participar no projeto de investigação supracitado. Declaro que tomei conhecimento dos objetivos e procedimentos deste estudo. Autorizo a participação do meu/minha filho/a _____,
assim como a utilização de todos os dados recolhidos (vídeos e questionários) para fins de investigação. Tenho conhecimento que podemos desistir da participação neste projeto de investigação a qualquer momento.

Assinatura:

Data: / / 2013

Investigadores:

Sandra Santos

Elisabete Freitas

2. Anexo II – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Identificação do respondente

Idade: _____

Profissão dos pais: _____

Sexo: M F

Mãe: _____

Estado Civil: _____

Pai: _____

Local de residência:

Habilitações literárias:

1º Ciclo 1

Ensino Secundário 4

2º Ciclo 2

Ensino Superior (Licenciatura,

3º Ciclo 3

Bacharelato, Mestrado,
Doutoramento) 5

Estatuto ocupacional:

Empregado 1

Outro: 4

Desempregado 2

Estudante 3

Rendimento Familiar:

Baixo 1

Médio-alto 3

Médio 2

Alto 4

Composição do agregado familiar:

<u>Elementos do agregado familiar</u>	<u>Idade dos elementos do agregado familiar</u>
Eu	
Pai	
Mãe	
Irmão 1	
Irmão 2	
Irmão 3	
Irmão 4	
Irmão 5	
Irmão 6	

3. Anexo III – Tarefas da 3ª sessão

3.1. Instruções da 1ª tarefa:

Instruções - Filhos

1. Definir um líder no grupo para apresentar as ideias.
2. Escrever na folha fornecida o que gostariam de dizer aos pais sobre:
 - a) A fase da adolescência;
 - b) A experiência vivida neste processo (focus group);
 - c) O que entendem atualmente e que não entendiam antes desta experiência;
 - d) O que mudou: em cada um de vocês, nos vossos pais e na vossa família.
3. Seleccionem dois momentos marcantes de toda esta experiência;
4. Descrevam o que ainda gostariam de dizer aos pais.

Instruções - Pais

1. Definir um líder no grupo para apresentar as ideias.
2. Escrever na folha fornecida o que gostariam de dizer aos vossos filhos sobre:
 - e) A fase da adolescência;
 - f) A experiência vivida neste processo (focus group);
 - g) O que entendem atualmente e que não entendiam antes desta experiência;
 - h) O que mudou: em cada um de vocês, nos vossos filhos e na vossa família.
3. Seleccionem dois momentos marcantes de toda esta experiência;
4. Descrevam o que ainda gostariam de dizer aos filhos.

3.2.Folha para a 2ª tarefa:

Família _____

Antes Como descrevem a família antes deste processo.	Agora Como descrevem a família agora.

4. Anexo IV – Grelha de excertos selecionados

4.1. *Focus Group* dos filhos

Minutos de vídeo	Conteúdos		
	Discrepantes (tema)	Que não surgiram (tema)	Com ressonância emocional (tema)
(Elis) 2:13 – 2:26; 2:31 – 2:40	Conceito de Adolescência		
(Elis) 3:31 – 3:34; 3:35 – 3:38; 3:40 - 4:03; 4:21 - 4:33; 4:42 – 4:55; (S.) 7:33 – 7:39; 7:55 – 7:57 e 8:05 – 8:12; 8:31 – 8:35 e 8:41 – 8:47;	Início da adolescência, as mudanças, a postura		
(Elis) 5:11 – 5:16; 5:34 - 5:42; 6:12 – 6:23; 6:30 – 6:37; 56:22 – 56:45; 56:48 – 57:23; 57:23 – 57:43; (S.) 6:45 – 7:07; 7:14 – 7:22; 7:46 – 7:49;	As responsabilidades, a liberdade		
(Elis) 10:23 – 10:27; 10:55 – 10:58; 11:53 – 12:02 e 12:07 – 12:27; 12:31 – 12:40; 13:07 – 13:31; 15:57 – 16:27 19:20 – 20:07 (S.) 10:22 – 10:45 e 10:48 – 11:12;	As dificuldades e desafios: a confiança, o dar a opinião, as saídas		

12:49 - 13:35 e 14:04 - 14:20;			
(Elis) 17:14 - 17:51; 17:53 - 18:31;	Como lidaram e como lidam atualmente		
(S.) 17:58 - 18:25			
(Elis) 21:00 - 21:24; 21:32 - 22:02; 23:14 - 23:46; 23:59 - 24:38;		Os gastos/ independência financeira	
(S.) 21:21 - 21:54 e 22:00 - 22:23;			
(Elis) 27:56 - 28:49; 28:53 - 29:21 e 29:25 - 29:41; 30:03 - 30:21 e 30:26 - 30:47; 31:22 - 31:29; 31:34 - 31:40 e 31:55 - 32:29 e 32:50 - 32:59; 35:57 - 36:31 e 36:37 - 36:59; 37:23 - 37:32;		Mudanças na relação	
(S.) 24:26 - 26:03; 26:07 - 27:14; 32:52 - 33:06 e 33:16 - 34:14; 36:57 - 37:41 e 38:05 - 38:14 e 38:20 - 38:48; 39:11 - 40:36			
(Elis) 41:23 - 41:34 e 41:52 - 42:16 e 42:20 - 42:49; 43:28 - 43:44; 43:48 - 43:55 e 44:11 - 44:20;		A exigência dos pais	
-			
(Elis) 45:08 - 45:23;		Diferenças de género	

46:08 – 46:35; 46:37 – 48:04			
(S.) 44:47 – 45:00 e 45:05 – 45:28; 1:00:03 – 1:00:37 e 1:00:39 – 1:01:22; 1:00:42 – 1:01:09;			
(Elis) 59:40 – 1:00:31		As preocupações dos pais e dos filhos	
-			
(Elis) 1:05:07 – 1:06:52 1:16:32 – 1:17:07 1:17:21 – 1:17:43 - G.; 1:07:36 – 1:09:59 1:15:22 – 1:16:30 - Es; 1:11:32 – 1:12:44 1:13:47 – 1:14:15 - A.; 1:12:46 – 1:13:19 - F.;			Momentos com os pais
(S.) 1:10:12 – 1:10:25 1:10:30 – 1:11:42 1:17:46 – 1:18:00 (vídeo Elis) - C.; 1:11:50 – 1:12:48 - Ma1; 1:15:45 – 1:16:39 - P.;			

<p>(Elis)</p> <p>1:18:23 – 1:19:12; 1:19:13 – 1:19:51; 1:19:52 – 1:20:54; 1:21:08 – 1:21:23; 1:21:26 – 1:22:39; 1:22:46 – 1:23:21; 1:23:22 – 1:24:13; 1:24:19 – 1:25:12;</p>			<p>Como imaginam os pais num mundo ideal</p>
<p>(Elis)</p> <p>1:30:34 – 1:30:36; 1:30:40 – 1:30:43; 1:30:46 – 1:30:49; 1:30:52 – 1:31:00; 1:31:04 – 1:31:12; 1:31:13 – 1:31:20; 1:31:30 – 1:32:09; 1:32:35 – 1:32:54; 1:32:59 – 1:33:16</p>			<p>Como vêm os pais numa palavra</p>
<p>(S.)</p> <p>1:29:09 – 1:29:12</p>			

4.2. Focus Group dos pais

Minutos de vídeo	Conteúdos		
	Discrepantes (tema)	Que não surgiram (tema)	Com ressonância emocional (tema)
<p>(Elis)</p> <p>a. 01:07 – 01:29 e 01:34 – 01:47;</p> <p>b. 02:05 – 02:36;</p> <p>c. 07:08 – 08:40; (S.)</p> <p>d. 04:39 – 04:41 e 04:47 – 05:20;</p> <p>e. 06:20 – 06:36 e 06:59 – 07:36;</p>	Adolescência, experimentação, evidenciar-se		
<p>(S.)</p> <p>f. 11:51 – 12:12 e 13:42 – 13:46;</p>			
<p>(S.)</p> <p>a. 12:26 - 13:09;</p>		A internet como um problema.	
<p>(Elis)</p> <p>b. 09:45 – 10:07;</p> <p>c. 22:58 – 24:06 e 24:10 – 24:21;</p>			
<p>(Elis)</p> <p>16:07 – 16:27 e 16:33 – 17:32;</p> <p>19:27 – 19:49 e 20:30 – 20:45;</p>			A vivência familiar
<p>(Elis)</p> <p>-</p>	O grupo de amigos		
<p>(S.)</p> <p>28:44 – 30:08;</p>			
<p>(Elis)</p> <p>a. 27:59 – 28:13 e 28:20 – 28:40;</p> <p>35:09 – 35:24;</p> <p>42:57 – 43:37 e 43:46 – 44:17;</p>		Autonomia	
<p>(S.)</p> <p>b. 32:10 – 32:46;</p> <p>c. 36:19 – 36:32 e 36:49 – 37:10;</p> <p>d. 39:08 – 39:17 e 39:27 – 39:31;</p>			

(Elis) 39:39 – 39:47			A relação
(S.) a. 41:48 – 43:26; b. 43:28 – 44:24;			
(Elis) 41:05 – 41:36;	O marco da adolescência dos filhos		
(Elis) b. 47:42 – 48:22 e 49:04 – 49:19 e 50:04 – 50:30;		A experimentação	
(S.) a. 51:04 – 51:24;			
(Elis) a. 1:05:00 – 1:05:55; b. 1:06:13 – 1:06:50; d) 1:09:40 – 1:09:55 e 1:11:07 – 1:11:12; 1:12:26 – 1:13:12; f) 1:14:16 – 1:14:17; h)1:14:20 – 1:14:22;			Os namoros e o sexo
(S.) c. 1:13:24 – 1:15:20 e) 1:19:13 – 1:20:41 e 1:21:10 – 1:21:29; g) 1:21:32 – 1:21:34;			
(Elis) 1:25:14 – 1:26:26 1:26:37 – 1:26:56 H. (mãe do D.) 1:27:09 – 1:28:43 1:39:12 – 1:39:19 1:40:01 – 1:40:29 D.(pai do A.) 1:29:07 – 1:29:30 1:42:50 – 1:43:21 Eli (mãe do Es.) 1:29:35 – 1:30:09 1:43:41 – 1:43:50 L.(mãe do Mi) 1:31:24 – 1:32:01 B.(mãe do C)			Momentos com os filhos

1:32:08 – 1:33:07 1:42:13 – 1:42:44 M.M. (mãe da Jo2) 1:33:17 – 1:33:54 1:38:07 – 1:38:16 1:38:33 – 1:38:48 M.C.(mãe do F.) 1:33:57 – 1:36:01 Fe (mãe do A.) 1:36:14 – 1:37:24 M.J.(mãe do Jo1)			
(Elis) 1:37:43 – 1:37:49;			O que os momentos dizem sobre a relação
(Elis) 1:45:07 – 1:45:19; 1:45:19 – 1:45:27;			Como os pais acham que os filhos os vêem